

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

ALEX CRIADO

Falares: a oralidade como elemento construtor  
da grande-reportagem

São Paulo  
2006

ALEX CRIADO

Falares: a oralidade como elemento construtor  
da grande-reportagem

Tese apresentada à Escola de  
Comunicações e Artes da Universidade  
de São Paulo para obtenção do título de  
doutor em Ciências da Comunicação.

Área de concentração: Jornalismo.  
Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Pereira  
Lima

São Paulo  
2006

# Folha de Aprovação

Alex Criado  
Ciências da Comunicação

Tese apresentada à Escola de  
Comunicações e Artes da  
Universidade de São Paulo para  
obtenção do título de doutor.  
Área de concentração: Ciências  
da Comunicação.

Aprovado em:

## Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Para Edilene Cruz,

por existir em minha vida.

## **Agradecimentos**

Ao Edvaldo Pereira Lima, por ter desmontado tão honestamente minha desistência e por ter acreditado.

A Alice Mitika Koshiyama, pela preocupação constante e pelo firme apoio.

A Monica Martinez, pelas sugestões enriquecedoras.

A Jaqueline Lemos, pela generosidade em me apresentar Maria e pelos incontáveis socorros.

A Cristina Sato, pela permanente disposição em me ajudar nos momentos de desespero.

A Maria Vieira, por ter cedido sua história de forma tão carinhosa.

A Elaine Silva, que interrompeu suas férias para transcrever as entrevistas e o fez com todo o cuidado.

Aos amigos Renata Carraro, Bernadete Toneto, Denise Casatti e Sérgio Vilas Boas, pela entusiasmada torcida.

A Dimas Künsch, pela cobrança irredutível.

A Denise Carreira, Fred Ghedini e Julinha, que da África do Sul acompanharam tudo.

Aos familiares e amigos, pela compreensão.

Ao Fernando Cortese, por ter ouvido todos os desabafos.

A Tatiana Tanaka, pela ajuda de última hora.

Aos meus colegas de trabalho, Graciela, Ana Cláudia, Agueda, Ana, Gledson e Luciene, por suportarem minha tensão e, ainda assim, me ajudarem.

A Editora Salesiana, na pessoa do Pe. Ailton dos Santos, pela compreensão.

A Edilene, leitora, crítica, ouvinte, enfim, companheira que ajudou em tudo.

## Resumo

CRIADO, Alex. **Falares: a oralidade como elemento construtor da grande-reportagem**. 2006. 144 f. Tese (doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Esta tese discute a incorporação da oralidade de falantes excluídos social e culturalmente na grande-reportagem. O foco desta pesquisa é refletir como a grande-reportagem no Brasil, em sua missão de desvendamento do real, tem lidado com a questão da oralidade. Discute os desafios para a incorporação dos registros orais de pessoas com baixa escolaridade, tendo em vista o preconceito que existe na sociedade em relação aos falantes que se utilizam de modalidades diferentes da língua padrão. Propõe algumas reflexões e procedimentos para o jornalista ao incorporar a fala de protagonistas de baixa escolaridade em sua reportagem. E realiza um experimento prático de construção de História de Vida de uma faxineira de São Paulo, oriunda do meio rural de Minas Gerais.

Palavras-chave: Jornalismo – Reportagem – Oralidade – Narrativa – História de Vida – Jornalismo Literário – Epistemologia – Ética jornalística.

## Abstract

CRIADO, Alex. **Ways of speaking: orality like a constructor element of reporting.** 2006. 144 f. Thesis (doctoral). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

This thesis discusses the incorporation into reporting of the orality of speakers who are socially and culturally excluded. The focus is upon considering how reporting in Brazil, in its mission of tapping into reality, has dealt with the orality issue. It discusses the challenges to incorporate oral records from people with low educational level, by considering the prejudice that exists in society against speakers who use different variations of standard idiom. It proposes analysis and procedures regarding how journalists can introduce into reporting the speeches from main characters with low educational level in. There is also a practical experiment that comprises the writing of a cleaning woman's life history.

Keywords: Journalism – Reporting – Orality – Life History – Literary Journalism – Epistemology – Journalistic Ethics.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	pág. 08
<b>1- A Pesquisa:</b> .....	pág. 15
<b>2- Conceitos:</b> .....	pág. 27
<b>3- Análise</b> .....	pág. 66
<b>4- Pesquisa empírica</b> .....	pág. 83
<b>5- Conclusões</b> .....	pág. 131
<b>Referências</b> .....	pág. 140



## **Introdução**

A justificativa de uma pesquisa deveria abordar a importância daquele tema para a ciência, relacioná-la com outras investigações já feitas etc. Não é impossível buscar razões objetivas que justifiquem determinadas escolhas. Mas isso é apenas uma fina película da realidade. As razões são pessoais e, mesmo quando tentamos materializá-las, estaremos descortinando somente tênues camadas da verdade.

Contudo, é este o caminho aqui apresentado. As razões da escolha deste tema são sobretudo pessoais. De paixão, afinidades, busca de auto-entendimento, de encontros e reencontros.

### **As raízes**

De tempos em tempos, sonho com meu pai. Cheguei a me perguntar se nisso havia algum remorso pelo fato de termos vivido sempre tão distantes, de não termos conversado mais, de não termos partilhado nossas vidas de forma mais intensa. Mas os sonhos, todos eles, têm um clima agradável, trazem consigo uma sensação reconfortante. Talvez seja apenas uma indicação de que ele está a meu lado e o que vivemos era o que era para ser vivido.

Quarenta e seis anos de diferença, uma língua e uma cultura a nos separar. Nosso mundo não era feito de palavras. Elas quase não existiam. O momento mais agudo foi o da adolescência. Perguntava-me por que razão aquele senhor calvo era meu pai. Cheguei a sentir inveja de alguns colegas que conversavam, discutiam, passeavam, desabafavam com seus jovens pais. Às vezes sentia raiva daquele sotaque

que o tornava tão diferente dos demais, e que, na infância, era motivo de chacota para as outras crianças.

Não me dava conta de que o fosso entre nós era cavado diariamente também por mim e que ele apenas respeitava os limites que eu próprio impunha. Frequentemente, controlava a vontade dele de estar mais próximo, de compartilhar mais. Cuidadosamente, me perguntava sobre minha vida, meus projetos, planos e, às minhas respostas lacônicas, sorria e compreendia.

A tímida aproximação se deu quando fiz 20 anos. Fiquei sabendo que ele visitaria a irmã muito doente na Espanha. Disse que iria junto. O objetivo consciente era apenas viajar. Hoje sei que uma força diferente me impulsionava para aquela jornada. Enquanto acertávamos a documentação, comecei a lhe perguntar sobre o país, os parentes e fui conhecendo sua história.

Primogênito de uma família de camponeses de Salamanca, teve que trabalhar muito cedo. Com seis anos, já madrugava para ajudar o pai, severo e rígido, no trato do campo. O marquês utilizava Arauzo somente para veraneio e durante as temporadas de caça. Ainda assim, tudo devia estar impecável, porque o patrão podia aparecer a qualquer momento.

O garoto adorava ir à escola. Talvez para fugir do trabalho e da vida difícil, os estudos passaram a ser o refúgio preferido. Esmerava-se na caligrafia. Dedicava-se com afinco aos cálculos. Lia tudo o que o professor lhe emprestava. Com isso, conseguiu a afeição do mestre, que no geral distribuía elogios com bastante parcimônia. Porém a decepção veio ao fim dos estudos elementares. O pai havia decidido que estudo era para gente rica e que ele precisava do menino no campo. O professor chegou a aconselhar a continuidade, mas nada moveu o pai inflexível.

Aos 19 anos, uma nova possibilidade de fuga da presença asfixiante do pai: o

serviço militar. A Guerra Civil havia acabado fazia apenas dois anos. Mesmo a vida dura da caserna era mais interessante que a aridez do campo. Pretendia seguir a carreira militar, mas novamente o destino pregava suas peças e impunha reviravoltas. Dois anos depois, recebe a notícia de que o pai havia morrido de uma pneumonia fulminante.

Tem que voltar imediatamente para Arauzo. A partir daquele momento, teria que assumir o controle da família: duas irmãs mais jovens, um irmão de 10 anos e a caçula, com apenas 3 meses. O marquês lhe propõe assumir o posto do pai, mas ele recusa. Recebe o dinheiro que a família tem direito e vai viver no pequeno pedaço de terra que o pai havia comprado nas proximidades alguns anos antes.

A partir daí, passa a se dedicar ao comércio de produtos. Com o final da Guerra Civil e a Europa mergulhada nos confrontos da 2ª Guerra, a Espanha enfrentava uma grave crise econômica, miséria e falta de todo tipo de produto. O jovem camponês, então, junto com alguns amigos, passa a realizar longas jornadas até a fronteira com Portugal, para trazer clandestinamente produtos que faltavam nos povoados castelhanos. Por ser ilegal, o trabalho tinha que ser feito à noite, muitas vezes enfrentando os gelados ventos da meseta central espanhola ou borrascas de neve.

Resignava-se ao trabalho, pois tinha uma família para sustentar. Suportou essa vida durante 13 anos. Casou as duas irmãs mais velhas e quando o irmão voltou do serviço militar, decidiu. Iria tentar a sorte em outro país. Deixou a mãe e a caçula aos cuidados do irmão e alistou-se no serviço de emigração. Tinha duas opções: EUA ou Brasil. Disseram-lhe que no Brasil a língua era parecida. Estava decidido. Aos 34 anos desembarcava no Porto de Santos. Chegou no início da industrialização da era

Kubitschek. Foi conseguindo melhores empregos e, assim, ficando no país, abandonando pouco a pouco o desejo de voltar à terra de origem.

Mas tudo isso não saiu apenas de sua boca. Muitas descobertas vieram pelos relatos dos irmãos, dos cunhados. E eu fui descobrindo uma pessoa que eu não conhecia. Fui construindo raízes, origens e, de repente, aquele sotaque que tanto me desagradara, agora servia de alicerce para o domínio rápido e preciso da nova língua. A posse do outro idioma me conferia uma nova identidade, mais ampla, mais alargada que a anterior.

Depois de dois meses, voltamos. A aproximação não significou uma mudança radical na nossa relação. Isso seria artificial. Continuamos modestos nas palavras. Mas a partir daí, percebi que muitas delas eram desnecessárias. Havia algo muito mais sutil que nos ligava, uma compreensão não-verbal. Compreendi que grande parte de minha trajetória tinha sido acompanhada com verdadeira devoção por ele. Que eu tinha sido apoiado, sem sequer me dar conta disso, em momentos cruciais. Que a sua presença era discreta, mas firme. E que nosso entendimento prescindia do discurso, estava implícito num acordo prévio e pacífico. Quanta tranquilidade isso me trouxe!

Só me lembro que, quatro anos depois, no dia da sua morte, ao receber a notícia pelo telefone, o primeiro pensamento que me veio à cabeça foi: que sorte eu havia tido por ele, exatamente ele, ter sido meu pai. Senti isso tranquilo, sem lágrimas ou desespero. E que isso não era passado. Ele continuava sendo e sempre seria meu pai.

## Línguas e Culturas

A Língua Portuguesa e a Língua Espanhola são filhas do mesmo casamento, do Latim com a Península Ibérica. Foram se formando ao mesmo tempo que seus povos iam erigindo nações. Os portugueses, com seu espírito comerciante, lançaram-se ao mar, conquistaram o mundo. Foram às Índias, estiveram na África, chegaram ao Brasil. Tiveram que conhecer o outro, convencê-lo, seduzi-lo. O poder estava na troca, na capacidade de convencer. Na fôrma de seu caráter, moldaram uma fala macia, suave, rebuscada.

Os espanhóis também se tornaram potência. O poder, entretanto, encontrava sua expressão na posse. Posse da terra, para dela extrair o ouro. Havia que impor a vontade, conquistar, submeter pela cruz e pela espada. O outro se transfigurava em inimigo. Portanto, era preciso derrotá-lo, eventualmente destruí-lo. Povo orgulhoso, forjou uma língua áspera, cortante, incisiva, cuja beleza está na aridez.

A Língua Espanhola, por exemplo, tem dois tipos de erres. O primeiro é trepidante, forma-se com a vibração da língua. O segundo, grafado como jota ou gê, é gutural. Forma-se na garganta. Ambos, marcantes, tão diferentes do discreto erre português (e mais ainda do brasileiro), produzido na boca.

Já a Língua Portuguesa distingue o som do *Esse* (caça) do de *Zê* (casa), este mais sutil, mais ambíguo. O espanhol só tem o *Esse* firme, claro e transparente. Tampouco há na Língua Espanhola nossas vogais abertas, tão caprichosas e alegres. Falta-lhes o fonema *Vê*, esse som fricativo que se forma pela serena passagem do ar pelos lábios. Há sim o outro som labiodental: *Efe*, de café, de maior intensidade. Já o *Vê* transforma-se quase que numa oclusiva, confundindo-se com o *Bê*.

Os *Tês* e *Dês* espanhóis são cristalinos e explosivos. Nós atenuamos alguns dos nossos. No sudeste, muitas vezes tornam-se “*tchi*” (leite ou pente) e “*dji*” (dia). No nordeste viram “*tcho*” (oito) e “*tchu*” (muito). Ganham, assim, graça e leveza. Nós também temos uma irrefreável tendência pela nasalização de alguns fonemas. E, entre nós, os mineiros são campeões. Pronunciamos “*larãja*”, enquanto os espanhóis dizem “*naranra*” (com o a bem aberto). O primeiro, dengoso, o segundo claro.

### **Um ciclo**

Enfim, são duas línguas que, apesar de serem irmãs, têm musicalidade, balanço e ritmo distintos. Embora se assemelhem, têm personalidades bastante diferentes. E são expressões de culturas que se mesclam em mim e das quais sou herdeiro. Portanto, ao reconhecer minhas raízes, foi inevitável sentir a força dessas línguas, sentir como expressam as oralidades de povos dos quais sou depositário.

Conhecer o Espanhol me fez redescobrir o Português. Já tinha uma forte ligação com nossa literatura. Deliciava-me com o estilo, com a sonoridade do texto, com a leveza das palavras, com as combinações sofisticadas e elegantes. Agora era a vez de enamorar-me com nossa oralidade. Ou melhor, com nossas oralidades.

Entretanto, a observação e as leituras me fizeram ver como vivemos uma cisão. Uma cisão em que apenas uma modalidade do português brasileiro é reconhecida e legitimada socialmente e as demais são relegadas à periferia da cultura. Vivemos um verdadeiro *apartheid* lingüístico, em que falantes que não expressam a modalidade padrão da língua são considerados seres humanos inferiores.

O encontro com Marcos Bagno e seu combate indignado ao preconceito lingüístico uniu em mim duas paixões: a língua portuguesa e o desejo de mudanças. Já vinha acalentando desde a juventude a vontade por transformações sociais, que

possibilitassem a construção de uma sociedade mais justa e mais humana. Ao longo do tempo, fui construindo a convicção de que o jornalismo pode ser uma das ferramentas dessa transformação. Um jornalismo mais abrangente, mais humano. Uma prática jornalística que tenha como pressuposto ético desvelar o real, penetrar nas camadas mais profundas da realidade e da cultura. E, sobretudo, ter como foco a dignidade humana.

Os estudos da sociolinguística me fizeram ver que a exclusão social no Brasil não se restringe à perversa distribuição de renda nem ao restrito acesso às políticas públicas, ao consumo ou à cultura. Há uma exclusão lingüística, em que parcelas enormes da população não têm legitimados os seus modos de falar. E, por isso, tampouco têm reconhecida a sua dignidade cultural e humana. Não teria sido meu pai um desses excluídos, com seu “portunhol” estropiado?

Também fui construindo a percepção de que o jornalismo convencional, em vez de penetrar na realidade, trata de legitimar a diferença, a exclusão e o privilégio. Numa refinada operação ideológica reforça preconceitos e estereótipos. Caberia, assim, a uma outra prática jornalística, resgatar a legitimidade dos diversos falares existentes em nosso país.

Assim, da compreensão silenciosa entre eu e meu pai à defesa de todas as formas de comunicação humana, de todas as variedades lingüísticas, de toda a riqueza oral do nosso português brasileiro, um ciclo se completa.

Portanto, esta pesquisa busca reconhecer, nos meios de comunicação de massa, modos de expressar a língua fora do padrão, porque isto significa também conferir cidadania a milhões de brasileiros. Incorporar as oralidades brasileiras à reportagem é uma missão a que um jornalismo mais humano não pode se furtar. Eis a paixão que move este trabalho.

Capítulo 1  
A pesquisa



## 1- Objeto:

Se um jornalismo que se pretende mais humano e abrangente não pode abrir mão de resgatar as diversas oralidades brasileiras, algumas questões se colocam:

- a) Como o jornalismo brasileiro vem lidando com a questão da oralidade?
- b) Como a oralidade de setores excluídos pode ser incorporada à reportagem jornalística?

Dessas questões resultam outros questionamentos: qual o espaço ideal para a incorporação da Língua falada? Exatamente o que chamamos de oralidade? Qual a real importância de se incorporar o modo de falar dos personagens no texto jornalístico? Existe um procedimento metodológico para a incorporação dos diversos falares na reportagem? Quais os desafios para a incorporação dos registros orais de falantes com baixa escolaridade?

Nesta pesquisa, trabalhamos com a grande-reportagem. Partimos do pressuposto de que a grande-reportagem é o espaço privilegiado para a incorporação dos diversos modos de falar. Se a grande-reportagem tem a ambição de aprofundar um tema, lançar uma luz sobre um fenômeno, desvendar uma realidade, ela é o gênero jornalístico por excelência para que aflorem as maneiras de falar de setores excluídos econômica e culturalmente.

Por isso, num primeiro momento, estudamos como a oralidade é incorporada ou não em grandes reportagens brasileiras. Procuramos saber quais foram as soluções encontradas pelos autores-repórteres e quais os obstáculos por eles enfrentados. Por meio de algumas dessas grandes-reportagens, também procuramos refletir sobre o papel que os falares cumpriram naqueles trabalhos jornalísticos. E, a partir daí, que relevância a oralidade pode assumir na grande-reportagem de maneira geral.

A investigação sobre a presença da oralidade no jornalismo permite variados enfoques. Por isso, ao se falar de oralidade, é preciso diferenciá-la da coloquialidade, que são marcas da Língua oral presentes num texto ou num discurso que, apesar de falado, possui uma estrutura elaborada.

O texto jornalístico é uma narrativa. Mas uma narrativa que se difere de outros textos como a literatura, por tratar-se de não-ficção, isto é, cujo conteúdo corresponde ao real. Por isso, a narrativa jornalística cumpre, predominantemente, a função referencial da linguagem e utiliza-se do foco narrativo em terceira pessoa. O uso deste foco narrativo revela e delimita o papel do narrador, que no caso é o jornalista-autor da reportagem. O texto em terceira pessoa pode assim conter elementos da oralidade, no sentido de coloquialidade.

Neste trabalho, porém, interessa estudar a incorporação das falas dos personagens à narrativa jornalística, por meio de diálogos, depoimentos em primeira pessoa, declarações. Isso exclui trabalhar com elementos da oralidade no texto jornalístico como um todo. Isto é, este não é um trabalho para detectar e descrever marcas da oralidade no texto do narrador, do jornalista-autor da reportagem.

Após estudar como algumas grandes reportagens incorporam ou não os diferentes modos de falar, e refletir sobre as possibilidades de incorporação da oralidade no jornalismo, realizamos um experimento prático de reportagem de História de Vida.

Neste exercício, buscamos lançar mão das propostas teóricas desenvolvidas nesta pesquisa e incorporar a oralidade de uma mulher, oriunda do interior de Minas Gerais e com pouca escolaridade. Na construção dessa personagem e de sua identidade, o desafio foi superar a possível estigmatização a que ela estava sujeita.

## 2- Justificativa:

No jornalismo cotidiano impresso (diário ou semanal, no caso de revistas), a expansão de um modelo surgido no final do século XIX e sua quase hegemonização no período posterior à 2ª Guerra Mundial reduz ou limita muito a presença da oralidade. O texto jornalístico segue fórmulas preconcebidas, nas quais as declarações dos entrevistados aparecem sinteticamente, introduzidas por verbos dicendi (disse, declarou, afirmou etc.).

A utilização de declarações entre aspas cumpre duas funções no jornalismo convencional. A primeira, dar credibilidade ao chamado fato jornalístico, mostrando ao leitor que aquela informação é atestada por uma fonte do poder, por um especialista no assunto ou por uma testemunha ocular.

A outra função, talvez menos nobre, mas que está explícita em diversos manuais de redação, é isentar o repórter e, sobretudo, o veículo, da responsabilidade por aquela informação. Ou seja, o órgão de imprensa apenas está reproduzindo uma opinião ou testemunho de alguém, mas não garante a sua veracidade.

Ocorre que, muitas vezes, as declarações são introduzidas na notícia apenas para confirmar aquilo que o repórter/narrador já apresentou como verdade, ou para contrapor-se a outra declaração e exercer aquilo que o jornalismo tradicional considera objetivo e ético: ouvir os dois lados, como se a realidade comportasse apenas dois lados.

Mesmo nas entrevistas, no formato pergunta-resposta, as falas são geralmente editadas e transformadas para se adequarem ao padrão da língua escrita. Na maioria

das vezes, não existe uma permeabilidade para modos de falar distintos daquele considerado o padrão da norma culta.

Em realidade, as falas populares praticamente não aparecem na chamada grande imprensa. O modo de produção do jornalismo tradicional somente concede voz aos detentores do poder, seja econômico, político ou cultural. Assim, quase que naturalmente, constrói-se nos grandes veículos de informação um modo de falar estandardizado (na televisão isso é ainda mais patente, por meio da imposição de um sotaque paulista-carioca), que pouco tem a ver com a língua realmente falada nos variados rincões do país.

No jornalismo impresso, mesmo entre os chamados falantes cultos, as falas são corrigidas e aproximadas do padrão escrito da língua. Com isso, o jornalismo praticado pela grande imprensa suprime as nuances contidas, não só nos discursos dos entrevistados, mas sobretudo nos distintos modos de falar. Em síntese, o relato jornalístico convencional não vem incorporando a riqueza, a multiplicidade e o dinamismo próprios da língua oral.

É no cotidiano que se tecem as epopéias anônimas, os desejos coletivos. É também no cotidiano que se expressa a riqueza lingüística de qualquer povo. Suprimir os falares da gente comum significa abrir mão do saber tradicional e, por conseqüência, da correnteza profunda que move a realidade.

Exilando os múltiplos modos de falar de suas narrativas, o jornalismo brasileiro limita deliberadamente a pluralidade de vozes. E, assim, reduz as variadas visões de mundo e simplifica a realidade.

### 3- Objetivos:

O jornalismo deveria auxiliar o ser humano a desvendar o mundo, a elucidá-lo, a compreender os grandes fenômenos, a conhecer a si mesmo e ao outro. O noticiário cotidiano, contudo, não vem explorando essa possibilidade. É factual, mostra apenas uma dimensão diminuta da realidade. Por isso, a grande-reportagem tem o potencial de tornar-se uma lente ampliada sobre o mundo.

Para realizar esse mergulho na realidade, a grande-reportagem procura fazer a contextualização sócio-econômica-cultural e o resgate histórico do fenômeno, a reflexão conceitual sobre ele, além de eleger protagonistas, por meio dos quais é conduzida a narrativa. Ou seja, o relato jornalístico passa a ser feito centrado nas figuras humanas que protagonizam os acontecimentos.

Se o protagonista é um elemento fundamental da grande-reportagem, ganha relevância a construção de sua identidade. A maneira de falar de cada personagem é um importante elemento de sua identidade. Daí a importância da incorporação da oralidade na grande-reportagem.

Ocorre que, no Brasil, há uma grande dissociação entre a língua falada e a língua escrita. A primeira obedecendo a dinâmicas específicas e, por isso, construindo suas próprias normas de funcionamento. E a segunda presa às regras gramaticais mais rígidas e estáticas. A sociolinguística mostra que os considerados falantes não cultos da língua sofrem um processo de estigmatização, em virtude das características de sua fala.

Incorporar a fala considerada errada desses falantes não significa, portanto, apenas registrar a oralidade do personagem no texto jornalístico. Esse processo pode reforçar a estigmatização de seres humanos já excluídos socialmente. Como superar

esse dilema? Como incorporar o modo de falar de cada personagem, sobretudo dos falantes populares, sem estigmatizá-los ainda mais? Este é o objetivo desta pesquisa.

#### 4- Metodologia:

Nesta pesquisa, a reflexão sobre o papel da oralidade na reportagem de aprofundamento é feita de duas maneiras. Na primeira, três grandes-reportagens são analisadas sob esse ponto de vista. Na segunda, é produzida uma história de vida, como demonstração dos postulados levantados.

A partir da leitura e análise de três grandes-reportagens, verificamos como a oralidade é incorporada ou não nos textos jornalísticos. Quais os obstáculos enfrentados pelos autores? Que soluções eles encontraram para superar aquelas limitações?

Além disso, naquelas reportagens que buscam expressar modos de falar, procuramos avaliar o papel que a oralidade cumpre. E nas que excluem a oralidade, verificar se isso as fragiliza de alguma forma, que limitações a ausência de falares impõe.

Assim, uma das propostas desta pesquisa é construir um referencial teórico acerca da importância da oralidade na grande-reportagem. Isso é feito a partir das reflexões sobre o jornalismo de aprofundamento, dos novos paradigmas da ciência e da epistemologia da complexidade.

Construir um referencial teórico sobre a oralidade no jornalismo significa sondar suas conexões com a magia e com o cotidiano. E também estabelecer as relações da oralidade com um jornalismo que ouse aspirar ao desvendamento do mundo e da realidade.

As reportagens escolhidas são atuais, já que seria muito difícil identificar a oralidade em reportagens de outras épocas, uma vez que a língua oral é viva, transforma-se e se recria a cada momento. Foram selecionados dois

livros-reportagem, pois nas últimas décadas esse tem sido o veículo no qual a grande-reportagem vem atingindo todas as suas potencialidades. A reportagem “Um rio a procura de um país”, de Cláudio Cerri, publicada na revista Globo Rural, nº 180, de outubro de 2000, também foi incorporada a este estudo.

Como proposta prática deste trabalho, foi construída uma História de Vida, em que procuramos incorporar a fala da protagonista. Mas não queríamos nos limitar ao simples registro das falas. Temos a pretensão de que esse registro não reforce o preconceito em relação à personagem.

O primeiro passo foi definir de que grupo social seria a protagonista da reportagem. Decidimos eleger mulheres de baixa renda, chefes de família, que vivem nas periferias de São Paulo.

Segundo o censo do IBGE (2000), as mulheres chefiam um quarto das famílias brasileiras. Nada menos que 11,2 milhões de mulheres assumem toda a carga de levar adiante o sustento do grupo familiar. Mais que um acesso igualitário ao mercado de trabalho, verificado nas últimas décadas, os dados mostram que a maior parte dessas chefes de família são levadas às atividades econômicas para garantir o sustento da família. No levantamento de 2002 do IBGE, 53% das chefes de família contavam com um rendimento domiciliar mensal de até três salários mínimos e a maioria delas era negra ou parda.

Definido o grupo social ao qual deveria pertencer a protagonista, chegou-se a três mulheres, todas elas moradoras da Grande São Paulo.

A primeira é Natália Serapião, paulistana, 46 anos, separada, mãe de dois filhos, negra e funcionária do setor de limpeza de uma ONG na capital paulista. A segunda é Maria Vieira, mineira, 47 anos, faxineira diarista, casada e provedora de



sua família. Finalmente, Maria Aparecida dos Santos Rodrigues, paulistana de 23 anos, solteira e ambulante na linha de trens Júlio Prestes–Itapevi.

Realizamos uma primeira entrevista com cada uma delas, sempre gravadas. Com Maria Vieira e Natália Serapião, o primeiro encontro teve uma longa duração. Já com Maria Aparecida, o contato foi mais breve, pois teve que acontecer numa das estações do trem suburbano, durante o seu trabalho. Ficamos de marcar um novo encontro, que nunca aconteceu.

Feitas as entrevistas, decidimos que elas deveriam ser transcritas por dois motivos: para melhor identificar as marcas de oralidade, e também para servir de matéria-prima para a própria reportagem.

A transcrição das entrevistas, porém, não poderia seguir os padrões de outros trabalhos acadêmicos, nos quais o que importa é o conteúdo da fala. Nesta pesquisa, tão essencial quanto as informações dadas pela personagem é a maneira como ela as expressa. Por outro lado, para os objetivos desta pesquisa, tampouco se tratava de fazer uma transcrição fonética das entrevistas, como é feita pela lingüística.

Procuramos, portanto, estabelecer uma metodologia própria de transcrição, por meio da qual as falas deveriam ser registradas o mais próximo possível da maneira como eram expressas. Isto se refere tanto à articulação do discurso (concordância, estrutura das frases etc.), quanto à pronúncia das palavras.

Aqui, é preciso fazer uma ressalva. Os lingüistas advertem que o texto resultado de depoimentos e entrevistas nunca será a fala em si, mas apenas um simulacro. A passagem da fala para a escrita (processo de retextualização) sempre produz alterações em algumas das especificidades da língua falada. Para Marcuschi, *“o texto oral transcrito perde seu caráter originário e pessoal e passa por uma neutralização devida à transcodificação”* (MARCUSCHI, 2000, p. 51).

Por isso, quando falamos aqui de incorporação da oralidade no jornalismo, estamos nos referindo ao esforço de tentar reproduzir, além do conteúdo do discurso, o modo de falar de cada personagem. E também porque, assim como a fala transcrita, o jornalismo também é uma representação do real, não o real em si.

A partir da análise do material coletado, decidimos restringir a reportagem à História de Vida de Maria Vieira, em virtude de vários fatores. Havíamos perdido contato com Maria Aparecida, a ambulante. O relato de Natália era bastante confuso e demandaria mais uma série de encontros para organizar sua história numa narrativa coerente. O relato de Maria Vieira era o que continha mais elementos da norma não-padrão da língua. Mas o fator decisivo para restringir a reportagem a uma única história de vida foi considerar que ela seria o bastante para ilustrar as propostas defendidas neste trabalho.

Tomada a decisão, fizemos mais uma entrevista com Maria Vieira, para complementar o primeiro depoimento e para conferir algumas marcas de oralidade.

Com todo o material transcrito, iniciamos o processo de construção da reportagem. No primeiro momento, seguimos a metodologia adotada pela História Oral. Isso significa retirar repetições, frases interrompidas, ruídos, suprimir as perguntas e transformar o texto num depoimento único em primeira pessoa.

Esse procedimento foi adotado para manter, o máximo possível, as marcas de oralidade da personagem. Com o resultado, chegamos à conclusão de que a história de vida de Maria Vieira deveria ser predominantemente narrada em primeira pessoa. Mas o jornalismo não pode prescindir de um narrador que costure os sentidos. Portanto, algumas passagens foram sintetizadas na voz do narrador em terceira pessoa.

## 5- Hipóteses:

A incorporação da oralidade no texto jornalístico é fundamental para a construção da identidade dos protagonistas, um dos pilares de um jornalismo humanizado e revelador do real. Entretanto, o registro puro e simples da maneira de falar dos personagens pode levar à estigmatização dos mesmos.

Esse impasse pode ser superado se a reportagem conseguir construir os personagens de maneira integral. A questão está, portanto, em saber o que é a integralidade desses personagens. Talvez não haja respostas prontas, mas um caminho possível é permitir que os personagens apareçam na grande-reportagem em suas várias dimensões, sobretudo, no que se refere ao imaginário.

Um exemplo disso vem da literatura, com Guimarães Rosa, que incorpora (e no caso recria) os falares dos sertanejos mineiros, sem com isso reduzir a importância desses personagens. Ao contrário, os protagonistas do escritor são dotados de toda a grandeza humana dos grandes personagens da literatura universal.

Ou seja, ao incorporar, além da oralidade, o imaginário dos protagonistas, a grande-reportagem estará construindo personagens universais. Personagens estes com os quais cada ser humano pode se identificar, conhecer a si mesmo e ao outro. Desta forma, estaríamos ultrapassando o limite do factual e penetrando nas dimensões do social, da cultura e do mito.

Capítulo 2

# Conceitos

## 1- Revisão bibliográfica/Quadro teórico:

Este projeto foi iniciado no antigo Núcleo de Epistemologia do Jornalismo e segue as formulações teóricas do professor Edvaldo Pereira Lima acerca do Jornalismo Literário Avançado. Ele propõe um jornalismo aprofundado que desvende o mundo e ilumine as várias dimensões da realidade. Também estão presentes as contribuições de Cremilda Medina sobre a entrevista dialógica, os níveis de aprofundamento do jornalismo, o diálogo de saberes.

A sintonia dos dois autores se inscreve no aparato conceitual da crise de paradigmas, apresentada por Fritjof Capra, Boaventura de Souza Santos, Ubiratan D'Ambrósio, Roberto Crema, entre outros, e na abordagem do pensamento complexo, de Edgar Morin. Ou seja, os fundamentos da Teoria do Jornalismo com os quais trabalhamos estão relacionados aos paradigmas científicos construídos a partir da Física Quântica e outras áreas do conhecimento.

Neste sentido, este trabalho dialoga com outras pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP. Eles têm como linha mestra refletir sobre novas possibilidades do jornalismo, enquanto mecanismo que desvende a realidade. São pesquisas que trabalham sob a ótica da complexidade e dos novos paradigmas da ciência, surgidos com a Física Quântica e outras áreas do conhecimento.

Fernando Resende, em sua tese de doutorado (2002), reflete sobre o fazer jornalístico, propondo o surgimento de narrador-jornalista, mais próximo das demandas contemporâneas. Resende já havia enveredado pelas intersecções entre jornalismo e literatura em sua dissertação de mestrado (2002), desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais, sobre o texto de Tom Wolfe.

Ana Taís Martins Portanova Barros pesquisa, em sua dissertação (2001), de que maneira o jornalismo pode iluminar o cotidiano numa pequena comunidade do interior do Rio Grande do Sul. Ela propõe que o jornalismo enverede pelo campo do imaginário, pois somente desta maneira será possível criar uma proximidade afetual entre jornalismo e leitores. No doutorado (2003), Ana Taís aprofunda o estudo do imaginário, mostrando como o jornalismo tradicional renuncia ao seu papel de “relacionador de significados”, ao prender-se aos ideais de objetividade e precisão.

Já Dimas Künsch, em sua dissertação (2000) avalia a produção de três revistas católicas à luz da crise de paradigmas contemporânea. Künsch propõe que a reportagem é o gênero jornalístico que melhor pode dar conta dos desafios de uma epistemologia da complexidade. A reportagem tem condições de incorporar uma polifonia de vozes e, assim, produzir sentidos plurais.

A dissertação de Sérgio Vilas Boas (2001) enfoca a construção de histórias de vida como uma das vertentes do jornalismo de aprofundamento. Verifica de que maneira biografias publicadas em livro se utilizam de recursos de outras áreas do conhecimento como a história, a literatura, a sociologia e a psicologia.

A tese de Mônica Martinez (2002) propõe um novo modelo de construção de histórias de vida para comunicadores sociais. A partir do método proposto por Edvaldo Pereira Lima e no contexto do pensamento complexo, Martinez percorre as proposições de Joseph Campbell sobre a jornada do herói e faz um experimento prático com estudantes de jornalismo.

Raul Hernando Osório Vargas elabora o conceito de “ensaio-reportagem” em sua tese de doutorado (2003). O autor reflete como a grande-reportagem pode se converter em narrativa mediadora de sentidos e, ao mesmo tempo, reflexiva.

Em sua dissertação de mestrado (2004), Renato Modernell procura mostrar que as fronteiras entre fato e ficção são muito mais tênues do que se pode imaginar, inclusive no jornalismo tradicional, que tanto preza os ideais de objetividade e precisão.

E Denise Casatti analisa, em sua dissertação de mestrado (2006), como a proximidade entre repórter e entrevistado pode contribuir na construção de histórias de vida. De acordo com ela, o aprofundamento no contato entre jornalista e fonte favorece a construção de narrativas diferenciadas.

A reflexão sobre um jornalismo iluminador da vida e revelador da realidade também desponta em outras instituições. Diana Damasceno, em sua tese de doutorado na PUC-RJ (2004), mostra como as biografias escritas por jornalistas se situam num espaço de complexidade, entre história, jornalismo e literatura. E que para estudar e compreender essa produção, é preciso lançar mão de teorias complexas.

Algumas outras pesquisas tratam da questão da oralidade, mas não sob o enfoque que pretendo seguir. O melhor exemplo é a tese de doutorado de Ivete Roldão (2002). A autora procura identificar o padrão de redação do que ela chama de linguagem oral no telejornalismo. É interessante notar neste caso, a diferença na definição do que vem a ser oralidade. Enquanto para Roldão a narrativa telejornalística se inscreve na oralidade por ser falada, para este projeto, o fato de se tratar de uma linguagem planejada, redigida anteriormente, ainda que contenha marcas de oralidade e um certo grau de coloquialidade, afasta a linguagem utilizada no telejornalismo da língua oral, que tem como uma de suas principais características a espontaneidade e a improvisação.

No campo da lingüística existe um grande número de pesquisas que procuram identificar marcas de oralidade na literatura, na publicidade, no cinema e em outros

textos. Os lingüistas também procuram identificar e descrever as características da língua oral nos diferentes grupos sociais, nas diferentes regiões do país, em diferentes faixas etárias etc. E, em alguns casos, mostrar as proximidades, semelhanças e transições da língua oral para a língua escrita.

Por esta razão, esta pesquisa se vale das contribuições da Lingüística, no que se refere à definição e características da língua oral. E, principalmente, da sociolingüística, que aponta o preconceito lingüístico de que são vítimas milhões de falantes e articula as razões históricas e sociais do uso da língua, além de mostrar a lógica do seu funcionamento.

Também buscamos a contribuição da História Oral em dois sentidos. No primeiro, naquilo que a História Oral converge com o jornalismo de aprofundamento, enquanto princípios norteadores, métodos de abordagem e ética. No segundo, como ferramenta de trabalho na construção do trabalho empírico de construção de uma história de vida.

Finalmente, a Teoria Literária contribui no que diz respeito à estrutura narrativa e à construção de personagens. À estrutura narrativa, pois, consideramos que a grande-reportagem possui semelhanças com o romance, no que se refere à sua articulação interna. E à construção de personagens, pois no jornalismo de aprofundamento, um dos grandes eixos da reportagem é a presença de protagonistas, por meio dos quais é conduzida a narrativa.

Este projeto, portanto, complementa as pesquisas que vinham sendo desenvolvidas no antigo Núcleo de Epistemologia do Jornalismo. Procura mostrar as possibilidades de riqueza narrativa e de polifonia que a incorporação da oralidade à reportagem pode trazer.



E se diferencia de outros estudos acerca da oralidade, no sentido de não ter por objetivo somente a identificação de um fenômeno e a sua descrição. Esta pesquisa pretende apresentar uma proposta de construção ética e estética da grande-reportagem, por meio da incorporação no texto jornalístico dos modos de falar de personagens, sobretudo daqueles excluídos social e culturalmente.

## 2- O jornalismo de aprofundamento:

Como bem sintetiza Ana Taís Barros (2001 p. 113), o jornalismo brasileiro

*(...) desde o século XIX, tentou constituir um campo científico e, a exemplo do que já ocorrera em outros países, adotou a linguagem racionalizante para obter boa performance no quesito “objetividade”, qualidade esta requerida para que algo pertencesse à ciência.*

É bem verdade que essa visão de ciência está relacionada ao que se convencionou chamar de Ciência Clássica. As descobertas da Física Moderna no início do século XX mudaram completamente a visão de mundo que o homem ocidental havia construído ao longo dos séculos anteriores. O universo deixou de ser uma grande máquina, em que cada mecanismo podia ser observado e descrito isoladamente, para ser visto como um conjunto de fenômenos interligados e não previsíveis.

A nova visão de mundo levou, num primeiro momento, a um certo aturdimento. Mas não tardou muito para que começasse a se espalhar para outros campos da Ciência. Seria fácil de supor que essa nova compreensão fosse um alento para o desenvolvimento das Ciências Humanas. Pois quem, senão elas, sempre teve dificuldade de separar acontecimentos em laboratório, realizar experimentos passíveis de reprodução, prever e determinar efeitos futuros?

Assim, quando Fritjof Capra (1983, pp. 21-68) fala da impossibilidade de separar objetos isolados no mundo físico e estudá-los, isso parece ainda mais claro nas Ciências Humanas em geral, e no jornalismo em particular. Mas não é o que acontece. Majoritariamente, o jornalismo contemporâneo mantém a mesma visão de

mundo proposta pela Física Clássica. Com isso, o noticiário apresenta a realidade de forma fragmentada, factual e reducionista.

Está certo que esse modelo de jornalismo acaba cumprindo uma função importante nas sociedades contemporâneas: informar as pessoas com agilidade e alguma exatidão sobre eventos corriqueiros. Por exemplo, se os funcionários do metrô iniciaram ou não uma greve e, portanto, se há ou não transporte público na cidade. Se há previsão de chuva no feriado, se foram prorrogados os prazos para entrega da declaração do Imposto de Renda etc.

Entretanto, torna-se bastante claro que a utilidade do jornalismo praticado pela grande imprensa vai se restringindo cada vez mais à prestação de serviços (e ainda assim, com ações muitas vezes questionáveis). O modelo construído no último século tem se mostrado insuficiente em auxiliar o ser humano a se localizar e compreender o mundo contemporâneo.

No caso brasileiro, a defasagem é ainda mais grave. Ao transplantar mecanicamente o modelo anglo-saxão da objetividade e do texto racional, a grande imprensa ignora o caráter relacional do nosso povo, de que fala DaMatta (1984). Esse caráter se expressa na ambigüidade, no meio-termo, na capacidade de sintetizar contrários. Segundo o antropólogo, se há algo a valorizar em nossa cultura é *“toda essa nossa capacidade de sintetizar, relacionar e conciliar, criando com isso zonas e valores ligados à alegria, ao futuro e à esperança”* (DaMatta, 1984, p. 121).

Já a grande-reportagem tem a pretensão de mergulhar na realidade, aprofundando a compreensão de fenômenos que o jornalismo cotidiano não consegue. Nas palavras de Edvaldo Pereira Lima, a grande-reportagem busca

*informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, idéias, e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor (...) o sentido, o significado do mundo contemporâneo.*(LIMA, 2004, p. 37)

A reportagem de aprofundamento também está relacionada à dupla ruptura epistemológica de que fala Boaventura de Souza Santos (1989, pp. 31-45). A primeira ruptura acontece quando a ciência abandona o senso comum, pois passa a ter controle do conhecimento sobre o mundo concreto. Consegue estabelecer categorias de análise e logra descrever a natureza por meio de experimentos passíveis de repetição.

Mas Boaventura de Souza Santos insiste em que está na hora de a ciência fazer a segunda ruptura epistemológica, que é o regresso ao senso comum. Ou seja, o estabelecimento do diálogo com o senso comum. Mas é preciso saber de que senso comum estamos falando.

A primeira ruptura epistemológica com o senso comum representa uma libertação dos preconceitos, estereótipos e superstições, ainda que aquilo a que denominamos superstição possa conter algo de sabedoria. A segunda ruptura epistemológica significa aproximar-se novamente do senso comum, mas aqui entendido como o saber local, tradicional, que advém do cotidiano, o espaço de construção das verdades. A segunda ruptura epistemológica, portanto, é a busca da síntese conflitiva das múltiplas verdades.

Por essa razão, Cremilda Medina denomina de narrativa da contemporaneidade o texto jornalístico que aprofunda a compreensão do real e de sua complexidade. Para ela, isso acontece com “*a re-humanização das pautas, a reportagem de aprofundamento, a busca de identidade cultural, a compreensão do cotidiano, dos tempos e espaços da atualidade*” (MEDINA, 2003, p. 37).

Segundo Cremilda Medina, a reportagem de aprofundamento, ou grande-reportagem, deve fazer um mergulho na realidade, atravessando níveis de desvendamento do real: sociedade, cultura e mito (MEDINA, 2003, p. 76).

Ou seja, a grande-reportagem tem a ambição de ultrapassar a primeira película da realidade, o factual, que se limita à descrição dos fatos. Muitas vezes, sequer os compreende como acontecimentos de longa duração. As revistas semanais brasileiras, por exemplo, que dizem praticar um jornalismo interpretativo, contentam-se em estabelecer relações simplistas de causa-efeito. Em vez de buscar compreender o presente, tentam explicar, de forma reducionista, situações e acontecimentos.

O jornalismo de aprofundamento penetra na esfera social, procurando descortinar os múltiplos nexos entre os fatos e os contextos nos quais estão inseridos. Ainda assim, essa segunda camada do real é insuficiente. É preciso atingir o nível da cultura. Nas tradições, costumes, visões de mundo é que se encontram sentidos para o real.

Mas o jornalismo terá sido revelador se, finalmente, tocar nas dimensões do mito. Ou seja, se alcançar os elementos universais que falem à alma e ao coração de qualquer ser humano. Aí estarão os significados simbólicos mais profundos da realidade.

Metodologicamente, a grande-reportagem se vale da contextualização socioeconômica, do resgate histórico, do debate conceitual e da construção de protagonistas. Contextualiza quando traça a rede de forças que interagem sobre determinado acontecimento. Faz o resgate histórico quando busca os antecedentes, as origens daquele fenômeno. Realiza o debate conceitual quando se sustenta em suporte especializado, que não dá veredictos sobre o tema, mas oferece visões inovadoras

acerca do assunto. E, finalmente, constrói protagonistas porque são eles que, no cotidiano, dão significado a toda teia de acontecimentos.

É no cotidiano das ruas, portanto, que se constroem as jornadas dos heróis anônimos. Ao resgatar os desejos coletivos expressos em cada história de vida comum e, ao mesmo tempo, única, a grande-reportagem revela o real em suas múltiplas dimensões. Pois são nas heróicas lutas cotidianas, na superação diária da sobrevivência e na transcendência pela religiosidade, pela festa e pela arte que se move a corrente profunda e silenciosa dos anseios de um povo.

Por isso, um dos pressupostos da grande-reportagem é abandonar o ambiente fechado das redações e ir às ruas. A reportagem de aprofundamento liberta-se do espaço asfíxiante e contaminado da empresa jornalística e recebe a lufada de ar fresco do mundo real. Na rua, a grande-reportagem encontra um mundo imperfeito e contraditório. No exercício permanente de saber ouvir, colhe a poesia e esbarra na violência, sensibiliza-se com a dor e vislumbra a esperança.

No cotidiano das ruas, os protagonistas da grande-reportagem tecem suas sagas na linguagem, no diálogo, na comunicação. Os falares se misturam e se recriam. Aquilo que definimos como língua oral, Cremilda Medina chama de Oratura. E assim o faz para colocá-la no mesmo patamar da prestigiada literatura. Para a grande-reportagem, o texto construído oralmente pelos heróis anônimos tem a mesma legitimidade e poética da obra literária.

Se os protagonistas da epopéia humana são os personagens anônimos das ruas, é primordial reconstruir suas identidades na narrativa jornalística. Ora, o modo de falar de cada homem, de cada mulher, é um traço perene de sua identidade. Não o único, é claro, mas fundamental. Ao mergulhar no mar do cotidiano, a reportagem de aprofundamento acaba tocando nos múltiplos falares, ou na grande oratura.

É, portanto, na grande-reportagem humanizada que a oralidade pode florescer. A incorporação da fala dos personagens, com suas características particulares, favorece a pluralidade de vozes, preconizada por Medina. Enquanto no jornalismo tradicional as declarações servem apenas para confirmar ou ilustrar aquilo que o narrador já apresentou como fatos, na grande-reportagem as vivências dos protagonistas emergem em toda sua magnitude. Possibilita-se, assim, a convivência de diferentes visões de mundo, pois elas também estão contidas na linguagem de cada ser humano, e não apenas a angulação da informação que a empresa jornalística pretende.

Os objetivos ambiciosos da grande-reportagem lhe possibilitam livrar-se das amarras do modelo narrativo convencional (a fórmula norte-americana de responder às perguntas: quem, o quê, quando, onde, como e por quê). Mais que isso, a grande-reportagem, por sua extensão e aprofundamento, exige soluções narrativas mais ousadas e criativas.

Ou como aponta Boaventura de Souza Santos (1989, pp. 31-45), a linguagem é um dos caminhos para efetuar a segunda ruptura epistemológica. Para ele, é preciso que a ciência, e podemos dizer o jornalismo, busque uma expressão compreensível ao ser humano comum, que resgate a poesia e a metáfora.

É na grande-reportagem, portanto, que a oralidade pode aflorar como um dos fatores de fabulação, no conceito construído por Renato Modernell. Isto é, aqueles elementos que *“levam o leitor pelos caminhos da fantasia, sem que ele necessariamente o saiba”* ou *“no sentido de direcionar o leitor a um sentimento ou uma projeção que ultrapassa o fato”* (MODERNELL, 2004, pp. 29 e 31).

Seja como fator de fabulação, seja como técnica narrativa, a introdução da fala dos personagens, de acordo com as características próprias da oralidade, conferem dinamismo ao relato jornalístico. O texto ganha vivacidade ao alternar o discurso indireto (em terceira pessoa) com o relato em primeira pessoa. Este foco narrativo pode aparecer tanto em depoimentos, como em diálogos, ou mesmo por meio do registro de pensamentos do personagem.

Enquanto o discurso indireto, do narrador, segue as normas da língua escrita e das regras gramaticais, o depoimento ou o diálogo obedecem às características próprias da língua oral, seja em sua norma-padrão ou não-padrão. Com isso, o texto jornalístico acaba por ampliar o registro da rica diversidade lingüística de nosso povo. A própria língua deixa de ser vista como um conjunto de normas rígidas e passa a ser compreendida enquanto fenômeno social vivo e dinâmico.



### 3- História Oral:

Alguns procedimentos e concepções da grande-reportagem a aproximam de outro campo da ciência: a História Oral. Ao se pensar no papel e no desempenho do jornalista que busca construir uma reportagem humanizada, é possível buscar um diálogo ainda maior entre essas duas áreas do conhecimento humano.

Embora a História Oral moderna seja uma prática muito recente da ciência, a humanidade conviveu desde a Antiguidade com relatos orais. Com o Iluminismo, entretanto, essas narrativas passaram a ter questionada sua validade enquanto documento histórico. Era o nascimento da História enquanto campo da ciência, moldada dentro do paradigma da objetividade da ciência clássica.

Apenas os documentos oficiais passaram a contar com legitimidade. Em decorrência, a História passa a narrar exclusivamente a história do poder, pois somente as classes dominantes produziam tais documentos considerados válidos. O enfoque da História é a luta política e as grandes transformações econômicas.

No início do século XX, um grupo de historiadores questiona a rigidez na noção de documento histórico e defende a ampliação desse conceito, com a utilização de fontes documentais alternativas, como diários, cartas, anúncios etc. Questiona também a restrição do enfoque histórico nas esferas do poder e da política. Propõe uma história vista de baixo, uma história do cotidiano.

Está aberto o campo para o ressurgimento da História Oral, que nunca havia desaparecido, mas que nos dois séculos anteriores não tinha alcançado o *status* de produção científica. Multiplicam-se os projetos e produções de narrativas da gente comum, dos protagonistas anônimos.

Com isso, também se alarga enormemente a possibilidade de temas tratados pela História. Um projeto de História Oral pode resgatar as lembranças de sobreviventes de um campo de concentração, registrar a memória de idosos acerca do modo de vida numa determinada cidade, recuperar as trajetórias de migrantes e até reconstruir as histórias de vida de prostitutas.

A História Oral vai, assim, definindo uma prática muito próxima do jornalismo de aprofundamento. Ambos vão estruturar suas narrativas nas sagas dos heróis anônimos, buscando registrar a história, os anseios e esperanças dos de baixo. A História Oral procura construir a história daqueles que não têm história nos livros. A reportagem humanizada dá voz aos que não aparecem nos grandes veículos de comunicação.

Assim como a reportagem de aprofundamento exige que o jornalista saia da redação, a História Oral obriga o historiador a sair do gabinete. Ambos vão buscar o material de seu trabalho no cotidiano das ruas. Ou como atesta Paul Thompson (1992, p. 29), os historiadores *“vêm-se também longe de sua mesa de trabalho, compartilhando de experiências em nível humano”*.

Os historiadores deixam de ser arqueólogos de arquivos, museus e bibliotecas e tornam-se entrevistadores. No caso da grande-reportagem, o repórter abandona a entrevista burocratizada, feita na maioria das vezes por telefone, e vai às ruas exercitar aquilo que Medina (1983) chama de entrevista de compreensão.

Com a mudança de enfoque, a História Oral constrói narrativas mais vivas e comoventes. Ao lançar-se no mundo real e colher as histórias anônimas, o relato histórico se humaniza. Assim, também, a grande-reportagem se enriquece ao mergulhar no cotidiano da gente comum.

Ao longo do século XX, à medida que se multiplicam as produções, a História Oral vai construindo também uma metodologia própria. Dois desses procedimentos interessam muito ao campo do Jornalismo. E, em especial, à grande-reportagem humanizada.

Na História Oral, toda a narrativa deve ser construída em primeira pessoa, resultado de entrevistas gravadas e transcritas. Isso é feito para que o relato surja em sua integridade. Neste sentido, busca-se não somente a fidelidade ao conteúdo narrado, mas também à maneira como foi relatado.

Esse cuidado com conteúdo e forma deve estar presente também na reportagem de aprofundamento. Uma reportagem que pretenda desvendar o real por meio de seus protagonistas não pode se satisfazer em colocar apenas o que ele quis dizer. É preciso levar em conta a forma como foi dito, pois como diz Marcuschi, “(...) *as construções sintáticas têm valor semântico. (...) Igualmente a questão de estilo é importante, pois ele se acha semanticamente carregado*” (MARCUSCHI, 2000, p. 86).

Outro aspecto importante da História Oral que poderia trazer alguma contribuição ao Jornalismo é a questão do produto final. O documento oral precisa ser aprovado pelo entrevistado antes de sua divulgação. Isso implica também a negociação de vários aspectos acerca do relato, inclusive a forma de divulgação.

No jornalismo convencional isso seria impensável. Em alguns casos, até antiético. Mas, no caso da História Oral, parte-se do pressuposto de que o dono do relato é o informante, afinal é a sua história que está sendo divulgada. O historiador é apenas um facilitador para que esse relato seja conhecido.

A autorização do documento final é obrigatória para os oralistas. Dessa forma, procedimento metodológico e postura ética se fundem e se tornam uma etapa natural do fazer histórico. A não-observância desse quesito coloca em dúvida a própria validade do material produzido.

No jornalismo convencional, a ética não está alicerçada em uma metodologia explícita e consensual. Mesmo alguns procedimentos bastante difundidos podem variar caso a caso, como ouvir mais de um lado acerca de um tema. Além disso, no jornalismo brasileiro, a legitimidade do material produzido não é questionada, em virtude do não-cumprimento de etapas rígidas.

A participação do informante em todas as etapas de produção do relato também produz uma consequência radical na História Oral. Alguns historiadores têm questionado a idéia de que o oralista seja o autor do material e falam em parceria e até em co-autoria. A reflexão de Meihy sobre seu próprio trabalho é reveladora: *“No lugar do comando autoral, começava a pensar que meu papel era de mediador de uma história que tinha impulso próprio e que iria ser contada por seus participantes”* (MEIHY, 2006, p. 125).

Esta postulação se aproxima do papel de mediador defendido por Cremilda Medina. O repórter como mediador dos sentidos produzidos pela grande-reportagem. Um interlocutor profundamente solidário e identificado com o outro, que partilha com a gente comum suas dores e anseios.

#### 4- A oralidade:

Neste trabalho, é importante definir com clareza o que entendemos por oralidade. Para isso, torna-se necessário refletir sobre o significado da própria língua.

Os cientistas estimam que os seres humanos desenvolveram uma forma de comunicação por meio da emissão de sons há mais de 100 mil anos. Essas linguagens, surgidas concomitantemente em várias regiões, evoluíram de poucos e breves ruídos para sistemas mais complexos e sofisticados, dando origem a todos os idiomas contemporâneos.

Somente há cerca de 10 mil anos surgiu a escrita. Isto quer dizer que em 90% da jornada humana neste planeta, os povos sobreviveram e se desenvolveram sem qualquer código escrito. Isto não diminui a importância da escrita na civilização humana. Hoje, é impossível pensar o mundo em que vivemos sem códigos escritos.

Entretanto, fica claro que o surgimento da escrita foi – e continua sendo – uma tentativa de reproduzir um código que lhe antecede: a linguagem oral. Dessa forma, a escrita exerce dois papéis nas sociedades que a utilizam. De um lado, procura tornar perene as informações veiculadas pela língua falada. De outro, busca ampliar as possibilidades de divulgação dessas informações no tempo e no espaço.

Mas a língua propriamente dita é a língua oral. Somente um idioma falado pode ser considerado uma língua viva. Idioma que não é falado por ninguém é uma língua morta, ainda que possua uma infinidade de documentos escritos ou uma vasta literatura. É o que aconteceu com o latim ou com o sânscrito.

Portanto, em qualquer idioma, seja de uma sociedade dita letrada ou não, é a língua oral a verdadeira língua viva. É a língua oral que se transforma e se recria a

cada momento. Os códigos escritos procuram acompanhar essas transformações da língua falada, mas sempre sofrem um descompasso nesse esforço de reprodução.

Com a crescente sofisticação e intercâmbio dos idiomas (orais e escritos), tornou-se necessário descrever como cada um deles se estruturava. Surgiram assim as gramáticas descritivas, que nada mais são do que tentativas de explicar exaustivamente os mecanismos de funcionamento interno de cada língua. É claro que essas gramáticas sempre estarão defasadas, tendo em vista que a língua viva se modifica a cada dia, em cada espaço social e geográfico, a partir das contribuições de cada falante.

Como cada grupo social utiliza-se da língua de forma particular, as gramáticas acabam elegendo uma dessas variantes para servir de modelo. E este modelo não será outro que não a maneira de falar dos grupos econômica e culturalmente dominantes. Daí, o surgimento da idéia de norma-padrão. Mas é importante ter claro que norma culta não significa a variante da língua mais rica ou mais nobre. É apenas uma das formas como qualquer idioma é articulado, sempre existindo outras formas igualmente válidas.

A lingüística contemporânea classifica os falantes em cultos e não cultos. São considerados falantes cultos da língua todos os detentores de nível superior de escolaridade e os não cultos, aqueles que têm escolaridade inferior ao ensino superior completo. Essa divisão estanque, que num primeiro momento parece absurda, já que existem maneiras de falar bastante distintas no interior desses dois grupos, acaba por se tornar muito interessante, na medida em que não classifica os falantes pela maneira como manejam o idioma materno, o que seria uma forma de classificar pelo resultado final, pelo sintoma, e não por características apriorísticas. O termo culto, utilizado

para os falantes, portanto, não tem conotação de falante eficiente, correto, mas tão só de falante com escolaridade máxima.

Dessa forma, os estudos lingüísticos são capazes de dissociar o conceito de falante culto do conceito de norma-padrão da língua. Por meio da classificação acima, a lingüística é capaz de estudar e descrever a maneira como cada um daqueles grupos articula o português falado no Brasil.

Já é senso comum tanto nos meios acadêmicos como na cultura em geral que os falantes de baixa escolaridade não seguem a norma-padrão da língua. Entretanto, um dos estudos mais interessantes de Marcos Bagno (2000) mostra que os ditos falantes cultos tampouco seguem as regras da norma-padrão da língua.

É aqui que entra a sociolingüística. Ela se utiliza dos estudos descritivos da lingüística para estabelecer relações entre o uso da língua e a estrutura social vigente. Ou seja, a lingüística grava e descreve o modo de falar de cada grupo social. A sociolingüística avalia e interpreta esses dados.

A partir dos estudos de Marcos Bagno e de outros é possível concluir que não existe uma forma correta de falar, associada erroneamente à norma-padrão, e formas erradas de falar, resultante do desrespeito às regras da norma-padrão. Estritamente, nenhum falante nativo é capaz de articular errado seu próprio idioma, pois a língua materna é apreendida num processo tão natural quanto andar.

Um falante nativo articula seu idioma das mais variadas formas, mas todas elas com sentido e lógica. Um estrangeiro, sim, pode falar errado, porque pode manejar o idioma de forma equivocada e construir estruturas sem significado algum, já que a língua estrangeira é aprendida por meio de técnicas artificiais.

Portanto, no universo dos falantes de uma língua, o que existe são formas diferentes de falar de cada grupo social. Diferentes formas regionais, sociais, etárias, de gênero, todas elas legítimas e eficazes dentro de seus contextos.

Em última análise poderíamos dizer que cada ser humano tem uma língua própria, um idioma particular, pois a maneira de cada homem e cada mulher se expressar é única. Para fins de estudos e de manejo dos conceitos, contudo, é preciso considerar as similitudes dos modos de falar dentro de um grupo social como a variedade lingüística daquele grupo.

Posto isso, a sociolingüística mostra que, no Brasil, todos aqueles que subvertem as regras da norma-padrão da língua sofrem diversos tipos de discriminação social. Gnerre (1985) vai mais além e diz que existe ainda o preconceito não dito em relação aos sotaques, pois mesmo as pessoas que dominam a norma-padrão são obrigadas a passar pela *“interação face a face, que implica a produção de uma fonologia e de uma prosódia aceitáveis”* (GNERRE, 1985, p. 31).

É evidente que, em outras sociedades, também há discriminação em relação aos modos de falar de determinados grupos sociais. Nos Estados Unidos, por exemplo, a fala dos negros sofre discriminação. Na Espanha, a dos ciganos. Mas, ao que parece, essa discriminação não é associada à idéia de falar errado, em contraposição a um falar correto.

Além disso, a discriminação lingüística em outras sociedades parece estar associada a minorias étnicas ou culturais. O que torna emblemático e também dramático o caso brasileiro é que a discriminação atinge a grande maioria dos falantes. E essa discriminação se dissemina e é reforçada pelos meios de comunicação, naquilo que Marcos Bagno chama de comandos paralingüísticos.



Ao associar essa discriminação à idéia de “falar errado”, constrói-se um mecanismo perverso de exclusão: quem fala errado, não domina o idioma, que é a expressão mais primordial da cultura de um povo. Se essa pessoa não tem competência para manejar a expressão cultural mais primária, ela acaba por perder parte de sua dimensão humana.

E, então, perde o direito a ter direitos. Isto é, não é cidadão. Portanto, a sociedade passa a encarar de forma natural que esses indivíduos não tenham direito aos empregos mais dignos, a uma saúde e a uma educação de qualidade, não tenham direito de acesso à Justiça etc., etc.

#### 4.1- Características da língua oral brasileira:

Embora neste trabalho haja uma preocupação em delimitar claramente as fronteiras entre a língua escrita e a língua falada, as diferenças entre uma e outra não são absolutas. Antes, há uma continuidade. Ou como aponta Marcuschi: “*as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos*” (MARCUSCHI, 2000, p. 37).

Isso significa que são duas modalidades de uso da língua, com diferenças acentuadas, mas que, ao mesmo tempo, mesclam-se em textos híbridos. Uma aula, por exemplo, pode ser considerada uma produção oral, mas seu conteúdo foi elaborado, planejado e resultou de leituras. Por outro lado, um bate-papo pela *internet*, embora seja escrito, possui diversos elementos da língua falada, como a

naturalidade e a espontaneidade. Além disso, tanto fala como escrita possuem modalidades formais e coloquiais, podem seguir a norma-padrão ou normas não-padrão.

Se as fronteiras entre fala e escrita são aqui reforçadas, não se trata de adotar um modelo de dicotomias estanques. As diferenças são assinaladas exclusivamente em virtude dos objetivos desta pesquisa, que são resgatar a legitimidade dos mais variados modos de falar.

Tanto Marcuschi quanto Bagno apontam características específicas da língua oral usada no Brasil. Algumas dessas características são gerais e independem da classe social, do gênero, da região ou do grau de escolaridade do falante.

O Brasil, por exemplo, é um dos poucos países ocidentais em que, nas respostas afirmativas, raramente se utiliza o Sim. Em vez disso, os falantes constroem o que os lingüistas chamam de “respostas ecóicas”: “Fez? Fiz”; “Comprou? Comprei”.

Alguns tempos verbais são muito pouco utilizados na língua falada. O pretérito mais-que-perfeito (fizera) é substituído pela forma composta pelo pretérito imperfeito mais o particípio (tinha feito). Quase nenhum brasileiro usa o futuro do presente (farei) em situações informais. Em vez disso, utiliza-se o verbo principal no infinitivo, antecedido do verbo ir no presente (vou fazer). E o futuro do pretérito (faria), muitas vezes, é trocado pelo pretérito imperfeito (fazia) ou mesmo pela forma composta do verbo ir no pretérito imperfeito mais o verbo principal no infinitivo (ia fazer). Em todos os casos, ao contrário do que rege a gramática normativa, os falantes se fazem entender perfeitamente.

Outras características da língua falada no Brasil também subvertem a norma-padrão. Utiliza-se o verbo *ter* no lugar de *haver* e usa-se o *mim* como sujeito de infinitivos (*pra mim fazer*). Esta fórmula só não é usada pelo falante mais escolarizado, quando submetido a um processo de autovigilância. Em situações informais, todos os falantes lançam mão dela, o que demonstra que a gramática normativa não tem conseguido registrar o uso natural da língua.

Também é raro na língua falada no Brasil o uso das formas oblíquas (l)o(s) e (l)a(s). Em vez disso, é freqüente o uso de “viu ela”, “encontrou com ele”, mesmo entre falantes escolarizados, quando em situações informais.

Segundo Dino Preti (2000), a gíria é típica da língua oral. Ela surge geralmente ligada a grupos marginalizados por suas condições econômicas, étnicas ou culturais ou pelas atividades ilícitas que praticam, como camelôs, negros, homossexuais ou mafiosos.

Por isso, inicialmente ela cumpre uma função de defesa do grupo. É uma espécie de código restrito só inteligível pelos membros daquele setor, etnia ou organização. Em conseqüência, elas variam de acordo com o grupo social a que pertence o falante. Porém, com o passar do tempo, muitas gírias são incorporadas à linguagem dominante e algumas delas ingressam, inclusive, na norma-padrão da língua. Mas no seu estágio de código restrito, o uso de gírias enfrenta grande preconceito na sociedade.

### **Características de pronúncia**

Algumas características da língua oral estão associadas à pronúncia das palavras. Aliás, há uma diversificação de pronúncia regional, principalmente das

vogais, que em algumas regiões são abertas e em outras, fechadas. Esse é um dos elementos, somado a outros, que caracterizam os falares regionais.

Contudo, algumas características da língua falada no Brasil, que tornam a pronúncia de algumas palavras diferente do registro escrito, são generalizadas em quase todo o país. Torna-se cada vez mais comum, por exemplo, a supressão do R final dos verbos no infinitivo. Na fala, os verbos são ditos “comprá”, “fazê”, “dividi”, “propô”.

Outro exemplo de diferença entre a pronúncia e a grafia das palavras está na supressão dos ditongos OU e EI. Em todas as regiões do país, esses ditongos já desapareceram em palavras como pouco e beijo, que se transformam em “poco” e “bejo”. Mas sobrevivem em outras, como beijo, jeito etc.

Além disso, há uma tendência disseminada de desnasalizar as vogais postônicas. Isto é, eliminar o M que acompanha vogais depois da sílaba tônica, como em homem, ontem, bagagem, transformadas em “home”, “onte” e “bagage”. Este fenômeno lingüístico, aliás, é histórico. Inúmeras palavras que, no latim, possuíam um N final, foram incorporadas ao português sem o som nasal, como exame (*examen*), legume (*legumen*) e nome (*nomen*).

Há ainda outros fenômenos de pronúncia que não estão presentes em todo o país. Enquanto na maioria das regiões fala-se “bulacha”, “burracha”, “muleque” e “murango”, em São Paulo, a pronúncia mais comum é bolacha, borracha, moleque e morango. Isso não significa, de modo algum, que os paulistas falam mais corretamente que os demais brasileiros. Trata-se apenas de uma diferença de pronúncia.

## **Fenômenos estigmatizados**

Outros fenômenos lingüísticos ocorrem sobretudo com falantes menos escolarizados. Apesar disso, é importante ressaltar que há uma tendência dessas formas serem disseminadas por todos os falantes, como acontece com muitas gírias.

No entanto, como são fenômenos lingüísticos predominantes nos setores menos escolarizados e também excluídos social e economicamente, estes fenômenos lingüísticos sofrem intenso preconceito e são vistos como formas erradas de falar, característicos de “pessoas inferiores”.

Aqui reside, portanto, o grande desafio do jornalista que incorpora a oralidade em seu texto. Alguns fenômenos lingüísticos comuns em falantes menos escolarizados são:

### **a) Transformação do LH em I**

No Português não-padrão, o encontro consonantal LH, geralmente, é transformado em I, num processo conhecido como assimilação, pois a articulação do I é semelhante e ao mesmo tempo mais fácil que a do LH. “Trabaiá”, “fia”, “bataia”, “abêia” são alguns exemplos.

Pode-se considerar que há mesmo uma tendência a essa transformação na Língua Portuguesa. O mesmo ocorre no Francês e no Espanhol. Na Língua Francesa, a transformação do LL em I acontece apenas quando ele é precedido de I. *Travailler, fille, bataille, abeille* têm pronúncias muito próximas do Português não-padrão.

É interessante verificar o que aconteceu historicamente com a Língua

Francesa. Até o final do século XVIII, a pronúncia considerada correta do LL era a mesma do nosso LH, pois era assim que a aristocracia falava. Com a Revolução Francesa, em 1789, a ascensão da burguesia faz com que, paulatinamente, a nova pronúncia (I no lugar de LH) se disseminasse por toda a sociedade. O falar anterior passou a ser, inclusive, ridicularizado. Hoje, é considerado correto falar I quando aparece grafado LL. Isso mostra que o certo e o errado são determinados por quem controla o poder econômico, político e cultural.

Já no Espanhol, o mesmo encontro LL, equivalente ao nosso LH, também está se transformando em I, naquilo que é chamado de “yeísmo” na Espanha. *Calle*, *caballo*, *batalla*, *paella* são pronunciados “caye”, “cabayo”, “bataya” e “paeya”. Aqui as exceções são a Argentina e o Uruguai, onde o LL assumiu a pronúncia do nosso J: “caje”, “cabajo”, “bataja”, “paeja”.

No caso da Língua Portuguesa, é relevante notar que este fenômeno lingüístico já está penetrando em vários estratos da sociedade. É freqüente ouvir jovens universitários dizerem “véio, aquela muié é muito bonita” ou “amanhã tenho que trabaiá, véio”. É claro que essas expressões são utilizadas em ambientes e situações informais, mas mostram que a transformação do LH em I está se disseminando sobretudo entre os mais jovens, que estão entre aqueles que renovam e recriam a língua. Não é difícil imaginar que no futuro todos falem assim.

#### **b) Transformação do ND em N**

Este fenômeno lingüístico acontece também pela assimilação. Isto é, tanto a articulação do N quanto do D ocorrem na mesma região da boca. Portanto o N acaba assimilando o D durante a fala. Surgem assim “falano”, “fazeno” ou “sorrino”.

Semelhante a este fenômeno é a assimilação do MB pelo M, em “tamém”. Mesmo os chamados falantes cultos, em situações informais ou quando falam mais rápido, assimilam tanto o D quanto o M, transformando ND em N e MB em M.

Ambos os processos de assimilação estão presentes também em outras línguas latinas, como o Espanhol, o Italiano e o Catalão. Mas nestes idiomas, algumas palavras, em que houve assimilação, já foram incorporadas às respectivas línguas padrão.

### c) **Plural redundante**

O fenômeno conhecido como eliminação das marcas redundantes de plural é o conhecido “erro de concordância”, como por exemplo na frase “as flor é bonita”. Isso acontece porque na variedade do Português não-padrão, funciona a lógica da economia e da concisão.

O objetivo primordial da língua oral é comunicar. E para comunicar é preciso fazer-se entender, ser compreendido. Ora, a partir da lógica da concisão, basta uma única marca de plural para se fazer entendido. Na frase acima, qualquer interlocutor compreenderá que o falante refere-se a mais de uma flor. Ou seja, além de conciso, o Português não-padrão é preciso.

A concisão também é a lógica que rege o Inglês, e no caso o Inglês padrão. As marcas de plural numa frase em Inglês, em geral, resumem-se a duas, no presente, ou a uma única em outros tempos verbais. Já no Francês, embora haja várias marcas de plural na escrita, na língua falada elas não são todas perceptíveis.

Portanto, a eliminação de marcas de plural numa frase falada, em vez de

indicar ignorância em relação à língua, demonstra apenas uma variedade lingüística que ainda não foi incorporada pelo idioma padrão.

#### **d) Simplificação das conjugações verbais**

Neste caso, também funciona a lógica da concisão. As seis formas verbais derivadas do latim, e que se aprendem na escola, vêm sendo simplificadas no Português brasileiro. E por todos os falantes. Hoje, utilizam-se, no máximo, quatro conjugações. O “vós” desapareceu há quase um século. O “tu” é utilizado em pouquíssimas localidades. Em muitas regiões, o pronome “tu” é conjugado na terceira pessoa, como em Santos, no Rio de Janeiro e mesmo no Rio Grande do Sul. Sobraram “eu sonho”, “tu/você/ele sonha”, “nós sonhamos” e “eles sonham”, do Português padrão.

O que acontece é que os falantes menos escolarizados acentuam essa tendência à simplificação e reduzem as formas verbais a apenas duas: “eu sonho” e “tu/você/ele/nós/eles sonha”. Aqui novamente impera a funcionalidade do Português não-padrão. Isto é, basta colocar o pronome para comunicar a quem se refere a frase.

Embora haja uma lógica intrínseca nesse uso, a simplificação das formas verbais também está sujeita à estigmatização da nossa cultura. Assim como a eliminação das marcas redundantes de plural, os falantes que simplificam as conjugações verbais a apenas duas sofrem o preconceito dos demais falantes.

Mas mesmo pessoas escolarizadas, sobretudo os mais jovens, estão simplificando ainda mais as formas verbais. Utilizando o subterfúgio de colocar “a gente” como pronome no lugar de “nós”, elimina-se mais uma forma verbal. Assim,



caminhamos para o uso de apenas três conjugações no Português padrão falado no Brasil: “eu sonho” e “tu/você/ele/a gente sonha” e “eles sonham”.

Portanto, a diferença entre os mais escolarizados e os menos está apenas na intensidade da simplificação. Simplificação que é uma tendência do Português falado.

#### e) **Contração das proparoxítonas em paroxítonas**

O Português não-padrão tem um ritmo paroxítono. Isto é, praticamente não existem palavras proparoxítonas nas falas populares. Por isso, há uma tendência a contrair proparoxítonas do Português padrão em paroxítonas. Daí surgem “arvre”, “corgo”, “tauba”, “fósfro” e muitas outras. Esse fenômeno lingüístico é muito comum entre falantes das regiões mais interioranas do país, ou entre habitantes das grandes metrópoles oriundos do meio rural ou de pequenas cidades.

Embora esse tipo de registro lingüístico seja estigmatizado em nossa cultura, a História da Língua Portuguesa revela que não é somente no Português não-padrão que há uma tendência à contração das proparoxítonas. Inúmeras palavras que, no latim, tinham aquela estrutura foram “simplificadas”. *Cálidu* virou caldo, *cunículu* transformou-se em coelho, *frigidu* tornou-se frio e assim por diante.

Nestes casos, entretanto, as paroxítonas já estão incorporadas à Língua padrão. Portanto, a ridicularização que, muitas vezes, aquelas formas de expressão sofrem estão também relacionadas ao desconhecimento que temos da História da Língua Portuguesa e das transformações pelas quais ela permanentemente passa. É como se, ao observar palavras como “bebo” (bêbado), “passo” (pássaro) etc., estivéssemos vendo uma fotografia do idioma e isso nos causa um estranhamento. Se

conseguíssemos ver o ‘filme’ da Língua, teríamos uma compreensão mais clara da lógica e da riqueza dessas palavras.

#### f) Rotacização do L

Este fenômeno lingüístico acontece quando, nos encontros consonantais, o “L” é substituído pelo “R”, como em “probrema”, “incrusive”, “prano”, “craro”. É um dos fenômenos mais estigmatizados em nossa cultura. Quem o utiliza é automaticamente tido como “analfabeto”, “ignorante” ou “que fala tudo errado”.

A sociolingüística, entretanto, mostra que esse fenômeno lingüístico está associado a uma tendência natural da língua portuguesa. Uma série de palavras que, no latim, possuíam L no encontro consonantal, na Língua Portuguesa moderna trocaram esse L pelo R, como por exemplo em igreja, praia, escravo, frouxo e muitas outras.

O interessante é que as palavras latinas *ecclesia*, *plaga*, *sclavu* e *fluxu* mantiveram a mesma estrutura, tanto no francês como no espanhol: *eglese* e *iglesia*, *plage* e *playa*, *esclave* e *esclavo*, *flou* e *flojo*. Somente no Português sofreram tal transformação, o que confirma a tendência natural no desenvolvimento do idioma (BAGNO, 1997, p. 44).

Se ninguém hoje é considerado ignorante ao pronunciar praia, igreja ou escravo é porque toda vez que uma variedade lingüística é incorporada pelas classes dominantes, ela passa a ser considerada correta.

## 5- Fala – identidade – estigma:

Como já foi dito, a reportagem de aprofundamento tem como pressuposto a humanização do relato. Isso se traduz, dentre outras formas, pela construção de protagonistas das ações. São eles os condutores da reportagem jornalística.

Ao contrário do que se pensa, o protagonista não aparece apenas nos relatos biográficos ou nos perfis jornalísticos. Qualquer grande-reportagem pode ser construída a partir da história de vida dos personagens envolvidos com aquele acontecimento. A realidade do narcotráfico no Rio de Janeiro pode ser explorada a partir da trajetória de um traficante, como faz Caco Barcellos em *Abusado*. A situação dos presídios femininos em São Paulo pode ser tratada a partir do relato das próprias detentas, como acontece em *Cela Forte Mulher*, de Antonio Prado. Até mesmo os efeitos da bomba atômica podem ser apresentados a partir da história de vida de seis sobreviventes, opção feita por John Hersey em *Hiroshima*.

Se a reportagem de aprofundamento é conduzida a partir da trajetória de seus protagonistas, a fala de cada um deles adquire, assim, importância vital no relato jornalístico. Não somente o conteúdo das declarações, mas sobretudo o modo de falar dos personagens é elemento constitutivo de suas identidades. É difícil pensar na construção de um personagem sem levar em conta o seu modo de falar.

Mas é preciso ter claro que, quando nos referimos à identidade, estamos levando em conta a complexidade desse conceito. Não estamos falando de uma identidade unificada e estável, mas em identidades mutantes, contraditórias. Em seu artigo, Felipe Pena (2004) aponta as três concepções de identidade construídas na civilização ocidental. A primeira, do iluminismo, relacionava identidade ao sujeito

dotado de razão. A segunda, sociológica, definia identidade na relação do indivíduo com a sociedade. Ambas trabalham com a idéia de essência, de núcleo permanente.

Já a terceira, vinculada à teoria do caos e à complexidade, vê a identidade como atributo em constante transformação. Na visão de Felipe Pena,

*A identidade é descentrada e fragmentada. Tem lugar para contradições e esquizofrenias. Classe, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade, raça e outras tantas nomeações formam uma estrutura complexa, instável e, muitas vezes, deslocada. (PENA, 2004, p. 99)*

E, se por um lado, o modo de falar de cada pessoa é elemento construtor de sua identidade, múltipla, mutante e até contraditória, por outro, pode gerar estigmas. Como bem salienta Bagno (1997), alguns fenômenos lingüísticos característicos da língua oral, sobretudo de falantes não-cultos, são considerados erros pela gramática normativa e também um modo errado de falar, pelo conjunto da sociedade, produzindo-se o que ele chama de preconceito lingüístico.

Essa questão torna-se ainda mais dramática no caso de falantes de baixa escolaridade. Essas pessoas, em geral, já são excluídas do ponto de vista social, econômico e cultural. A noção de que falam um português errado ou “estropiado” só faz aumentar a exclusão a que são submetidas.

O preconceito lingüístico é intensificado pelos próprios meios de comunicação: “*é todo esse arsenal de livros, manuais de redação de empresas jornalísticas, programas de rádio e de televisão, colunas de jornais e de revistas, CD-ROMs, ‘consultórios gramaticais’ por telefone e por aí afora*” (BAGNO, 1999, pp. 76 e 77), que reforçam a noção de que existe um falar correto (restrito a poucos) e um falar errado (comum a milhões).

Numa sociedade extremamente hierarquizada como a brasileira, o modo de falar também serve para indicar a posição social do falante. Não basta o local de moradia, a maneira de se vestir, a instituição em que se estuda ou se estudou. É preciso demarcar a origem também pela linguagem. O preconceito e a ridicularização são resultado dessa valoração prévia. Cumprem, assim, o papel de mostrar ao falante ‘o seu devido lugar’.

Explicitar um falar considerado incorreto pela maioria dos leitores pode contribuir com o processo de exclusão em que vivem milhões de seres humanos. Como alerta Marcuschi, “*sob o ponto de vista sociolinguístico, (...) deve-se ter o cuidado de não (...) produzir retextualizações implicitamente preconceituosas (frisando aspectos morfológicos não-padrão ou escolhas lexicais inusuais)*” (MARCUSCHI, 2000, p. 88).

Esse, portanto, é um desafio que a grande-reportagem tem que enfrentar: como incorporar o modo de falar de personagens não-cultos sem reforçar o estigma de que são ‘pessoas inferiores’, que ‘não conseguem sequer se expressar corretamente’?

A hipótese já levantada é que esse obstáculo estará superado se a reportagem lograr construir os protagonistas da narrativa jornalística dotados de sua grandeza humana. E isso só será alcançado se a reportagem penetrar nas dimensões do imaginário, da magia, do mito.

## 6- O imaginário:

A incorporação das falas dos personagens pode conferir ao relato jornalístico, além de dinamismo e autenticidade, uma pluralidade de visões de mundo. Mas também pode reforçar o preconceito em relação aos mesmos personagens. Ganha-se por um lado, mas o esforço terá sido em vão, se os seres humanos, protagonistas da grande-reportagem, forem submetidos à ridicularização.

Para superar esse risco, a grande-reportagem terá que construir os protagonistas das narrativas em suas várias dimensões. E isso será feito penetrando nos campos da magia e do imaginário. Dessa forma, os personagens trarão elementos universais, que criarão pontos de contato com qualquer leitor, do menos instruído ao mais intelectualizado.

Tal façanha já foi alcançada no campo da ficção. João Guimarães Rosa, ao trazer para a literatura todo o universo do sertão mineiro, constrói personagens que, por mais humildes e pouco instruídos que sejam, carregam elementos universais do ser humano. É certo que Guimarães Rosa não transcreve literalmente as falas dos sertanejos. Ele cria uma linguagem própria inspirada no modo de falar daquele povo. Ao criar, resgata e renova a linguagem da gente comum, por meio de um texto carregado de poesia e simbolismo.

Vejam os este trecho extraído da novela *Campo Geral*, publicada em 1956, como parte da obra *Corpo de Baile*, depois separada como *Manuelzão e Miguilim*. Nesta conversa, o garoto Miguilim acompanha os últimos momentos de Dito, o irmão mais velho. Dito está acamado em virtude do tétano contraído ao se cortar com uma lata:

*Depois a gente cavacava para tirar minhocas, dar para as perdizinhas. Mas o mico-estrela pegou as três, matou, foi uma pena, ele abriu as barriguinhas delas. Miguilim não contou ao Dito, por não entristecer. —“As perdizinhas estão assustadinhas, estão crescendo por demais... Amanhã é o dia de Natal, Dito!” —“Escuta, Miguilim, uma coisa você me perdoa? Eu tive inveja de você, porque o Papaco-o-Paco fala Miguilim me dá um beijim... e não aprendeu a falar meu nome...” O Dito estava com jeito: as pernas duras, dobradas nos joelhos, a cabeça dura na nuca, só para cima ele olhava. O pior era que o corte do pé ainda estava doente, mesmo pondo cataplasma doía muito demorado. Mas o papagaio tinha de aprender a falar o nome do Dito! —“Rosa, Rosa, você ensina o Papaco-o-paco a chamar alto o nome do Dito?” —“Eu já pejejei, Miguilim, porque o Dito mesmo me pediu. Mas ele não quer falar, não fala nenhum, tem certos nomes assim eles teimam de não entender...” (...) —“Miguilim, eu sempre tinha vontade de ser um fazendeiro muito bom, fazenda grande, tudo roça, tudo pastos, cheios de gado...” — “Mas você vai ser, Dito! Vai ter tudo...” O Dito olhava triste, sem desprezo, do jeito que a gente olha triste num espelho. — “Mas depois tudo quanto há cansa, no fim tudo cansa...” (GUIMARÃES ROSA, João, 1984, pp. 105 e 106)*

Com um diálogo sintético, Guimarães Rosa mostra toda a dor da perda, a urgência do carinho, a esperança lutando contra a morte. Por meio das crianças, o autor toca nos arquétipos da perda, da fraternidade, da esperança e da dor. Neste pequeno trecho, as duas crianças do sertão mineiro expressam o mais profundo e mais universal da dualidade humana: vida e morte.

Além dos diálogos, Guimarães Rosa insere o modo de falar/ver o mundo do garoto no discurso indireto livre, isto é, no pensamento de Miguilim: quando este não conta ao irmão sobre a morte das perdizes, quando sente a urgência de o papagaio aprender o nome de Dito e quando observa a doença do irmão.

Na novela *Sarapalha*, da obra *Sagarana*, primeiro livro de Guimarães Rosa, publicado pela primeira vez em 1946, dois primos de um povoado arrasado pela malária conversam melancolicamente. Ribeiro acaba revelando que sonhou com a

mulher que o abandonara e fugira com um boiadeiro que tinha se hospedado em seu rancho. Ocorre que Argemiro também era apaixonado pela mulher do primo.

— *Por que é que foi, que só hoje é que o senhor sonhou com ela, Primo Ribeiro?*

— *Não sei não... Só sei que se ela, por um falar, desse de chegar aqui de repente, até a febre sumia...*

— *É... Se ela chegasse, até a febre sumia...*

— *Também, não sei: eu hoje cansei de sofrer calado... Vem um dia em que a gente fica frouxo e arreia... Também, eu só estou falando é com você, que é p' ra mim que nem um irmão. Se duvidar, nem um filho não era capaz de ser tão companheiro, nesses anos todos...* (GUIMARÃES ROSA, João, 2001, pp. 160 e 161)

A fala de Ribeiro dispara todo o processo de culpa em Argemiro por ter amado a mulher do primo, ainda que em silêncio. Estão colocados aí os arquétipos da traição, da lealdade, da vingança e do perdão. E Guimarães Rosa consegue no pequeno diálogo inserir todos os sentimentos juntos, de forma contraditória, mostrando as sutilezas e os paradoxos da alma humana em seus personagens.

Na ficção, há muitos exemplos de construção de protagonistas que carregam elementos universais. Alguns se tornam arquétipos da humanidade. Antonio Candido mostra que “*a força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo*” e acrescenta: “*o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza*” (CANDIDO, Antonio, 2004, p. 59).

A grande-reportagem, portanto, deve procurar construir protagonistas com a mesma complexidade. No caso desses personagens reais, o caminho é ultrapassar o meramente factual. É preciso ir além e tocar nos elementos universais, arquetípicos que todos carregam. Para isso, a reportagem deve incorporar a magia e o imaginário.



Este processo, contudo, não é simples. A própria ciência que almeja compreender além das fórmulas reducionistas encontra a mesma dificuldade. Ao narrar as grandes descobertas da Física Moderna e também as grandes vivências dos místicos orientais, Capra (1983, pp. 21-68) mostra a impossibilidade de descrever esses fenômenos utilizando a linguagem ordinária. Servir-se apenas dessa linguagem é limitar-se à construção de conceitos lógicos e comuns, sem penetrar, portanto, nas dimensões da profundidade da vida.

Novamente Capra lança uma possibilidade. Ao tratar das maneiras encontradas pelas filosofias orientais para comunicar seus conhecimentos, diz que o fazem através de mitos, símbolos, imagens poéticas ou afirmações paradoxais, pois os místicos têm consciência de que as descrições verbais da realidade são imprecisas e incompletas.

Se buscar a linguagem adequada para tratar dos mistérios da vida já é um esforço, antes é preciso buscar instrumental para captar essa magia no próprio processo de apuração da reportagem. Onde buscar o imaginário, a magia? Ana Taís Barros (2001) nos diz que é no cotidiano de nossos personagens:

*No dia-a-dia, eivado pelo anódino, por milhares de desimportâncias, o furta-cor das histórias cotidianas é o verdadeiro sustentáculo da vida. O mundo material passa a ser suportável, agradável e por fim desejável quando a alma (...) lança, sobre o banal, sua numinosidade. (BARROS, 2001, pp. 177 e 178)*

São, portanto, as histórias simples, os sofrimentos, os sonhos, as pequenas lutas diárias, os desejos, as fantasias, os gestos singelos, como o de Miguilim pedindo a Rosa que ensine logo o papagaio a pronunciar Dito, que serão universalmente partilhados. Como diz Ana Taís “A magia é uma reivindicação por um jornalismo

*que promova o encontro dos saberes e a partilha de afetos. Que contribua para o encantamento do mundo”* (BARROS, 2001, p. 189).

## Capítulo 3

# Análise

A utilização da oralidade no texto jornalístico coloca uma série de desafios. Nos veículos da chamada grande imprensa, seu uso é restrito ou inexistente, em função da própria padronização que as empresas impõem. Por essa razão, tratamos da reportagem de aprofundamento, em geral, mais livre das limitações empresariais. Entretanto, mesmo na grande-reportagem, na qual o repórter tem a liberdade de imprimir a sua marca de autor, existem alguns nós a serem desatados.

O primeiro passo é a tomada de consciência. É necessário que o jornalista conheça a natureza distinta da língua oral. Não basta dominar as regras da gramática normativa. É preciso conhecer as características intrínsecas da oralidade, saber que ela possui uma dinâmica própria. Ou seja, ter consciência de que língua escrita e língua oral são duas expressões do mesmo sistema lingüístico, mas com características particulares.

O segundo passo consiste em assumir uma postura em defesa da legitimidade da língua oral e, principalmente, das variedades não-padrão da língua. Para isso, é preciso superar a visão dicotômica e equivocada de que a língua escrita é a língua correta e superior e a língua falada, incorreta e inferior.

O terceiro passo implica na auto-sensibilização. Aqui é preciso abrir um parêntese sobre o processo de produção da reportagem. Pois para incorporar a oralidade na narrativa jornalística não basta simplesmente gravar os depoimentos e transcrevê-los.

Classicamente dividida em etapas, a reportagem abarca a pauta (planejamento prévio), a captação das informações, a redação do texto e a edição. Por ora, o que nos interessa é a captação das informações. Ela pode ser feita por meio de pesquisa,

entrevistas ou observação. O texto jornalístico irá trazer dados e informações oriundas dessas três formas de captação.

No caso da entrevista, ela pode ser gravada, anotada pelo repórter ou simplesmente ouvida (no jornalismo contemporâneo, aceita-se ainda a entrevista respondida por escrito pelo entrevistado – neste caso, não há como falar em oralidade).

Ou seja, mesmo em entrevistas anotadas ou realizadas exclusivamente pela escuta do que diz o entrevistado, o repórter terá de ter sensibilidade para observar “o modo de falar” de cada personagem. Sem essa sensibilidade, o jornalista poderá desprezar traços de oralidade até em depoimentos gravados.

O quarto passo exige o desenvolvimento de uma técnica particular para registrar a oralidade. Ciente das características da língua oral, o jornalista terá então de fazer opções estilísticas. Isto é, entre as inúmeras características da oralidade, quais serão mantidas e quais serão relevadas.

Trata-se aqui de encontrar o tênue equilíbrio entre a legibilidade e a manutenção da identidade do personagem. Por exemplo, o autor irá registrar a supressão do R final dos verbos no infinitivo (“fazê”, “brincá”, “produzi”), a desnasalização das vogais postônicas (“garage”, “bagage”, “homi”), a redução dos ditongos (“poço”, “troxa”)? Caso faça essa opção, por que não registrar também outras variedades de pronúncia, como “minino” (no lugar de menino) e “culégio” (em vez de colégio)?

A introdução da oralidade no texto jornalístico, assim como em textos literários, pode levar a um impasse, como observa Dino Preti, citado por Urbano:

*Ao tentar, pois, descrever o ato falado, esbarra o escritor com esse primeiro entrave. Se quiser superá-lo (e alguns o fizeram, em todas as épocas, conforme veremos), caminhará certamente para uma ortografia fonética individual, nem sempre uniforme e razoável, que poderá até impedir a compreensão do leitor, habituado à transcrição convencional dos signos sonoros. (URBANO, 2000, p. 129)*

Finalmente, o jornalista que pretende incorporar a oralidade em seu texto enfrenta um desafio ainda maior: como registrar o ‘modo de falar’ dos personagens sem reforçar o preconceito? Mas como não estigmatizar o personagem, mantendo sua dignidade de ser humano e, ao mesmo tempo, registrar uma fala que represente a sua identidade cultural? Eis o grande dilema do jornalista que incorpora a oralidade na reportagem.

Veremos a seguir como três profissionais da grande imprensa trabalharam essa questão ao produzir reportagens de aprofundamento. Cláudio Cerri publicou *Um rio à procura de um país*, na revista Globo Rural de outubro de 2000, que discute a transposição das águas do São Francisco. Caco Barcellos, jornalista da TV Globo, desvenda o universo do narcotráfico no Rio de Janeiro, tendo como fio condutor a trajetória de Juliano VP, líder do Morro Dona Marta, no livro-reportagem *Abusado*. Antonio Carlos Prado, repórter da revista IstoÉ, penetra no mundo dos presídios femininos em São Paulo, traçando o perfil de dezenas de internas, no livro-reportagem *Cela Forte Mulher*.

Embora possam ser consideradas três grandes reportagens no que diz respeito aos níveis de aprofundamento propostos por Cremilda Medina e também na busca de sentidos e significados mais abrangentes, como propõe Edvaldo Pereira Lima, os trabalhos lidam de forma bastante distinta no que se refere ao uso da oralidade na narrativa.

É certo que cada um dos repórteres deparou-se no trabalho de campo com a questão da oralidade. Cada um deles encontrou diferentes modos de falar. E essas oralidades, além de constituintes das identidades dos personagens com os quais os autores se relacionaram, traziam particulares e diferentes visões de mundo. De que maneira cada um deles lidou com esse fenômeno na narrativa jornalística é o que veremos nos exemplos a seguir.

## 1- Um rio à procura de um país:

Cláudio Cerri constrói uma verdadeira obra prima do jornalismo de aprofundamento. Por meio de uma linguagem extremamente elaborada e poética, ocupa vinte páginas da revista Globo Rural de outubro de 2000, para discutir a transposição das águas do rio São Francisco.

O autor faz o resgate histórico da questão, desde a descoberta do rio pelos europeus até os projetos mais recentes de transposição. Realiza a contextualização, desvendando a realidade social, econômica e cultural de toda a região banhada pelo rio. Neste sentido, é interessante o registro das tradições religiosas das comunidades ribeirinhas. Dona Maria da Rosa, 70 anos, guardiã da imagem de São Gonçalo, o santo violeiro, personifica a tradição, a fé e a cultura de um povo.

A reportagem também provoca o debate conceitual de que fala Cremilda Medina. É interessante observar que para refletir sobre a situação da bacia e as possíveis conseqüências da transposição, Cerri não se vale apenas do saber científico (nele comparecem o geógrafo Milton Santos, falecido em 2001, o biólogo Hugo Godinho, estudioso do rio há 30 anos, os agrônomos José Theodomiro de Araújo e Otomar de Carvalho, o engenheiro João Cezar Pierobom e o historiador Bernardo Mata Machado), mas também do artístico (os escritores Sávia Dumont, Olavo Celso Romano e Wilson Lins e o violeiro Manuel Neto de Oliveira), do religioso (o bispo de Barra, na Bahia, dom Luiz Cappio) e, inovadoramente, do próprio saber popular. Seu Bininho, de 90 anos, e o capataz baiano Manuel Charuto, entre outros, discutem a piscosidade do rio.



A sabedoria local também aparece nas histórias do beiradeiro Lauro de Assis (junto com seu cão Mata Grande), do pescador Albertino de Deus, do boiadeiro João Henrique Ribeiro, o seu Zito (que acompanhou uma comitiva cujo capataz era Manuelzão e da qual participou o escritor João Guimarães Rosa), do vaqueiro Lázaro Pereira e do agricultor Antonio Ruço.

Um dos pontos luminosos da reportagem é o resgate da memória viva da resistência negra nas barrancas do São Francisco. Por meio das histórias de Chico Tomé, 106 anos, dona Joana Camandaroba, 86, e Maria de Moura, 78, habitantes das margens mineiras e baianas do rio, Cerri reconstrói a formação racial e resgata o papel de “coito” de negros revoltosos e índios fugidos que a região exerceu. Esses três seres humanos são os depositários da história e da luta de um povo por liberdade e sobrevivência.

Ao longo da reportagem, Cerri chega mesmo a atingir as profundezas do mito e toca metaforicamente nos arquétipos do movimento (a corredeira do rio), da sobrevivência (o peixe), e da transcendência e da superação (o horizonte).

Entretanto, apesar de introduzir uma dezena de personagens populares, Cerri se mantém preso à estrutura narrativa tradicional. A reportagem é praticamente toda ela conduzida em terceira pessoa. As falas desses ricos personagens populares aparecem de forma limitada, introduzidas entre aspas e verbos dicendi.

É verdade que autor tenta incorporar algo de oralidade, como na fala do jovem pescador Marcos dos Santos; *“Pra ganhar melhor, só com profissão muito autorizada, que meu estudo não alcança”* (CERRI, 2000, p. 44), ou do violeiro Manuel Neto de Oliveira, o Manelim: *“Virou dessarumação. Aquilo foi usura (...).*

*Metade da mata do Urucuia virou carvão (...) vai junto a umidade e a chuva”* (CERRI, 2000, p. 49). Praticamente só isso.

Dessa forma, a reportagem de Cerri acaba por não construir protagonistas. Há personagens sim, ricos, variados, representativos das várias facetas que o tema transposição do São Francisco comporta. Mas não surgem protagonistas no sentido de a reportagem ser conduzida por meio deles. Protagonistas que, em todas as suas dimensões, tornem-se pilares da grande-reportagem e expressem sentidos universais da relação do ser humano com o rio e, assim, lancem conexões profundas com os leitores.

O jornalista fez a opção de deixar homens e mulheres em segundo plano. Estes formam um mosaico humano que acompanha o rio. O São Francisco torna-se, assim, protagonista mítico de sua reportagem.

Não se quer aqui estabelecer uma relação de causa-efeito entre a incorporação da oralidade e a construção dos protagonistas. Apenas levantar a hipótese de que a não-construção de protagonistas está de alguma forma entrelaçada com o fato de o autor não ter aberto as comportas de seu texto para que jorrassem os modos de falar de seus personagens.

É claro que, em virtude profundidade desta reportagem e do virtuosismo do autor em compor a narrativa, a ausência da oralidade não a compromete. Mas até por conta da riqueza estilística, cabe questionar se não seria o caso de incorporar mais os falares regionais e, assim, dar legitimidade a eles.

## 2- Cela Forte Mulher:

No caso do livro-reportagem de Antonio Carlos Prado, o autor enfrentou um outro desafio. Ao tornar-se personagem do próprio livro, Prado teve que decidir como registrar sua própria fala. Essa questão ganha relevância, sobretudo, quando confrontado o modo de falar do repórter com os falares das presidiárias. Como alerta Marcuschi,

*Há também questões éticas envolvidas, já que a transcrição pode reproduzir preconceitos na medida em que discrimina os falantes, deixando, para uns, evidências socioletais em marcas gráficas, anulando essas evidências, para outros. (...) Essa distinção faz supor que o entrevistador tem uma “fala culta” ao passo que seu informante, não. (MARCUSCHI, 2000, p. 53)*

O autor opta, então, por corrigir a fala das personagens, adotando o padrão da língua escrita culta em todos os registros, tanto do repórter/narrador, quanto das presidiárias/personagens. No processo de retextualização, faz novas opções léxicas, reordena concordâncias, redefine sintaxes.

*Mas acho que só entende o que é essa adrenalina quem também a possui. Mesmo algumas bandidas não a compreendem porque não a têm – adrenalina é um jeito especial de estar no mundo, conseqüentemente é um jeito especial de estar no crime, é tentar conseguir tudo o que se quer, na hora em que se quer.*

*Eu seqüestro porque gosto, não há explicação. Mutilar é conseqüência do seqüestro relâmpago.*

*Eu fui molestada sexualmente pelo meu padrasto quando era criança e isso pode ter acelerado a minha entrada na vida do crime. Mas não foi o motivo principal. Ninguém se torna bandida porque foi estuprada quando era criança, porque passou fome na infância, porque apanhou muito da mãe ou do pai – pode acreditar. Achar que alguém vira bandida por causa da família ou por causa de outra pessoa qualquer é teoria de quem estuda só nos livros mas nunca visitou com freqüência uma cadeia. Na verdade eu já*

*tentei matar o meu padrasto mas não consegui. Quando sair daqui, eu o mato.*

*Parar de seqüestrar eu não vou, mas não precisarei fazer dois ou três seqüestros por semana.*

*Essa pena enorme que eu tenho de cumprir corresponde aos crimes que cometi dos dezoito aos dezenove anos.*

*As pessoas costumam se chocar, ficam escandalizadas.*

*Eu não me julgo uma pessoa ruim. Não seqüestro por ruindade, faço porque gosto. Um empresário, teimoso que era, me forçou a cortar-lhe três dedos e um pedaço da língua.*

*Quando eu era criança, minha mãe me dava dinheiro para ir à papelaria. Tinha dinheiro para comprar lapiseiras, gosto muito de lapiseiras, mas eu sempre preferia roubá-las.*

*Eu sempre penso o seguinte: se nós não existíssemos, muita gente não teria a menor função. (PRADO, 2003, pp. 37 e 38, grifos nossos)*

Nos trechos acima, extraídos do depoimento da personagem Bela, 20 anos, condenada a 48 anos de prisão por seqüestro e homicídio, Prado utiliza vocábulos incomuns na língua oral (corresponde, molestada, conseqüentemente), insere o futuro do presente (precisarei) e o futuro do pretérito (teria), corrige concordâncias e opta pelo pronome pessoal “nós”, em vez do disseminado “a gente”.

Ainda que a personagem possa ter um certo nível de escolaridade, os elementos inseridos pelo autor não corresponderiam sequer à fala informal de falantes cultos da língua. E é preciso levar em conta que se trata de uma jovem, quase adolescente.

O mesmo acontece com o trecho abaixo, um diálogo entre o autor e a personagem Ivoneide, paraibana, com passagens pelo manicômio judiciário. É interessante notar que na fala do repórter os imperativos seguem a norma gramatical, quando na língua oral, mesmo de falantes cultos, eles assumem a forma do indicativo. O autor perde a oportunidade de tornar a sua própria fala mais próxima da língua oral.

Com, isso, a oralidade ganharia legitimidade, por tratar-se de um falante de nível superior e prestígio social.

No caso da personagem, há o uso do pronome pessoal “nós”, com o reflexivo “nos”, gramaticalmente correto. Não aparece a simplificação da conjugação do verbo amar. Os plurais também estão todos explicitados, ao contrário do que acontece na fala, principalmente de falantes de baixa escolaridade.

— *Ivoneide, tome cuidado. Olhe nas mãos de quem você está colocando o seu pescoço.*

— *Não tem perigo. Nós nos amamos e o amor é lindo.*

— *Mas é bom lembrar que seu grande amor gosta de tentar estrangular as noivas.*

— *Isso ele fez com as outras mulheres frouxas. Com a baianinha aqui vai ser diferente, sou arretada que só vendo!*  
(PRADO, 2003, p. 43, grifos nossos)

O autor ainda tenta dar um colorido à fala da personagem com a expressão ‘sou arretada que só vendo’, mas é quase nada se comparado com o restante do depoimento dela.

A retextualização que altera o modo de falar do personagem fica mais evidente no trecho abaixo, um diálogo entre o autor e Eulália, condenada a 20 anos de prisão por homicídio. Eulália nasceu e foi criada na rua. Portanto, supõe-se que possui pouca ou nenhuma escolaridade. No texto, contudo, produz concordância correta e utiliza o futuro do presente (serei/seguirei).

— *Eu? Trabalhar de doméstica, vendedora, ficar nessas merrecas? Nem morta. Volto para o crime, só que dessa vez não deixo a casa cair, jamais serei presa novamente.*

— *Mas você vai sair daqui com trinta e quatro anos, e assim mesmo em liberdade condicional. Não vai dar para ser modelo.*

— *Se não der, não deu. Seguirei na vida do crime.*  
(PRADO, 2003, p. 61, grifos nossos)

A eliminação de plurais redundantes (concordâncias gramaticalmente incorretas) e o desuso das formas pronominais oblíquas são características da língua oral, inclusive em falantes cultos. No texto de Prado, porém, essas formas aparecem em abundância, mesmo em depoimentos de personagens de origem simples, como no relato da psicótica apelidada de Latinha:

— *Tenho feito muitos jornais dentro da minha cabeça! Os discos voadores descem, apanham os exemplares e os levam para o espaço.* (PRADO, 2003, p. 101, grifos nossos)

O depoimento de Gilda, uma jovem de 23 anos e condenada a 59 anos de prisão por latrocínio, mais parece a avaliação psicológica de um especialista. Não que uma presidiária não possa ter uma opinião sobre o sistema penitenciário, mas a sofisticação que o repórter deu ao relato torna a fala deslocada. Além disso, o autor utiliza novamente o pronome oblíquo, quando praticamente ninguém no Brasil o faz no discurso oral, e insere o verbo adquirir para dizer que a moça não tem sentimento de culpa:

— *É preciso compreender as diretoras e as guardas. Elas não acreditam no trabalho que fazem nas penitenciárias, deixaram de acreditar em si próprias, e é por isso que não mudam a maneira de pensar nem acreditam que uma presa como eu possa evoluir. Eu não adquiri sentimento de culpa nem vou tê-lo algum dia. (...) (PRADO, 2003, p. 73, grifos nossos)*

Em todos esses trechos, é possível observar que Antonio Carlos Prado não apenas deixou de incorporar traços da língua oral nas falas de suas personagens, como

corrigiu essas mesmas falas. O modo de falar de cada uma delas é padronizado de acordo com as regras da língua escrita padrão.

Com isso, suas protagonistas perdem identidade, pois deixam de ter personalidade lingüística. Tanto a presidiária com curso superior quanto a empregada doméstica, tanto a paulista quanto a paraibana, tanto a jovem de classe média quanto a garota criada na rua, possuem o mesmo registro oral, o mesmo léxico, a mesma pronúncia.

Tornam-se, assim, personagens difusas, que fragilizam a própria narrativa. Neste sentido, cabe a pergunta: por que o autor teria feito essa opção?

Provavelmente, Antonio Carlos Prado decidiu por “corrigir” as falas das personagens, como uma tentativa de atenuar o estigma que já persegue essas mulheres. Ressaltar falas consideradas incorretas poderia aumentar ainda mais o rechaço que a sociedade nutre contra elas.

Se houve uma opção ética no sentido de garantir uma certa “dignidade lingüística” às presidiárias, por outro lado, os depoimentos tornam-se artificiais, pois não respeitam a dinâmica e as características intrínsecas da língua oral. O texto perde dinamismo e, muitas vezes, soa pedante.

Para não correr o risco de estigmatizar ainda mais as presidiárias, Antonio Carlos Prado simplesmente desiste de enfrentar os desafios de incorporar a oralidade em sua reportagem. Opta por um texto uniforme, mas artificial.

### 3- Abusado:

Caco Barcellos busca outra postura frente à oralidade. Com ousadia, procura incorporar a fala de seus personagens, ciente de que elas são tanto construtoras de identidades quanto porta-vozes de diferentes visões de mundo. Isso ganha relevância sobretudo tendo em vista que os principais personagens, os moradores do Morro Dona Marta, são parte de um setor excluído da sociedade, sem acesso aos bens culturais e materiais que a ordem econômica vigente produz. Vejamos um trecho:

*Em seguida, Juliano ouviu tocar a campainha do celular. Observou o número que estava chamando e abriu um sorriso. Recebeu uma bronca de Tucano.*

*— Pelo menos põe no vibrador, Juliano. Esse barulho todo vai acabá chamando os homê.*

*Juliano ouviu com atenção a crítica, mas resolveu atender a quem chamava.*

*— Luana, sol da minha praia. Tô numa correria aqui. Segura aí que eu já já te ligo.*

*A pedido de Tucano, Juliano saiu rápido dos limites da favela e entrou na floresta. Antes pediu para alguém desligar a campainha do celular.*

*— Quem é bom nisso? Põe pra vibrá essa porra!*

*Já estavam entrando na mata, quando uma mulher chegou esbaforida:*

*— Tu qué destruí minha família, Juliano.*

*— Destruí o quê, Goretti. Calma mulhé.*

*Goretti era uma das namoradas de Tucano, tinha um filho dele.*

*— Vocês esqueceram da festa do meu filho, legal, hein?*

*Tucano e Juliano trocaram olhares em silêncio enquanto Goretti insistia em convencê-los a adiar a missão.*

*— Deixa pra amanhã, qual é o problema, Juliano?*

*— Aí, deixa comigo. Sem caô. Eu que sei da parada certa. Seguinte, Tucano: tua mina tá cabrera. Confio no instinto de mulher, cara. Tu fica com teu filho. Vô chamá o Pardal pro teu lugar, na moral!*



*Pardal tinha 18 anos, embora aparentasse mais. Desde os sete já prestava serviços esporádicos na boca, ultimamente na função de soldado. Estava em atividade na área próxima ao Lixão e vibrou quando soube da decisão de Juliano. Assumiu a tarefa tão logo recebeu a mochila e a arma de Tucano.*

*— Que cano é esse, cumpadi! Aí, seguinte: vô sentá o dedo nos cara! Não vô dá mole, não vô dá mole – disse Pardal, convencido da importância da missão para a continuidade da quadrilha. (BARCELLOS, 2003, p. 37, grifos nossos)*

Vemos neste trecho que Barcellos registra diversos elementos característicos do modo de falar de seus personagens: uso de gírias (caô, parada, na moral, mina etc.), eliminação de plurais redundantes (nos cara, os homi), eliminação do R final em infinitivos (chamá, qué, destruí etc.), simplificação de conjugações verbais (tu fica), desnasalização de vogais postônicas (homi), abreviação de alguns vocábulos (vô, tá, tô).

Com isso, o texto ganha autenticidade e dinamismo. Os personagens são construídos de forma realista. A linguagem é reveladora do grupo social a que pertencem. Por outro lado, o uso das marcas de oralidade não cria grandes dificuldades para a compreensão do leitor.

Mas é interessante observar a opção feita pelo autor em outro trecho. Nele, Barcellos aponta uma característica do falar do protagonista, exatamente para mostrar o preconceito sofrido pelos moradores do morro. E constrói uma situação em que o fenômeno lingüístico do traficante aparece em situação de reciprocidade com a falante culta. Isto é, a suposta ignorância de Juliano sobre a pronúncia das palavras se equivale à ignorância da garota da Zona Sul carioca em relação às gírias da favela.

*As melhores amigas condenaram antes dos pais. Sugeriram a Haruno evitar o namoro com um jovem que cometia erros de português. Algumas, as que o conheceram pessoalmente, riam de Juliano sempre que ele trocava a*

*pronúncia de algumas letras ou quando convidava a namorada para passear:*

— *Haruno, vamo dáu uma volta na avenida Atrântica?*

— *Atrântica?*

*Os erros de Juliano não eram o que mais a incomodava. Afinal, ela também quase nada sabia das gírias da favela. Um se divertia com a ignorância do outro e gostavam de trocar informações.*

— *Você disse que está bolado comigo. Bolado? O que significa?*

— *Advinha!*

— *Gamado, apaixonado...*

— *Craro que não, Haruno. É bravo, incomodado.*

— *Não é c raro. É claro, certo, Juliano?*

— *Sem caô.*

— *Caô?*

— *Sabe o que é caô, não, aí? Já é demais. Tu nunca entrô numa favela na sua vida, não?*

— *Eu não. Dizem que só tem bandido lá em cima...*

— *Apelá não vale!. (BARCELLOS, 2003, p. 53, grifos nossos)*

Aqui, é reveladora a opção feita por Barcellos. Este trecho é um dos poucos em que o autor explicita a “rotacização do L” (Atrântica, raro), feita pelo protagonista. Como um dos fenômenos lingüísticos da língua oral mais estigmatizados pela nossa cultura, o autor não o reforça em outras falas, nem do protagonista, nem dos demais personagens. Ao contrário de ser um descuido de retextualização, a eliminação dessa característica leva a crer numa decisão do autor em não reforçar um traço lingüístico que reforça o preconceito em relação aos personagens.

Caco Barcellos enfrenta os riscos de incorporar a oralidade em seu trabalho. Seleciona alguns elementos que considera relevantes para construir a identidade de

seus personagens, escolhe traços da oralidade que acredita conferir maior dinamismo e ao texto jornalístico e despreza outros para proteger a dignidade dos personagens (caso da rotacização do L). Confere, assim, autenticidade a seus personagens.

No que diz respeito à humanização dos protagonistas, é possível afirmar que o autor consegue resgatar a dignidade desses seres humanos marginalizados em todos os sentidos. Para aprofundar o tema do narcotráfico no Rio de Janeiro, Barcellos constrói uma reportagem a partir de um protagonista, Juliano VP. E o faz em todas as suas dimensões. Ao invés de estereotipar o traficante, como fazem os grandes veículos de comunicação, humaniza-o. Isso não quer dizer que amenize a violência e a crueldade das quais o personagem é tanto vítima, quanto produtor.

## Capítulo 4

# A pesquisa empírica

## 1- Uma história de Vida:

“Eu não guardo mágoa de ninguém”

Mulher, negra, 47 anos: Maria Vieira relembra a infância pobre na roça, a morte de dois irmãos pequenos, o pai maltratando os filhos. Mãe de quatro filhas: Maria Vieira revive a luta para comprar roupa e material, as crianças em cima da cama nos dias de chuva forte – o medo da enxurrada que entrava no pequeno cômodo como se fosse um rio. Diarista, nunca teve carteira assinada: Maria Vieira dependurada em ônibus, tantas baldeações, tantas patroas.

Mineira, chegou em São Paulo faz trinta anos: Maria Vieira constrói uma geografia afetiva em que Sabinópolis, onde nasceu, é muito mais real que a cidade de São Paulo, com seus muitos bairros que servem apenas para identificar as patroas – minha patroa do Brooklin, minhas patroas do Aeroporto. As referências de tempo e espaço confundem-se com o eterno ciclo de limpar e arrumar a casa dos outros. Maria Vieira interpreta sua vida, suas conquistas e seus sonhos, que resistem com coragem à invisibilidade imposta aos oprimidos.

### **Tempos de trabalho e luta: São Paulo**

Maria, 16 anos. Assim como outros migrantes, acreditava que seu destino era São Paulo: poderia ganhar dinheiro, ajudar os pais, ter uma vida melhor. *Eu cheguei em São Paulo em setembro de 1976 e eu sempre trabalhei de doméstica. Depois que meu primeiro marido faleceu eu comecei a trabalhar de diarista, faz uns 18 anos mais ou menos que eu trabalho de diarista.* Muitos familiares e amigos já estavam em São Paulo, inclusive os irmãos.

*Chegô uma vez que veio todo mundo embora prá cá, minhas amiga, meus irmão. Foi um cara lá troce meus três irmão pra trabalhar aqui em São Paulo na construção civil. Depois, meu tio troce a minha tia com os filho dele, a minha amiga também Foi vindo todo mundo, aí eu fiquei muito triste, sabe.*

*Eles começaram a ficar prá cá foi em 71. Fiquei lá mais cinco ano lutando. Aí, eu pus na cabeça que aqui em São Paulo eu ia ter um futuro melhor, que ia trabalhar, comprar uma casa, ter isso e aquilo. Aí coloquei na cabeça que eu queria vimbora. Meu pai não queria deixar. Eu falei pra minha mãe, minha mãe falou, Maria o que você vai fazer em São Paulo? Você não tem nem aonde ficar... Meus irmão tava aqui, mas morava junto com um monte de amigo. Então, lógico que não ia morar com eles né?*

*Maria pediu a uma tia que a acolhesse, e a tia concordou em recebê-la: Fui e vendi minhas coisa, milho, feijão, tudo pra arrumar o dinheiro. Inclusive, tinha um moço que trazia as pessoa aqui pra São Paulo de perua.*

*Meu pai judiava muito da gente, hoje em dia eu não tenho mágoa dele, eu tenho muita dó dele, eu cuido dele, gosto muito dele, o que passou já passou, mas ele foi cruel com a gente. Minha mãe não, Deus que tenha ela no que lugar que ela esteja, mas ela foi muito boa com a gente, fiquei com muita pena de deixar minha mãe.*

*A viagem tornava-se uma realidade, o sonho começava a se realizar: Combinei tudo com o rapaz. E no dia da minha madrinha viajar, eu pedi pra ela me trazer. Meu dinheiro não dava pra passage e pra trazer um dinheirinho pra cá, aí eu fui num cara lá que emprestava dinheiro, ele me emprestou um pouco, e eu vim embora com minha madrinha. Me falaram pra pôr uma pedrinha na boca quando visse a estátua do Borba Gato, imagina que eu vim com uma pedrinha e fiz isso. Minha madrinha falou: que que cê tá fazeno? É que eu acreditei, era pra dar sorte, sei lá... Agora eu passo por lá, vejo a estátua e ainda lembro.*

*Chegano em São Paulo fiquei na casa da minha madrinha uma semana, depois minha tia foi lá me buscar, eu fiquei morano na minha tia. Minha tia arrumou emprego pra mim. Eu nem sabia atravessar a avenida, minha prima que me levava todo dia e buscava. Aí teve um dia que eu falei pra Léia não precisa ir me levar, pode deixar que eu vou sozinha, vou com Deus. Mas você não sabe atravessar! Eu falei, sei.*

*Eu fui atravessá a avenida, quando o farol fechô pros carro eu não atravessêi, quando o farol abriu pros carro é que eu fui atravessá. Veio um carro em cima de mim e eu comecei a ficá tremeno, tremeno, e o cara gritou: Cê é loca! Cê vai morrê! Só deu tempo pra eu dá um pulo na otra calçada Fiquei até zonza Tinha uma senhora que falou assim pra mim: olha, quando você for atravessá, você espera o farol fechá, quando os carro pará, você atravessa, aí quando ficá verde pros carro, cê não atravessa, que é perigoso, cê morre. Ela me ensinô. Depois disso eu aprendi, e ia e voltava, e comecei a estudar à noite, que eu queria continuar o estudo.*

Maria logo começa a trabalhar como empregada doméstica e, com exceção de breves períodos, nunca mais deixaria de limpar e arrumar. *Trabaiei o primero mês e mandei dinheiro pro moço lá, que eu tava deveno... Paguei.. Aí no segundo mês, trabaiei, ganhava dinheiro, mandava um pouco pro meu pai mais minha mãe. Ajudava minha tia em casa, fazer compra tamém, que ela tinha cinco filho e meu tio trabaia num taxista e ela num trabalhava. Então eu tinha que ajudá também. Aí fui tratá dos meus dente, porque tava tudo um pobrema, né. E fui levano a vida assim.*

Depois da chegada a São Paulo, saudades da família, principalmente da mãe. Escreve cartas, que alguém lá em Minas lia para os pais – na época tudo se resolvia com cartas, fossem notícias, envio de dinheiro. Divertimento, apenas nas poucas horas que aproveita para sair com amigas e visitar os parentes. A vida pessoal da jovem Maria, da mulher Maria, nunca mais vai se dissociar dos humores e rompantes dos patrões. A gravidez da primeira filha, Maria esconde da patroa. Maria pouco comenta do namoro, não há imagens românticas nem revela se tinha o sonho de se casar com o namorado: *Primeiro eu arrumei o namorado que era o pai da Tatiana. Aí eu fiquei grávida da Tatiana. Quando minha patroa foi saber que eu tava grávida eu já tava de cinco pra seis mês. Eu apertava a barriga, escondia. Só minhas amiga que ficou sabeno. Fui escondeno, escondeno, até que ela descobriu.*

O dia em que contou a verdade para a patroa é recordado com detalhes : *Teve um dia que eu fui na mercearia buscar as coisa pra ela. Eu lembro que ela ficava sempre me reparano. Quando eu cheguei, ela perguntou: Maria, eu tô achano você tão diferente,*

*cê tá gorda, ocê ta grávida? Aí eu falei pra ela: É, tô grávida. Nem eu sabia de quanto tempo tava, porque nem pré-natal eu fiz.*

Maria continuou morando com os patrões até dar à luz. Tinha então vinte anos. Fala sem ressentimento do pai de sua primeira filha: *Esse rapaz era de Minas. Quando chegou no mês d'eu ganhá a Tatiana ele sumiu. Depois que ela tava acho que com uns dois mês, por aí, ele apareceu. Aí queria registrar ela no nome dele, só que aí eu num aceitei. Na hora que eu mais precisei dele, ele num tava presente. Eu era uma pessoa muito simpres... Eu era tão tonta... Eu gostava dele, só que depois eu percebi que ele num gostava de mim, só queria zuá mesmo, sabe?*

### **A decisão de ter a filha**

Mesmo solteira, e sabendo das dificuldades que enfrentaria, Maria decidiu ter uma filha. O namorado queria que abortasse: *Tem uma amiga minha que foi numa crínica aí em Pinheiros e abortou o filho dela. Eu que fui com ela nessa crínica. Ele queria que eu fosse nessa crínica. E eu tava grávida de cinco pra seis mês e eu falei: Não!* A amiga entrou numa sala, e ficou muito, muito tempo, lá nessa sala. Depois é que ela saiu. Aí a gente veio embora. Aí passou uns dois, três dia, ela teve esse aborto, na casa da patroa dela. Eu num sei o que eles fizeram lá. Diz que tinha uma sonda que eles coloca, sei lá, que a pessoa fica dois, três dia, ou quatro dia, com essa sonda, que a pessoa depois aborta, né. Eu acho que ela fez foi isso.

Para Maria, aborto, de jeito nenhum: *Eu sentia que num devia de fazer, que era uma vida, né. Onde cubé eu, cabe minha filha. Eu pensava comigo assim, quando eu for ganhá ela, eu nem vou vim morá aqui na casa da minha patroa, que meu patrão num vai aceitá. Eu vou pro hospital, ganho ela e depois vou morá embaixo da ponte com minha filha. Meus irmão também não vão me aceitá. Minha família nenhuma vai me aceitá. Quê que eu faço? Ganho minha filha e vou morá embaixo da ponte! Na minha cabeça era assim.*

A patroa de Maria chamou sua tia e combinaram que a moça trabalharia até ganhar o bebê. Depois disso, Maria iria para a casa da tia com a criança. Apesar das dúvidas e



ansiedade pelas quais passou, Maria relembra com alegria dessa primeira gravidez. *A minha tia ficou triste porque aconteceu isso. E eu toda feliz, que eu tava esperano a Tatiana E eu ia no Pão de Açúcar, lá perto da casa da minha patroa, e ia comprano as ropinha escondida. Todo pagamento que eu recibia, eu ia lá comprá ropinha escundida, Tava gostano de ser mãe. Incrusive que eu achava uma graça... Eu achava tão bonitinho nenêm...*

A tia internou Maria num hospital de São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo. A moça ficou em trabalho de parto durante três dias. Como a menina não nascesse, os médicos decidiram pela cesareana. Mãe e filha correram risco de morrer: *Eu sofri pra caramba pra mim ter a Tatiana Quase que eu vô eu e ela também, porque passou da hora d'ela nascer. Depois eu tive compricação na minha cesária. Eu fiquei dezoito dia no hospital internada. Só que graças a Deus ela nasceu bem, com saúde, né.*

No tom calmo que marca sua fala, as situações desagradáveis que enfrentou parecem amenidades. Nenhuma crítica às pessoas que lhe causaram sofrimento, em nenhum momento assume o papel de vítima. Cenas dramáticas são descritas com tranqüilidade, sem rancor: *Depois do parto eu fiquei na casa da minha tia. Eu fiquei oito dia na casa da minha tia. Depois as minhas prima começô a impricá comigo, porque a Tatiana chorava. Porque ela num deixava dormi de noite. Uma das minhas primafalou: Ah, vai dormi lá no terraço com essa menina pra ela pará de chorar.* Embora revele gratidão pela tia, Maria, sempre discreta, nunca se sentiu à vontade com seus parentes; lá não era sua casa.

Para Maria, a situação era insustentável. Mesmo com a filha recém-nascida de poucos dias, ela pede para voltar para a casa da patroa. *Eu fiquei tão triste com isso, aí eu falei pra minha tia, eu quero ir embora pro meu seuviço. Aí minha tia: Não, você num terminô a dieta, como é que cê vai trabalhá? Eu falei, Vou. Aí a minha tia troce eu pra minha patroa, eu fiquei. Quando eu mudei da minha patroa pra onde eu moro hoje, a Tatiana tinha um ano e dois mês. Até então eu fiquei morano aí com ela, com a minha filha.*

O pai, em Minas, não aceitava ter que a filha fosse mãe solteira: *Acho que com dois mês, eu fui em Minas, levei ela pra batizá. Meu pai num queria nem me vê pintada de oro. Diz que ele falô que não me aceitava mais, num me considerava como filha. Aí minha mãe começô a falá um monte com ele aí ele aceitô. Inclusive ele batizô a minha filha.* Maria havia ido a Minas para ficar de vez, mas acabou retornando para São Paulo, pois a patroa a chamava de volta, precisava dela. Essa patroa é tia Fina, com quem Maria trabalhou como empregada doméstica por mais de sete anos.

*A tia Fina, nossa, era dez. Só que o meu patrão era ruim demais. Eu fiquei lá esse tempo todo por causa da tia Fina e das menina, que ela tinha três fio, Marcelo, Elaine e Eliana. Eis era um amô de pessoa, mais o meu patrão, pelo amor de Deus. Seu Guido era terrível! Ele era tão ruim que as banana passava de madura, já tava pra aprudecê e queria que eu comesse aquelas banana.*

Eram muitas as implicâncias do patrão: *O Marcelo, o filho dele era pequeno, ele era muito danado. Eu deixava a cozinha tudo limpinha, sem um galfo na pia, tudo arrumadinho, o Marcelo chegava e fazia aquela bagunça, que era muleque, né. Quando ele via a pia lá suja, o galfo lá, ele já vinha me chamano a atenção. Vixe, ele falava um monte! Tem que lavá esses copo! Eu falava, Seu Guido, tava tudo limpinho, o Marcelo chegô e bagunçô. A tia Fina falava tamém, mais num adiantava. Ele era muito ruim. Tanto pra mim quanto pra tia Fina. Mas a minha patroa já tá de idade, há pouco tempo memo eu fui visitá ela. Tia Fina tá até meia coisa da cabeça. Ele tamém, acho que de tanta coisa ele tá meio tantã da cabeça, entendeu? Mais eu fiquei muito tempo morano lá com eles.*

A patroa foi se apegando à Tatiana: *Ela carinhava minha filha, queria que eu desse minha filha pra ela de qualquer jeito. E eu num quis dá. Nossa, era apegada com a minha filha, que eu nunca vi assim. Ela cuidava da minha filha como se fosse uma filha dela. Dia de sábado, ela falava assim, Maria, cê num quer sair, passear um pouco? Pode sair, eu fico com a Tatiana. Aí eu fazia a mamadera da Tati, dexava a Tatiana dormino, tudo direitinho. Eu saía, passear com as minhas amiga, tinha um parquinho lá perto de onde eu trabaiava, a gente ia e passeava no parquinho. Aí quando eu chegava, ela tava lá deitada no sofá abraçadinha com a Tatiana.*

Segundo a mãe coruja, *a Tatiana era bem moreninha do cabelo bem enroladinho, era uma graça quando era pequena. Aí depois ela foi crescendo, no dia que ela começou a andar foi uma festa lá na casa da minha patroa. Tia Fina ficô numa felicidade só. Aí depois meu patrão começou falá que ela tava fazeno arte, porque criança faz, né? Aí eu conheci o pai da Nice e mudei lá pra onde eu moro. Eu mudei pra lá em setembro de 1980*

### **O primeiro marido, violência e tragédia**

Maria conhece outro rapaz, também de Minas Gerais, e passa a morar com ele. A filha Tatiana tinha pouco mais de um ano. Não foi exatamente um casamento feliz: *O nome dele era Adelino, que já faleceu. Na verdade, nunca fui casada. Aí fui morar com ele, só que ele judiô muito de mim, que lá em Minas a família dele é uma família de gente muito ruim, matadô, que estapeia as pessoa. Incrusive os tio dele aqui em São Paulo já matô muita gente, já saqueô a gente, já fez barbaridade. É uma família terrível, ele morreu tamém por causa disso que ele foi. Que ele era muito mau... Aqui em São Paulo eles já mataram gente de bens, assim gente de família.*

Com esse marido Maria viveu seis anos e teve a filha Ivanice, a Nice: *Ele brigava e ameaçava de matá as pessoa. Ele era muito ruim pra mim. No começo eu gostava dele, mais depois, com o passar do tempo, ele ficô muito ciumento, sabe? Eu num podia olhá pra homi nenhum, num podia andá com saia, era aquele tipo de pessoa que tinha que andá assim ó, cabeça baixa. O tipo de roupa que eu usava era aquelas saiona cumprida, vestido com aquelas saiona cumprida, ele num dexava eu usar calça comprida Eu era assim isolada dentro de casa, num podia sair. Não trabaiava, ficava em casa. Quando eu ganhei a Nice, eu continuei em casa, mas passava necessidade em casa.*

Ciumento, violento, Adelino tinha epilepsia, outro fato que desconhecia até ir morar com o marido: *Ele ficô na Caixa, depois ele aposentou. Cum vinte e três ano, ele aposentô por causa desse pobrema. Ele trabaiava assim fazeno bico, assim, igual numa chácra que tinha lá perto de casa. Só que ele era um cara assim, tipo tarado,*

*sabe? Mexeu com a patroa dele. Maria desconhecia o histórico violento do marido, que já era assim em Minas: Antes d'eu vim pra cá eu num tinha visto, eu quase num via ele. Depois que eu vim pra cá, passô muito tempo, nem lembrava dele mais, fui ver ele lá na casa da tia dele. Aí ele já começô a ficá no meu pé. Mais eu num sabia de nada o que tinha acontecido com ele.*

*Então depois que eu tava junto com ele, que a tia dele contô que ele estrupou a irmã dele lá em Minas. Veio aqui pra São Paulo corrido e muita coisas e eu num sabia que ele tinha, mais eu já tava morano com ele. Aí começô a judiá de mim, batia, falava que ia me matá e ia jogá num poço que tinha lá em casa.*

Foram anos difíceis para Maria. Além das agressões, o marido era mulherengo e mentiroso: *Ele pegava o pagamento dele, a aposentadoria dele e gastava tudo com as mulher. Bebia cerveja, gastava tudo com a mulherada. Mentia pra mim que num tinha recebido, que a perícia dele tinha marcado pra num sei quando, que num tinha dinheiro pra comprá as coisa. E eu, vou daqui, vou dali, muita ajuda... Quando eu ganhei a Nice, eu ganhei muita coisa de enxoval. Teve uma senhora lá que uma filha dela teve um filho que morreu, aí o enxoval do nenê ela deu tudo pra minha filha, a Nice. E eu ia daqui, dali, conseguia ajuda pra mim tratá das minhas filha.*

Maria passa a viver o conhecido ciclo de separações, reconciliações, privações e muita violência: *Depois que ele começô a judiar de mim, das minhas filha, eu separei dele. Saí de casa com as minhas duas filha, fui pra casa da minha tia, aí ele foi atrás de mim. Minha tia mandô eu voltá, eu voltei e ele começô a judiá das minhas filha de novo, de mim tamém. Ele era assim, ele ia pra casa da tia dele e chegava xingano aqueles nome feio, que só veno. Se eu demorasse dois minuto, dois segundo pra abrir a porta, ele chutava a porta, estorava a porta, um gênio ruim, que só Deus sabe.*

Nova tentativa de separação: *Chegô uma hora que eu saí e fui morá com meu tio, lá no Jardim Ângela, irmão do meu pai, aí depois ele foi me buscá de novo, eu voltei. Eu voltava porque meus tio mandava eu voltá e eu voltava com ele. Obedecia, eu era uma boba tamém, fazia tudo, tudo que os otro mandava fazê. Aí voltei pra casae*

*continuô. Aí então ele foi trabaiaá numa construção, uma reforma ali perto do Hospital Santa Paula na avenida Santo Amaro, com um vizinho que chamô ele.*

### **Parecia um dia como outro**

*Nada parecia indicar que naquele dia o marido provocaria uma briga e acabaria muito machucado: Diz que começô uma brincadedaiada com um rapaz que era baiano e o baiano num gostô das brincadera, e ele ameaçô matá o baiano. Maria tinha ido trabalhar de diarista, mesmo contrariando o marido, sempre ciumento e desconfiado.: Até esse dia ele num queria que eu trabaiasse de doméstica. Eu fui a contragosto dele, eu tava trabaiano lá na casa do seu Joaquim. Eu chegava, eu destrancava Porque toda vida o meu seuviço, foi um seuviço assim que todo mundo teve confiança ni mim. Todo canto que eu trabaiei eu tive chave do seuviço, das casa.*

*A calma antes da tempestade: Nesse dia ele saiu de casa e falô pra mim fazê um frango ensopado, fazê uma maionese, arroz e feijão, que ele queria comê quando chegasse do serviço. Ele saiu de manhã, depois eu saí. Levei minhas menina pra escolinha e fui trabalhá. Quando foi à noite eu cheguei, correno, pegava ônibus dipindurado na porta a ponto de cá e batê a cabeça na guia. Chegava em casa fazê comida e buscá minhas menina lá na escola, lá no prezinho, tadinha. Num era escola, era um lugar que a mulher cuidava das criança. Diz que era um prezinho, mais num era mesmo um prezinho.*

*Eu cheguei, fiz tudo o que ele pediu pra fazê, maionese, fiz arroz, feijão, frango. Aí fiquei esperano, tava até passano ropa. Era oito hora da noite quando um vizinho chegô avisano que ele tinha tido um acidente no serviço e tava internado no Hospital Santa Paula. E que ele num tava nada bom. Aí eu saí da minha casa, dexei minhas menina na casa da vizinha e fui lá pro hospital. Quando eu cheguei lá, ele tava com a cabeça toda enfaxada, amarrado em cima numa cama, que toda hora ele tinha convulsão e precisô deles amarrá ele na cama.*

*Eu conversei com o médico e o médico mandô eu ir pra casa. Fui pra casa, aí no outro dia eu vim de manhã, procê vê... Ele judiava, judiava de mim e eu ainda vim*

*trazê sabonete, trazeno pijama que a minha patroa deu, um monte de coisa pra ele ficá no hospital. Quando eu chego, ele já tava no UTI. O médico foi perguntá pra mim o que tinha acontecido. Meu vizinho que trabaiava com ele me falô que num era pra mim falá que tinha tido um acidente com ele no serviço. Mandô falá que ele tava arrumano o telhado na minha casa e caiu e bateu a cabeça. Aí o médico falô: Dona Maria, mais o acidente que aconteceu com ele num foi de queda, foi pancada que ele levô. Fala a verdade dona Maria. Aí eu falei: - Não, ele tava trabalhano aqui numa rua atrás do hospital e diz que teve uma briga com um rapaz, um baiano. Diz que o baiano saiu mais cedo do serviço e ele tava lá pono massa quando o cara chegô por trás e deu uma sarrafada na cabeça dele.*

Muita correria, mas o desfecho foi rápido; o médico avisara da gravidade da situação: *Ele falô assim ó: Ele tá na UTI e a senhora pode ir visitá ele, mais ele tá bem mal, já fizemo uma cirurgia na cabeça dele, mais se ele resistí ele vai dá trabaio pro resto da vida. Aí ficô na UTI, isso aí foi na quinta-fera, né. Na sexta meu cunhado foi lá comigo pra visitar ele. Aí eles mandaram eu pra delegacia fazê a ocorrência que não tinha feito ainda. Quando foi no domingo, que a gente juntô os parente dele pra ir visitá, quando chegamo lá ele tinha acabado de falecê. Aí vai, eu corrê daqui, corrê dali, meu patrão mais minha patroa me ajudô, até a ropa do enterro pra vestir nele pra enterrá a minha patroa deu. Eles me ajudaram muito, foi umas pessoa muito boa pra mim.*

Adelino morreu jovem, aos 25 anos. Maria, igualmente jovem, 26 anos, ficou viúva com as filhas Tatiana, de cinco anos, e Nice, de três. *Depois do enterro dele, eu caí doente, eu e as minhas menina adoeceu Eu esmagreci, mais eu sei porque eu esmagreci, num foi assim de tristeza, não Foi mais de correria, de trabalho, que eu tava trabaiano direto, corre daqui, corre dali. Peguei muita friage mexeno com o negócio do enterro dele. A gente sem dinheiro, né, minhas patroa que tinha que arrumá dinheiro, que a família nenhuma dele num deu apoio nenhum, nenhum centavo, tudo foi eu, na correria.*

Era o fim de um cotidiano triste, sem esperanças. Maria confessa que pediu a Deus que desse um fim ao seu sofrimento: *Ele judiava muito de mim e das minha filha.*

*Teve um dia que eu levantei de manhã e fui no banheiro, joelhei lá no banheiro, oiei pra cima e pedi pra Deus, falei mesmo, que se Deus vesse que eu merecesse sofrê igual eu tava sofrendo... Se eu merecesse tudo bem, se eu num merecesse, que Deus desse o castigo que ele merecesse. De tanto ódio que eu tava... Tinha ódio dele, pelo que ele fazia com a gente.*

*Então Com duas semanas que eu joelhei no chão e olhei pra cima e pedi a Deus, aconteceu o que aconteceu com ele. Mais num foi praga minha, não. Eu pedi a Deus, que se Deus vesse que eu merecesse, tudo bem, se ele vesse que eu num merecesse, que desse o castigo que ele merecesse. Deus fez o certo.*

### **Maria retoma as rédeas de sua vida**

Com a morte do marido, o pai de Maria insiste que ela volte a morar com a família em Minas: *Meu pai veio aqui me buscá pra í embora, eu num quis í. Eu falei não pai, não vô dexá minha casa e meus fio aqui não.*

A recuperação de Maria é lenta: *Quando eu comecei a melhorá um poquinho eu comecei a trabaiá. Fui trabaiá com a dona Nete. A dona Nete separô tudo de mim, tralheres, copo, faca, prato, que diz que eu tava com tuberculose. É que eu esmagreci muito e fiquei rôca, num falava. Depois me ensinaram a tomá gengibre cum pinga, ferver a gengibre cum pinga no meio e tomá que voltava a voz né. E num podia tomá friage. Aí eu fiz isso, graças a Deus, voltei minha voz.*

Depois que ficou viúva, Maria diz que começou sua vida, indicando um novo recomeço. Com a morte do marido, tornou-se realmente uma diarista – faz dezoito anos que está nesta profissão. *Fui recuperano aquilo que eu tinha perdido e voltei ao normal. Daí pra cá começô minha vida, né. A minha luta até hoje. Começô a melhorar porque eu comecei a trabaiá como diarista. O grande sonho de sua vida, que é ter uma casa adequada para a família, também começou a se concretizar com o trabalho: Eu comecei a construir a minha casa... Na época que o meu marido morreu tinha muito bandido lá onde eu morava. E eu tinha medo de dexá minhas filha*

*sozinha num barraco de tauba. Aí eu comecei a trabalhá, comprei material, construí uma cozinha, depois...*

Hoje só falta fazer uma cozinha maior e terminar o piso. Foram dezoito anos de muito trabalho para ir aumentando a casa pouco a pouco. As etapas de construção, cada pequena reforma, os materiais de acabamento são relatados com precisão de quem constrói insistentemente o maior dos sonhos. Cada vizinho, amigo, que colabora com esse sonho é lembrado com a gratidão sincera de quem sabe o valor da solidariedade. Na época em que foi morar no Jardim São Bernardo o cômodo original era *um barraquinho de tauba, pequenininho que só cabia minha cama, fogão, e uma caminha de solteiro assim. Se entrasse quatro pessoa dentro do barraco num dava pra ficar. E quando chovia escorria água assim dentro do meu barraco. Eu forrava todo o barraco de revista, de jornal, pra noite num entrá vento nas minhas menina. Eu morei ali durante uns três ano por aí, depois eu comecei a trabaiá numa firma. Quando eles me dispensaram, eu comprei material e fiz um cômodo de broco, nem telha comprei, ganhei umas telha véia lá, cobri e fiquei com a cozinha de maderite e um cômodo de broco.. E o banheiro era do lado de fora.*

### **Um novo casamento. E a casa continua a ser construída.**

Uma nova etapa de sua vida (e da construção da casa) começa quando conhece José: *Eu chamo ele de Pretoe ele me chama eu de Preta.* Com ele, Maria teve mais duas filhas: Carina e Camila, hoje com 19 e 18 anos. *Aí ele foi me ajudano, que ele trabalhava e tudo. Aí eu construí a sala, já coloquei o banheiro, pus o banheiro dentro de casa. Fiz um otro quarto. E fui aumentano, fui aumentano a minha casa devagarinho. Fui aumentano minha casa, e ele começô a trabaiá e eu trabaiava tamém. Aí depois engravidei da Carina. Até na época que eu engravidei da Carina ele num morava comigo ainda não. Eu trabaiava no São Judas, trabaiava no Morumbi, trabaiava no Brooklin. Cada dia numa casa. Eu trabaiava de segunda a segunda, direto, até os domingo. Foi quando eu fiquei grávida da Carina. Aí ele foi morá comigo. Aí foi melhorano, de vida, graças a Deus.*



*Quando a Carina fez um ano e cinco mês eu ganhei a Camila. Foi uma atrás da outra. Duas de fralda, duas de mamadeira... A Tatiana já tinha oito, que ela já tava estudano, e a Nice ia fazê sete. Então foi assim, eu pagava pra olhá a Carina. Depois, eu dexava com a Tatiana e a Nice, eu revezava, quando uma ia pra escola, a outra ficava com a Carina, quando a outra chegava, a outra ia pra escola.*

Maria não tem medo de qualquer trabalho, por mais duro que seja. Apesar da disposição, o cotidiano estafante maltrata o corpo, que já cobrou o preço da correria e da má alimentação. *Eu trabalhava de domingo a domingo, mais depois eu fiquei tão ruim, chegô uma hora que eu num güentava mais. Ah, eu peguei anemia, porque eu num comia, né. Eu comia pão com salsicha, alguma coisa assim. Só na dona Odete, que eu comia, mais tamém num era assim aquela comida, que ela também era sozinha. Tive que dexar de trabaiá aos sábado, domingo, direto. Diminuí porque eu tava muito duente.*

A bebida e o desemprego do marido foram grandes problemas para Maria nos últimos anos. Carpinteiro de profissão, nem bico estava conseguindo fazer, mas felizmente conseguiu emprego numa construtora há algumas semanas. *Ele tava trabalhano, aí depois ele ficô desempregado, porque antes ele bebia muito tamém. Então ele destruiu muito a vida dele, né, com bebida. Só que agora ele é evangélico, tá na igreja, já tem mais de um ano, quase dois ano. Parô de bebê, num bebe mais. Agora, graça a Deus tem paz na minha casa, que tem um tempo lá que tava em guerra, quase separano, é... Ele em guerra com as minhas filha também, com as filha que num é dele. Mais graças a Deus agora tá tudo em paz.*

### **O árduo trabalho doméstico, alegrias e decepções**

As passagens de Maria por muitas famílias em São Paulo revelam os bastidores da limpeza e arrumação das casas de classe média. Sua própria trajetória mostra a existência das empregadas que dormem no emprego e mais modernamente, daquelas que trabalham por dia para diferentes patroas. A indicação é praticamente a regra: nenhuma vez Maria se refere a agências de emprego ou anúncios de jornal. A intimidade gerada por este trabalho doméstico tanto pode proporcionar um

relacionamento estreito e de colaboração de longo prazo como levar à decepção com atitudes injustas ou humilhantes, próprias de inseguras relações trabalhistas.

Num dos seus primeiros empregos em São Paulo, Maria recorda vivamente deste tipo de situação a que são submetidas as empregadas domésticas: *Trabalhei bastante tempo lá na Fátima. Ela era vendedora de roupa e era assim, tinha a Fátima, o filho dela, Alessandro, e o marido dela, esse era vendedô de roupa. E tinha o seu Manuel, o pai dela, que já tava meio caduco, inclusive tinha uma sobrinha dela, a Berenice, que num saía de lá. Aí, a Fátima saiu c'aquele bando de amiga dela e dexô um bucado de roupa, corte de pano lá no quarto. A Fátima sumia, c'aquela muierada atrás dela, enchia o carro, era um fusca que ela tinha, e saía pra fazê evento. Aí teve um dia que seu Manuel tava na área lá, a Berenice entrô, diz que tinha uma festa pra ir, a Fátima num tava, ela pegô calça da Fátima, que ela vendia calça, sabe aquelas calça de tergal antigamente? Que o pessoal usava calça de tergal feita, e ela vendia corte. Eu tinha ido levá o Lessandro na escola. Tem foto do Alessandro té hoje lá em casa, Eu tinha que levá o Lessandro na escola, chegá, fazê almoço, dá almoço pro seu Manuel.*

*Aí no otro dia eu cheguei e a Fátima: Maria, você viu alguém entrá aqui ontem e pegá, que tá faltano uma calça. Eu falei: Fátima, num sei, eu saí pra levá Alessandro na escola, voltei, fui lavá roupa, fazê almoço, Elias veio almoçá, que é o marido dela, e saiu com um monte de roupa aí, pra vendê, quem sabe o Elias levô... Aí quando o Elias chegô, e procura, procura, nada.*

*Depois é que o seu Manuel, o pai dela, falô pra ela: a Berenice teve aqui, entrô lá no quarto e pegô uma calça, que diz que tinha uma festa na escola pra ir, e ela disse que depois vem acertá com você. Era mocinha tamém, tinha o quê, tinha uns catorze, quinze anos, essa menina. Aí que a Fátima foi descubrí que a Berenice que tinha levado a calça. A Fátima ainda falô: Por que cê num falô, papai, comigo? E ele falô: Eu nem lembrei. É que o véio já tava de idade.*

*Pelo que ela falô, ela achô que foi eu, só que aquilo ali me feriu, eu nem tinha visto a Berenice ir lá. Aí aquilo eu me senti ofendida, eu pensei assim, ela tá disconfiano de*

*mim. Os assunto que ela falava, cunversano com Elias, conversano cas amiga dela, dava pra percebê que ela tava jogano pra mim, que era eu que era a culpada, né. Aí eu fiquei chateada. Aí eu falei, não, num vô ficá. Aí minha tia arrumô um serviço pra mim aqui na Lapa e eu fui trabaiá aqui na Lapa e a muié fazia eu de escrava também. Nessa época eu durmia no emprego. Ela fazia eu saí cinco hora da manhã, com aquele escuridão, pra ir numa padaria, que eu tinha que descê uma viela assim, casa de um lado e do otroa padaria lá embaxo, escuridão, buscá pão pra eis tomá café. Ah, exprorava muito de mim. Ela punha eu pra dormi num quartinho que tinha um monte de passarim, quando dava quatro e meia, cinco hora, os passarim danava gritá e cantá lá, e farelo de coisa em cima de mim. Eu num dormia mais porque os passarim num dexava, cantano.*

### **Sofrer discretamente**

Difícil encontrar referências explícitas ao sofrimento, e quando isso acontece, Maria prontamente contemporiza: *Precisa tanto sofrimento? Mas Deus dá o frio conforme o cobertô, e graças a Deus eu sempre lutei e fui conquistano o que queria...* Ou então: *Eu sofri aqui em São Paulo tamém. Mas eu sô uma pessoa assim, do jeito que eu sô, levo minha vida assim, não me aborreço com nada. A minha vida é assim, trabaiá, sustentá minha casa, ouví minhas música, que eu adoro ouví música...*

Se alguns empregos foram rápidos e desagradáveis, outros foram duradouros e gratificantes. Mesmo quando as relações se desgastam, Maria consegue relembrar os gestos de afeição, a compreensão dos padrões em caso de doenças na família, a ajuda que deles recebeu. *Na época que eu trabaiei lá no Brookli com o Toninho, trabalhei onze ano lá, no consultório dele. Eu sempre trabaiei em casa assim de rapaz soltero, moça soltera, né. E eu trabalhava com ele, trabalhava com o Fernando, trabalhava com o Fábio. E a minha filha, a Camila ficô doente, quando era pequena, e ele me deu muita força, me ajudô muito, né. Quando eu ia pro médico, eu chegava onze, meio dia lá no serviço, pra trabaiá. E eu trabaiei onze ano com ele, mais depois ele casô, que ele era soltero.*

*Ele era um amô de pessoa, procê vê como é que é as coisa, as pessoa muda. Ele era muito legal, ele me chamava de Preta. Se eu tava fumano um cigarro ele chegava, tomava o cigarro de mim, fumava. Se eu levava comida de casa pra mim comê lá, esquentava a comida eu e a secretária, ele ia comê da comida da gente, junto com a gente e tudo. Quando ele era soltero, ele era um amô de pessoa, nossa. Depois, ele arrumô uma namorada, a Priscila, uma pessoa muito legal tamém, num tenho que recramá dela. Casô, ele ficô chato. Aí, mudô de consultório, comprô uma casa, aí eu fui lá, pus aquela casa em orde.*

*Aí chegô o casamento dele, nós ajudamo pra caramba no casamento dele. Ele viajô pra Portugal, eu ficava tomano conta do consultório dele. E tinha uma cachorra, eu cuidava da cachorra, eu tinha as chave da casa dele todinha. Eu que recibia os presente, eu e a secretária, recibia os presente do casamento dele. Nós ficamo tomano conta da casa dele, eu e a secretária, até durmi lá com a secretária, pra ajudar a cuidá da casa, dos cachorro dele.*

*Depois que ele casô, passô um ano mais o meno, ele começô assim, a humilhar a gente, sabe? Num sei se o pobrema dele foi o casamento, se ele casô e sentiu o peso do casamento, que a Pri era adevogada, ela levantava de manhã, tomava banho, trocava ropa e ia pro escritório. Então ele tinha que dá conta de tudo, né. Ele tinha que fazê compra, tinha que lavá ropa, que ele tinha a secretária só e eu, que trabaiava limpano, né. Então ele tinha um monte de coisa, eu num sei se ele ficô assim por causa da responsabilidade muita pra ele.*

*E nisso ele num tratava a gente como tratava antes. A gente fazia de tudo por ele, mais nada tava bom pra ele. Aí eu comecei a entrá em depressão também, eu ia trabaiá na casa dele, aí eu só chorava, chorava. Eu ia pegá nas coisa dele pra limpá, eu começava me tremê assim, as coisa caía e quebrava. E aí ele humilhava a gente assim na frente dos paciente, e olha que os paciente tudo conhecia a gente. Quando ele saía pra almoçá, eu ficava no consultório, os paciente ligava, eu remarcava consulta pros paciente, eu anotava recado pra ele, muitas vez ele ficô sem secretária e eu que ajudava ele.*

*Aí chegô num ponto, que até hoje eu tomei bronca, quando eu tô varreno, que cai a vassora, o rodo e faz aquele baruião, pra mim é o fim do mundo. Nossa, eu fico tão irritada. Porque, lá eu tinha que varrê, fazê a limpeza, se caísse um rodo no chão ou a vassora, nossa, ele já gritava de lá do consultório, êta, tá ca mão quebrada aí? E ele humilhô muito a gente e fez eu chorá muito também, que eu sô uma pessoa assim, eu sô uma pessoa que trabaia, eu sô muito boa e tudo, mais eu num sei respondê as pessoa, vingo chorá, só choro.*

*Eu um dia tava lavano o banheiro, tinha um tantinho assim de perfume num vidro lá e eu num sei que que foi, a escada esbarrô lá na partilera, caiu esse vidrinho e quebrô um tantinho assim de perfume. Esse home caiu em cima de mim... nem eu falano pra ele, Toninho, não foi por culpa minha, eu num vi, me desculpa, ele num atendeu. E ocê vai pagar... Aquela época, ele me pagava cinqüenta reais, ele cobrô um dia de serviço nesse perfume, um tantinho assim. Ele me humilhô tanto por causa desse perfume, que eu chorei, chorei, que na hora d'eu ir embora, eu falei assim, ó, o dia que eu trabalhei você disconta aí, é cinqüenta reais, vai ficá na conta do perfume. Ele nem pra falá assim, eu vô cobrá não, ele num falo nada, aí descontô.*

*E eu continuei trabalhano porque eu precisava, né. E eu num queria saí de lá porque eu gostava deles, eu adorava eles. Aí foi ino, foi ino, teve um dia que eu tava limpano, ele tava lá em cima. Parece que aquele dia ele tava até brigado com a Priscila, eu num sei. Aí eu tava varreno e eu encostei a vassora assim, a vassora caiu no chão. E com aquele barulho, ele tava lá em cima, na casa dele, na parte de cima, ele desceu a escada. Fez um escândalo, e me xingô, e falô um monte pra mim, que eu tinha derrubado o telefone, eu falei, que telefone? Toninho, eu nem mexi no seu telefone, eu tava na porta da entrada do consultório. Ele jurô que eu tinha derrubado o telefone. Eu falei: Tonin, foi a vassora, ele falô num foi, nem a secretária falano pra ele que foi a vassora, aquele dia parece que ele tava, e me humilho e me xingo tanto.*

*E eu tamém vinguei chorá, e eu falei, só que de hoje em diante eu num volto aqui. Sai lá cum o coração na mão... trabalhano onze ano com eles, né. E aí eu num fui mais trabaiaá com eles. Fiquei trabalhano na dona Cida. Ele me ligô, pedino pra mim voltá, eu falei, não volto mais. Com o coração na mão, né, apesar de gostá deles,*

*num fui. E eu tava com as chave da casa dele todinha. E eu trabaiava do lado da casa dele, pro Fernando, que era vizinho dele. Aí quando foi no dia que eu fui lá no Fernando, eu liguei lá, falei com a Dália. A Dália falô assim, ah, o Toninho foi almoça. Eu falei, quando ele chegá eu entrego a chave pra ele. Aí quando ele chegô, ele nem entrô no consultório, ele foi direto lá no Fernando e tocô a campanha; eu vim atendê. Eu falei, ah, cê veio buscá a chave, ele falô vim. Aí com aquele olho assim vermelho, sabe. Aí chegô eu fui, peguei a chave, entreguei pra ele, chorano, cas lágrima que chegava caí, até hoje eu fico triste. Aí ele olhô pra mim e chorô e falô assim: É, eu desejo que você arrume um patrão melhor do que eu, né, e que seja feliz, falô pra mim assim, eu falei, tudo bem.*

### **Antigas patroas e rede de amizades e apoio**

A ruptura com Toninho marcou o fim de um longo relacionamento de onze anos de trabalho não só com ele, mas com toda uma rede de parentes e amigos que Maria tem em comum com o dentista: *Trabalhei com a mãe dele, trabalhei com a tia, pra outra tia. A vida daquela turma ali, participei da vida do seu Zé, o pai dele, que teve um pobrema lá, de má circulação, que teve que amputá as perna. O sofrimento deles, nossa, o sofrimento do avô deles, o seu César, que caiu, quebrô o fêmur, foi operado... Eu trabalhava na casa do avô dele. Trabalhei com a família toda, trabalhei com a irmã dele, a Luzia, participei da vida da Luzia, coitada, um sofrimento a dona Luzia, inclusive eu levei ela até numa benzedera. A irmã dele. Ah, eu participei a vida dessa turma toda, sabe. Foi assim. E sai de lá, porque eu num güentei mais. É... esse dia foi a gota d'água pra mim.*

Essas relações, pela longa duração e confiança mútuas, tornam-se ambíguas e extrapolam o meramente profissional: *Eu saí de lá, mas eu continuo seno amiga dele. Eu ligo lá, ele chama eu de Preta, eu chamo ele de Tô, somo amigo a mesma coisa. Ele fez aniversário agora dia 29 de abril, e eu liguei e dei parabéns pra ele. Às vez ele liga lá na minha patroa, procurano minha patroa e eu atendo. Ele fala: Ô Preta, tudo bem, eu falo, tudo. Às vez eu ligo pra falar com ele.*

*Quando eu saí de lá, ele num tinha fios, já tem dois fios. Eu quero ir lá cunhecê os fio dele. Qualquer hora eu vô lá. Eu num tenho mágoa dele, num tenho raiva dele e nada. Mais a minha vida foi assim, sabe, e vô levano, vô continuano. Só que eu num tenho mágoa de ninguém, das minha patroa que eu trabaiei. Nunca saí brigada, nunca saí com pobremas nos meus serviços.*

*Nas outra patroa que eu trabaiei eu saí por causa de pobrema na coluna, que eu tive muito pobrema de coluna sério. Mas qualquer hora que eu chegá eu sô bem recebida. Tem a dona Cida lá no Aeroporto que eu trabaiei muito tempo com ela, tem a dona Odete aqui, na Chácara Flora. Tem a dona Nila, mais seu Nelso, que eu trabaiei muitos ano com eles. Eles mora nos Estados Unidos, sempre quando eles vêm aqui no Brasil eles vêm aqui na dona Cida, eles pergunta por mim tamém. São pessoas maravilhosa que eu trabaiei. O bom recordamento é a recordação que eu tenho dos meu patrão, porque sempre eles me tratô bem.*

*Mesmo o problema que enfrentou com o patrão dentista, Maria busca contornar: Eu num cheguei a discuti com ele nem nada. Só resolvi pará porque eu tava com pobrema de depressão tamém. E outra, eu devo muita obrigação a ele, que ele me ajudô muito. Ele que arrumô médico pra mim. Eu fui num amigo dele que é médico homeopático, fez esse remédio pra mim e eu tô bem hoje, num tô mais com pobrema de depressão. Muita coisa ele me ajudô. Eu sô uma pessoa assim, se a pessoa fez um bem pra mim, nem que num fizé, eu jamais, num esqueço que a pessoa fez comigo. Apesar de tudo que aconteceu entre eu e ele, de ficá do jeito que ele ficô, eu agradeço ele, devo muita obrigação pelo que ele tem feito pra mim tamém.*

### **Minas Gerais, início de tudo**

Sempre que pode, Maria volta para visitar a família em Minas Gerais. Com o falecimento da mãe há um ano, ficaram lá o pai, que está com 82 anos e um dos irmãos. Diferentemente dos últimos trinta anos em São Paulo, uma repetição de acontecimentos objetivos, em que sobra pouco espaço para a delicadeza, a infância e adolescência no interior de Minas são trazidos lentamente, em uma suave nostalgia que enriquece as cenas, dando-lhes um caráter mais intimista e reflexivo. Mais que

dois lugares, Minas e São Paulo representam passado e presente, sonho e realidade, identidade e exclusão. São as duas faces da mesma esperança que Maria consegue renovar em suas idas e vindas.

São treze horas até Sabinópolis; sua cidade natal. *Mais onde meu pai mora mesmo chama Santo Antônio, por causa do santo padroeiro, em junho as festa são maraviósa na minha cidade, uma beleza. Quando eu vô pra Minas, assim, fim de ano, a gente vai nas festa que têm forró, aí eu danço. Gosto muito de viajá tamém, adoro. Agora num tô viajano muito porque num tá dano. Mais em Minas quando eu viajo pra lá, nossa, enquanto tem festa eu tô ino. Eu gosto.*

Minas é seu porto seguro, referência para o passado e futuro. É para onde quer voltar. Preocupa-se com as filhas, embora não utilize a palavra “preocupação” nenhuma vez: *Eu penso assim, que elas vai trabaiá, pra elas consegui alguma coisa. Eu falo sempre pra elas, tem que trabaiá, segurá o dinheiro pro futuro delas. Eu fico muito pensativa com isso. Hoje em dia tá seno muito difícil, num é igual antigamente, cada dia que passa, pió tá ficano, é o desemprego, muitas coisa que tá aconteceno com os jovem, fico muito pensativa sobre isso.*

Diante da pobreza de sua infância na roça, os estudos interrompidos na 3<sup>a</sup> série, Maria considera que a vida de suas quatro filhas é bem melhor que a sua: *Essas menina tem tudo de bom. Falo pra elas: Óia, hoje em dia vocês têm muitas coisa que eu nem sonhava em ter. Quer uma roupa, vai lá e compra, quer sapato, quer isso, quer aquilo. Quem dera que eu tivesse o que essas menina hoje têm. Eu falei pra elas: Quando ocêis era pequena, cêis tinha brinquedo, cêis tinha boneca, eu nunca tive. As minha boneca era de espiga de mio, que eu quebrava escondido do meu pai. Se o meu pai descobrisse que eu tinha quebrado uma espiga do pé de mio pra brincar, ele batia, entendeu?*

### **A família de Maria e a morte dos dois irmãos**

*Minha mãe era ótima pessoa, meu pai foi assim um pouco meio durão com a gente, desde a gente criança, sempre, quando ele era mais novo era meio cumpricadinho.*



*Ah, ele batia, brigava, ele judiava um pouco da gente. Minha mãe teve oito fio, aí morreu três. Eu sou a única mulher.*

*Então foi aquele pobrema, faleceu meu irmão Leonardo, eu lembro que minha mãe levou ele pro hospital. Aquela época lá não tinha carro, ela tinha que ir andando mais de uma hora e meia com a criança nos braço pra consegui pegá um ônibus pra ir pra cidade levar ele. Só que meu irmão faleceu lá na cidade e ela troce ele lá da cidade nos braço, andano até na minha casa. Eu lembro que já tava assim escurecendo quando ela tava chegando com meu irmão e a gente saiu correno, todo mundo correno. Eu era pequena, esse meu irmão era abaixo de mim. Quando nós encontramos minha mãe chorando, a gente queria ver meu irmão, ela disse, ele tá morto. Aquilo foi uma tristeza pra gente, nossa foi uma coisa que abalou muito nós, mas eu lembro, eu era criança, meus irmão que era mais velho, meus irmão chorou muito.*

*Depois eu lembro que deu uma tosse cumprida na gente, em tudo nós, deu sarampo em tudo nós. Foi aquela locura, minha mãe, meu pai ficou naquela correria, tinha tris irmão meu que tinha bronquite, que era o Antônio, o João e o David. Então, com essa tosse cumprida e com o pobrema do sarampo atacou mais ainda, foi os que ficaram mais ruim.*

*Eu lembro que minha mãe estendia umas estera de tauba, e a gente deitava no chão e ela dava remédio pra um, dava remédio pra outro, que naquela época não existia vacina, essas coisa. Essa esteira de tauba, ela dá no brejo, assim onde tem água, rio, que é úmido assim. A gente vai no brejo corta as tauba e põe elas pra secar, depois que elas seca, a gente pega uma corda, e vai trançando e fazendo as esteira. Era isso que a gente usava pra dormir quando a gente era criança, não existia colchão. Meu pai fazia os cavalete de pau e colocava as esteira de tauba em cima. A gente tinha aquelas coberta de sete semana, aquelas coberta bem fininha. Minha mãe fazia as cama pra gente e a gente dormia tudo incuidim, ela punha a gente tudo junto pra não senti frio. Era muito frio, meu pai fazia aquelas foguera e fomo levano assim.*

*Teve um dia que nós tava assim, eu e meus dois irmão já tava mió, só meus três irmão tava ruim mesmo. Meu pai foi pra roça mais minha avó com os trabaiadô. E minha mãe ficou em casa. Como a gente tava duente, ela não foi pra roça. Minha mãe foi lavá roupa e eu fiquei sentada na porta da cozinha com meu irmão caçula no colo. Meu irmão tava ruim, ele tinha uns três anos por aí. Deu aquela tosse muito cumprida nele, ele foi ficando sem fôlego, sem respiração. Daí a pouco começou a sair escuma pra boca. Eu comecei a gritar: Minha mãe, mãe, mãe corre, meu irmão tá morreno! Minha mãe veio correno, nisso meu pai tava chegano da roça mais minha avó, que já era umas cinco da tarde.*

*Minha mãe pegô ele, batia nas costa dele, chamava pelo nome dele. E nada. Eu fiquei desesperada, meus outro dois irmão tudo caído lá, deitado. A gente sem sabê o que fazia, Meu pai chegô, minha vó pegô meu irmão no colo e nada dele voltá. Minha mãe gritava, ficou desesperada, mas não teve jeito, aí meu irmão faleceu. Na mesma hora passô um fazendero lá de carro, aí meu pai pegô os outro dois irmão e levô pra cidade pro hospital.*

### **Antigas lembranças: a velha casa, o primeiro calçado**

*Dali pra cá, continuamo a vida, aí comecemo a estudá. A vida da gente era muito difícil porque meu pai não tinha condição de dar um sapato, não tinha condição de dar roupa. Ele vinha aqui pra São Paulo e trabalhava, mas quando chegava lá tinha que pagá as conta, era muito filho que ele tinha que cuidá e tudo. Nós tudo andava descalço, antigamente a gente não usava sapato, nem chinela nem nada. Eu lembro que eu fui pôr um sapato no pé, eu tinha uns 7 pra 8 anos. Foi uma conga, que usava antigamente. Minha mãe comprô, eu fiquei muito feliz. Eu tava estudano e tinha a coroação de Nossa Senhora de Fátima. Minha professora escolheu a gente, que a gente vestia de anjo, prá gente coroa Nossa Senhora de Fátima, aí então minha mãe foi obrigada a comprá uma conga pra mim.*

*Então eu fiquei numa felicidade total, só que eu colocava a conga e doía o pé, porque meus dedo era tudo aberto sabe, porque a gente não usava sapato. Conforme a gente não usa sapato quando era pequeno, os dedo do pé vai se abrindo, e doía, doía*

*aquela congá no meu pé. Inclusive eu tenho meu pé meio largo, agora melhorou. E eu não via a hora de terminá aquela coroação pra mim tirá. Assim que terminô a coroação, eu tirei ele porque num guentava de dor no pé. Depois da coroação eu continuei usando a congá. Doía, doía, mais usava. Eu fui cresceno mais, aí minha mãe comprô otro sapato pra mim. E eu comecei a trabaiá tamém, aí comprava, não sapato bom, mas comprava aquelas sandalinha de prástico.*

A casa da família de Maria existe até hoje. É a mesma casa em que mora o pai idoso: *Meu pai somente aumentô a casa, porque na época que nós era pequeno, minha casa é assim feita de barro, o telhado é de telha mesmo. Meu pai forrou o teto todinho como se fosse um forro, mas de taquara, até hoje é desse mesmo jeito. Quando meu avô morreu, a casa que era do meu avô tava caindo, aí meu pai desmanchou a casa do meu avô e fez outra no mesmo lugar. Meu avô foi nascido e criado nesse lugar, assim como meu pai. Só que meu pai fez uma casa mais pequena, porque a maioria do material da casa do meu avô já tava estragado. Meu pai aproveitô o máximo, telha, essas coisa e fez essa casa. Quando a gente era pequeno só tinha três quarto, que era o meu, o quarto da sala que era dos meus irmão e o quarto do meu pai e da minha mãe.*

Como era a única menina, Maria dormia sozinha quando criança, e sentia muito medo da escuridão e do silêncio. Quando alguém morria, o pavor era ainda maior. Naquele tempo era muito forte a crença em assombrações, no sobrenatural: *Vixe Maria, minha mãe tinha um radinho pequenininho, aí eu improrava pra ela me dar o radinho de pilha. Eu colocava no canto da minha cama a noite inteira ligado. E tamém eu tinha um gato, um gato preto, chamava até Chiquinho... Ele dormia nos pé da minha cama, e ele roncava, roncava, roncava e eu ali ouvindo música com a luz acesa. Deixava a luz do querosene acesa, eu gastava mais ou menos meio litro de querosene ou mais por noite, quando eu acordava de manhã meu nariz tava todo preto de fumaça do querosene.*

*Eu morria de medo quando minha mãe mais meu pai ia passá a noite lá com a família do falecido, porque eles passava avisando, ah, Fulano faleceu... Aí tinha vez que meus irmão, um deles vinha dormir no meu quarto, porque eu não dormia*

*sozinha, nossa, eu morria de medo. Eu nunca vi assombração, mas tinha receio porque muita gente falava que existia e teve muita gente que viu lá na onde eu moro.*

*Eu não conseguia ver uma pessoa que faleceu. Porque antigamente, quando falecia uma pessoa, eles deitava num banco, cobria com um lençol branco. Na hora que chegava aquele monte de gente, que ia lá e puxava o lençol pra ver a pessoa que faleceu. Aí que dava medo mesmo, e eu não conseguia ver aquela pessoa.*

*Meus dois irmão, eu vi, eu não sei se foi depois que aconteceu isso com meu irmão... Eu era pequena, eu alembro mais ou menos, acho que tinha uns 6 anos mais ou menos, eu não estudava ainda. Depois, com a morte do meu irmão, que faleceu nos meus braço... Foi nessa época prá cá, que eu comecei a ficar nesse pensamento, ter medo.*

*Eu achava que alguém ia aparecer, muita gente falava que eles aparecia vestido de branco com coisa na cabeça, muita gente já viu. Eu não tinha corage de dormir sozinha de jeito nenhum, eu chorava, minha mãe falava: Apaga a luz! E eu não conseguia, tinha que dormir com a luz acesa. Eu amanhecia de manhã com o nariz todo preto de fumaça de querosene e aquele cheiro... Só que eu era acostumada, quando não era querosene a gente usava candeia com azeite. Só que a candeia acabava o azeite logo, eu preferia a lamparina de querosene...*

### **O trabalho na roça, desde pequena. E as lembranças da fome.**

Como em muitas famílias pobres do campo, o trabalho das crianças era considerado essencial para a sobrevivência da família. O pai não entendia a vontade de Maria ir para a escola: *E foi assim, a vida da gente era aquele pobrema. Eu comecei a estudar, aí que meu pai começô a ficar meio ruim pra gente. Meu pai batia, não queria dexá eu ir pra escola, e eu adorava estudá, nossa, eu gostava... A escola era pertinho, eu tinha uns sete anos. A gente ia pra escola, estudava na parte da manhã. E à tarde, a gente tinha que chegá em casa, tinha que trabaiá, tinha que moê cana, eu tinha que buscá água na fonte, tinha que enchê as vasia de água tudo pra minha mãe. Eu*

*lembro, eu era pequena, pequena eu sô até hoje, mais eu era mais pequenininha ainda, mais menina...*

*Em toda essa minha vida eu fui assim, pequena mais lutano sabe. Chegava da escola, aí meu pai as veiz falava assim: vai pra roça ajudá a gente a prantá feijão ou quebrar mio ou qualqué coisa. A gente ia e quando dava mais ou menos umas duas e meia, ele mandava a gente pra casa. Aí, uns ia moê cana na gionca e outros ia pro arto da serra buscá lenha. Gionca, que a gente chama lá, tem um pau assim em cruz, um cruzado que vai puxano e vai moeno a cana.*

*Da hora que eu comecei a crescer, eu tinha uns sete, oito anos, aí eu já comecei a pegá no pesado. Hoje em dia tudo é fácil lá, mais antigamente, criança com cinco ano já trabaia, buscava água na fonte, ia lavar vasilha. Minha mãe já colocava a gente pra pôr comida, rancá inhame e cozinhá pros porco, a gente colocava comida pros porco, dibuiá o milho pra dar pras galinha. Desde pequenininho, já ia começano com a gente no caminho certo...*

Mesmo com o árduo trabalho de toda a família, muitas vezes a precária situação do grupo piorava drasticamente. Repete-se o ciclo dos migrantes pobres que buscam melhores oportunidades em cidades maiores, como São Paulo. Os chefes de família deixam suas famílias, muitas vezes param de enviar o dinheiro... *Nós passemos muita fome também. Meu pai veio aqui pra São Paulo, chegô aqui e começô a trabaia. Eu lembro que eu tinha nove ano mais ou menos, foi a segunda vez que ele veio pra São Paulo. Não mandava dinheiro pra minha mãe, tava trabaiano, mas gastava todo o dinheiro aqui em São Paulo. Parece que ele tinha esquecido totalmente da família lá, minha mãe escrevia carta pra ele, e mandava por arguém que vinha pra cá... E nada do meu pai mandá dinheiro e nem voltá, e minha mãe com a gente lá passando um sufoco. A gente ia pra roça mais ela, aí nós comia muito era inhame, a gente rancava inhame e cozinjava pros porco junto com fubá. Aí nós enfiava a mão na terra e pegava aquelas cabeça de inhame, a gente descascava, lavava e comia. A gente achava banana verde e comia. Foi aquela vida...*

*E num podia matá os porco. Eles tava muito novo, tinha que deixá engordá, minha mãe deixava ele engordá bastante pra podê matá. Tinha galinha, minha mãe às vez ela matava frango e a gente comia. Arroz antigamente, a gente não comia. Arroz era prá visita, só quando chegava alguém assim de visita que tinha arroz. Nós comia muito quirela, chama de canjiquinha lá em Minas, aqui em São Paulo chama de quirela. A minha mãe fazia aquela panelona de canjiquinha e a gente comia com feijão. Tinha feijão, era poco, como era meio difícil lá, minha mãe pegava banana verde, cortava e cozinhava no meio do feijão. Depois ela temperava o feijão bem amassadinho junto com a banana pra rendê, pra aumentá a quantidade.*

*E a farinha de mandioca, ela fazia a farinha de mandioca, como era poco, ela raspava a banana verde e punha pra secá, depois ela colocava pra seca no sol e punha a gente pra socá aquilo e fazia de polvilho e misturava na farinha de mandioca, amargava, ave! Nossa, eu não comia farinha, minha mãe falava: Coma farinha, e eu falava não quero, não quero. Tinha vez que a gente ia comê porque não tinha mais outras coisa, mas era horrível...*

*Naquela época tinha muita goiaba. Aquela época tinha manga na casa de uma tia minha, mas era muito longe, sempre quando a gente ia, era época de manga, a gente trazia de lá. Meu pai só prantava inhame, prantava cana, banana, essas coisa. Só tinha banana e goiaba, a gente comia muita goiaba, eu só vivia no pé de goiaba...*

*Nós chupava tanta cana. Tinha um tipo de cana lá que eles chama de cana caiana que é bem macia. Aí meu pai falava assim, Eu não quero que vocês tira essas cana, dexa elas ficá madura, quando elas amadurecê, tudo nós vamos chupá... Mais antes delas ficá madura, nós robava as cana do meu pai, porque é a cana mais macia que tinha, as otra era muito dura e meio salgada. A gente ia lá, cortava bem rente na terra, e depois a gente jogava terra por cima daquele lugar que tirô a cana pra ele não percebê... E a gente pegava as folha, as coisa e jogava bem longe pra ele não ver. Mais mesmo assim ele descobria...*

## A violência do pai

Maria tem vivos em sua memória os conflitos com o pai, principalmente a oposição que ele fazia aos seus estudos: *Ele descobria. Nossa, era um coro que a gente levava, ele batia que só vendo. Meu pai, ele quando era mais novo foi muito ruinzinho pra gente, foi muito ruim mesmo. Minha mãe não, ela protegia muito a gente. Meu pai, ele falava assim: Você não vai pra escola, e eu falava eu vou. Que eu queria estudá, que eu adorava estudá, e ele falava, você não vai! Eu levantava cedinho, me trocava, aí quando tava saino, ele jogava os balaio atrás de mim, balaio que é feito de taquara. Ele falava quando você chegá, você me paga. E quando eu chegava, eu apanhava.*

*Aí tinha vez que eu chegava da escola e eu nem ia pra dentro de casa, eu ficava no meio do mato, lá no canavial. Eu não entrava pra dentro pra almoçá, eu ia comê goiaba, chupá cana pra não encontrar com ele, que ele me batia. Minha mãe ficava preocupada, minha mãe chamava. E eu pensava, vou nada, vou pra apanhá?*

*Quando nós era mais novo, ele fazia chicote pra batê ni nós. O chicote que ele fazia era de coro de boi. Ele fazia uma madeira assim e depois fazia o chicote, cortava o coro assim bem fininho, e trançava. Ele fazia um com trança e outro sem. O sem trança doía mais, que era muito fininho. Ele terminava de fazê os chicote, ele bebia umas e queria exprimentá na gente. Às vez nós tava tudo assim na boca da fornaia à noite esquentano o fogo, e a gente ficava de ôio... Meus irmão falava assim, Ele tá fazeno o chicote quando ele terminá ele vai batê ni nós... Quando ele terminava o chicote, minha fia, só via nós correno...*

*Teve uma vez que ele bateu no meu irmão tanto, que meu irmão ficou todo calumbado. Nós tinha um maritaca, aqueles passarinho tipo papagaio. Minha mãe falou pro meu irmão mais velho pegar o mingau de fubá e dar pros passarinho. Tinha uns uns coxo de bambu pra dar mingau pros passarinho... Meu irmão demorou um pouquinho, aí meu pai tava rachano lenha, com machado, ele largô o machado no chão, pegô aquele coxo de bambu curado, e deu uma na cabeça de meu irmão e outra aqui no ombro. Porque o coxo de bambu curado, muito véio, você pode batê que ele*

*não quebra de jeito nenhum. O ombro do meu irmão chegô a cair, a cabeça do meu irmão começô a rodá, rodá, a virá o olho... Minha mãe começô a gritá, apavorada. Aí xingô ele, falô um monte, Você vai matá meu filho!*

*Meu irmão tinha quinze, dezesseis ano. O ombro dele deslocô, até hoje... Aquela época não tinha como levá pra engessá, nem nada. Minha mãe fez o que ela pôde, marrô um pano e começou a colocar santa Maria, uma pranta que tem lá, ela socava a santa maria com sal e óleo e punha assim no ombro do meu irmão e marrava um pano... E depois disso, meu irmão ficô meio complicado da cabeça... Depois ele melhorô um poco, mas sempre ele tem aquela crise. Muita gente não acredita, mas quando era vorta de lua assim, meu irmão dava crise, ele saía gritano: Mãe, pelo amor de Deus, me socorre, me socorre! E punha a mão na cabeça e saía correno pro mato afora e sumia lá pro arto da serra. Minha mãe saía atrás dele, porque lá onde eu moro é assim, no pé da serra. Meu irmão subia lá pro arto da serra e ficava lá, depois passado umas duas, três, quatro hora, ele voltava. Até poucos tempo ele tinha isso.*

*Depois disso, meu irmão não quis mais ficá em casa. Saiu de casa, foi fazê bico na fazenda do meu tio. Ficô trabalhando com meu tio e foi ino, foi trabalhar em outras fazenda e foi andano pelo mundo.... Aí, em casa ficô o Zé, meu irmão, o Geraldo, eu e o João. Depois meu pai começô a judiá do Zé também. Aí ele também saiu de casa, foi morá com a madrinha dele, depois foi morá com meu tio, trabalhá na fazenda dele, tirar leite, de vaqueiro. E meu irmão ficô rodano o mundo tamém. Aí ficou eu, o Geraldo e o João em casa.*

*Vou dizê a verdade, hoje em dia meu pai tá de idade, já tem 81 ano, hoje ele tá um doce, muito bom... Mas ele arrepende do que fez com a gente. Até hoje ele é arrependido porque fez isso, nós sofremo bastante.*

### **O cotidiano na terra herdada do bisavô escravo**

A casa fica em terras ocupadas pela família há muitas gerações. A situação fundiária, contudo, é uma das faces da insegurança das populações pobres em relação à posse



dos seus bens, especialmente, a terra em que vivem e produzem: *Esse lugar que tá a casa do meu pai, vem do meu bisavô. Só que esse lugar que meu pai mora, era de um fazendeiro, que meu bisavô morava. Meu bisavô foi escravo. Então foi aquele negócio, coisa de antigo... Depois meu vô morava lá. Então, essa terra nossa tem a herança do vô... Foi ali que meu vô teve os filho dele e meus otro tio vendeu tudo a parte deles. E tem a parte que é do meu pai, meu pai não vendeu a parte dele, que é aonde meu irmão fez a casa. Depois que meu avô faleceu, meu pai ficô morano lá e meu pai criô a gente lá.*

*Depois disso, já trocô de vários dono daquelas terra, e meu pai continua lá. Aquele pedaço, todo cercado, é aonde é a casa do meu pai. Não é muito pequeno, é grande, que tem a casa, tem um quintal bem grande, então é um lugar muito bom. Do lado esquerdo,, cê vê só serra, é muito gostoso lá, um lugar muito gostoso. Incrusive meu pai só fala que quando Deus levá ele, ele quer que teja um fio dele morano lá, porque ele não quer desprezá aquele lugar, aquele pedaço de terra ali, que foi desde a época do vô dele.*

*A terra num tá no nome do meu pai. Tem o terreno dele mais pra cima da casa dele, só que meu irmão que construiu lá, mas meu pai não quer sair dali e tamém eles não pode tirá meu pai dali. Purque ele foi nascido e criado lá, criô a gente, o pai dele foi nascido e criado, então é como se fosse dele. Tem um dono agora, o João, que é o dono daquela terra ali, mas eles não manda nada lá naquele pedacinho que tá cercado, que é a casa do meu pai. Meu pai tem muitos pé de laranja, aqueles pé de fruta, tudo que tem lá é nosso. É como se fosse nosso, eles não pode tirá meu pai de lá.*

*Nessa minha casa tinha os três quartos, a cozinha. Só tinha um fogão à lenha. Não tinha mesa na cozinha. Cada um sentava na porta da entrada, ou então sentava no banco, meu pai fazia aquele monte de banquinho assim no quintal, então, nós pegava seu pratinho, botava no meio das pernas e ia comeno. Minha mãe fazia aqueles tutu de feijão, às vez com canjiquinha e ia amassano assim – é o capitão de feijão que eles chama lá em Minas. E a gente comia com a mão, não tinha esse negócio de comê com galfo.*

*Mas em casa os prato era tudo aqueles prato de esmalte... Os copo... Eu tenho muita saudade do meu tempo de criança, minha mãe tinha umas chalera de esmalte que era toda pintadinha sabe, branca pintada de preto ou azul. E tinha os bule também, os copo tudo pintadinho... Minha mãe pegava leite na fazenda e a gente fazia aquele café com leite e punha ali pra gente tomá, era uma delícia, meu Deus do céu! Ela fazia o café com leite: ela pegava a rapadura, colocava na panela de ferro, aí dorava aquela rapadura, ficava bem moreninha e depois jogava o leite ali dentro. Aquele leite ficava maravilha, aí ela ia e colocava uma pitada de sal, era uma delícia, muito bom, gostoso demais!*

*Até hoje eu não consigo tomar café com leite sem uma pitada de sal, eu tenho que sentir o gosto do sal. Meus irmão já desacostumou, mas eu continuo. Tirando os pobrema que a gente teve, de passá necessidade das coisa, passá quase fome, só Deus que tem misericórdia de nós, e do meu pai judiá da gente, tenho boas lembrança.*

*Meu pai dexava eu participá de festa, não dexava eu sair. Eu fui ficando jovem, eu queria sair, eu via minhas amiga toda saindo. Eu trabaiava a semana toda... Eu limpava a casa pra minha mãe, eu ariava as panela de ferro ficava tudo brilhando a partilera... Caiava a casa tudinho, que era tudo caiada de barro branco... Caiá é pegá o barro branco, mexê ele bem na vasilla e fazê aquela água grossa e ir passano na parede com o pano. Eu caiava toda as parede, ficava branquinha, só veno. No chão a gente pegava o cocô da vaca, fazia aquela coisa e passava no chão... Que o chão era de terra, então a gente tem que passá bosta de boi pro chão ficá todo calmadinho, o chão fica todo verdinho...*

*Num fica com chero porque o cocô do boi é de capim... E eu fazia aqueles barrado nos pé da parede assim tudo. Fazia com barro vermelho ou então barro branco mesmo, passava assim nos pé da parede e depois ia fazendo os recorte assim com a bosta de boi... Isso aí eu fazia duas vez por semana. Eu caiava as parede no sábado, que era o dia que de fazê a faxina em casa, e na quarta eu passava otra vez. Toda semana eu fazia isso.*

### **Trabalho na roça, trabalho em casa. Maria não pára.**

Maria lembra com carinho o trabalho doméstico que realizava quando criança. Em nada lembra o serviço que vem executando nos últimos trinta anos nas casas da classe média urbana de São Paulo. A nostalgia serve para amenizar a dureza do cotidiano: *Eu trabaivava a semana toda fora na roça. Quando chegava fim de semana, minha mãe colocava aquele monte de panela de ferro, e eu com uma bucha de palha de milho e com areia e cinza, eu ariava aquelas panela, dava um brilho que só veno. Aí eu punha tudo no girau pra secá no sol. Depois eu limpava todas partilera, que era de tauba e colocava ali aquelas vazilla tudo limpinha.. Eu trabaivava varreno o quintal tudim, quintal não, o terrero que eles chama lá. Eu deixava minha casa impecável.*

*Minha mãe fazia o sabão, que era preto igual cauvão, minha mãe fazia com mamona e com um negócio que a gente buscava no mato, bucho. Ela socava e fazia o sabão, mas um sabão muito bom. Eu lavava a ropa com ele porque não tinha dinheiro pra comprá sabão de quadra, que eles chama lá. Eu ia pra uma lapera que tinha lá perto da minha casa – lapera é um lugar que tem uma pedra, um monte de pedra e a água passa por cima. Hoje em dia o fazendero lá fez um tanque pra criá peixe nessa lapera. Aquela pedra a gente usava de tanque pra esfregá ropa. Juntava eu e minhas amigas e a gente ia tudo pra lá lavá ropa. A gente montoava lá naquela lapera, esfregava ropa naquela pedra, depois batia as ropa.*

*Depois punha prá quará na grama, depois a gente ia tirano aquelas que tava quarada e já ia passano na água e tornava a por pra quará e era assim que a gente lavava. Passava o dia inteiro, ali dentro daquela água. Por isso que hoje eu sinto muita dor nas perna. Acho que algumas coisa que eu sinto é da friage, que eu ficava o dia inteiro com os pé dentro da água. Lavava a ropa de todo mundo, da famia toda. Eu pegava a bacia cheiona de roupa e ia pra lá. À tarde eu vinha com as ropa tudo limpa e seca. Conforme a gente vai quarano a ropa e depois vai esfregano, você enxágua e vai pondo pra secá no arame, porque lá tinha uma roça que tinha um monte de arame. A gente ia pondo as ropa pra secá, aquelas que ia secano, você ia*

*recolheno e pondo mais, então quando a gente vinha à tarde pra casa já tava tudo seco.*

*Engraçado que quando vinha os vaquero trazeno as vaca, aquele monte de boi, a gente tinha que sair correno pra recolhê as ropa. Porque passava aquele monte de boi na água, sujava a água toda. Outra, que se deixasse a ropa lá na grama com o arame, os boi ia e pisava em tudo, aí nós saia que nem doida, corre daqui, corre dali, corre daqui, corre dali recolheno ropa. Mas era tão legal, era muito bom, era divertido, sabe.*

*Na lapera, era só eu e minhas colega. Às vez a gente ficava contano história, conversano sobre os menino, sobre a escola... Cada uma que estudava, gostava de um menino na escola. Eu inclusive gostava do meu primo, mas sabe aquele gostá assim, você gostá da pessoa e você não falá, ele sabia que eu gostava dele, mas nenhum falava ... Cada uma falava pra outra, eu falava pras menina dos menino, Fulano gosta de você. Por exempro, da Zinha, da Conceição, tinha a Enedina, tinha a Roseli, tinha a Angela, que é a menina da minha madrinha Maria, tinha a Helena, tinha a Cota... Eram muita né, tinha as minhas prima, hoje em dia tá tudo casada, mas quando a gente encontra, nossa senhora, a gente lembra tudo isso...*

*Eu sempre lavava ropa na sexta-feira, que durante a semana a gente tava ocupada: tinha que buscá lenha, tinha que moê cana... Só que nós zoava também, nós ia buscá lenha no alto da serra, chega lá nós fazia balangô, pra gente ficá balangando... Nós amassava as taquara e amarrava assim nos pé de ingá. Ia aquele monte de jovem, moleque, buscá lenha... Eu tinha na faixa de uns 11, 12 anos mais ou menos... Meus irmão chegô a fazê cabana lá no alto da serra, Levava panela, água, batata doce, mio pra cozinhá no alto da serra, pra eles comê e ficava zoando... Quando chegava a tarde, eles num trazia lenha que prestava, trazia os garrancho, aqueles pauzinho. Chegava em casa, eles apanhava tanto que só vendo. Eles bagunçava, pegava os cavalo do fazendero, marrava o cipó assim no pescoço do cavalo, montava e saía correno pro mato adentro...*

## **Os filhos mais brancos, os xodós do pai**

*Eu tinha uns 12, 13 anos e trabalhava com meu pai na roça. Meu pai era muito ruim e começô a dar cabada de enxadada na minha cabeça, porque ele queria que eu trabalhasse junto com ele, capinano, igual a ele, e eu num guentava. Sentia muita dor nos braço, às vez eu parava e escorava assim no cabo da enxada, aí ele pegava o cabo da enxada dele e batia na minha cabeça. Minha cabeça fazia tummm... aquela zuera. Meus irmão ele batia também, só o Geraldo mais o João que foi poupado, que ele não batia. Não sei, ele puxava o saco deles mais. ele chamava eu de arubu, ele de nêga, e meu irmão tamém. Os mais preto lá em casa sou eu e um outro irmão meu, que mora lá em Minas, que inclusive, é o que tá cuidando dele hoje em dia.*

*Meu pai era bem mais craro; minha mãe era mais ou menos assim das minhas cor. Então, eu e o meu irmão puxou mais as cor da minha mãe. Então ele chamava a gente de arubu, de nêgo, assim. Doía tanto, porque meus outro irmão tudo mais craro... Lembrá disso... Eu fico tão emocionada que eu choro. Minha mãe falava prá ele não fazê isso com a gente... Inclusive, hoje em dia, nós negro somos os que tá cuidando dele mais, os que têm mais amor por ele, mais carinho por ele.*

*Aquilo doía na minha mãe também, minha mãe dizia que nós somos filhos, somos tudo igual... Mas ele me xingava de arubu, de nega preta, de não sei o que lá, e isso foi me machucano muito... Meus irmão já tinha saído de casa. Aquilo foi me aborreceno, aí eu falei pra ele, não vou mais trabalhá pro senhor na roça, vou ajudá minha mãe em casa e vou trabalhá fora. Isso aí eu já tinha 13 para 14 anos mais ou menos. Ele não deixava eu sair, se tinha um casamento, ele não deixava eu ir. Pra mim ir, tinha uma vizinha que até hoje ela mora lá, eu tinha que trabalhá pra ela um dia de serviço pra ela me levar na festa, que ele só deixava eu ir com ela, entendeu? Então era uma vida sofrida, mas respeitá, a gente sempre respeitô ele.*

*Eu comecei então a trabaiá pro pessoal lá nas fazenda, ganhava bem poquinho. Cozinhava, lavava, passava, limpava a casa lá nas fazenda, e fui continuano assim. Quando não tava mais trabalhando nas fazenda eu ia prá roça, trabalhá no meio de um mutirão de gente, prantando feijão, rancando feijão... Comprava alguma coisa*

*prá mim, ropa, sapato. Aí teve uma época que eu fiquei triste, eu falei que ia morá sozinha. Meu pai judiava muito da gente, batia muito na gente, eu fui cansano. Aí eu falei prá minha mãe: Ah! mãe, eu vou fazê um rancho pra mim e vou morá sozinha.*

### ***Maria busca sua independência***

*Comecei a trabalhá numa fazenda que tinha lá perto de casa, que tinha uma senhora que chamava eu direto pra trabalhá com ela. Recebia meu dinheiro, eu ia comprano vasia, inclusive quando eu vim de Minas aqui pra São Paulo, eu deixei copo, colher, um jogo de marmitta, panela, jogo de lata, bandeja, deixei tudo... Que eu queria morá sozinha. Inclusive eu fui no arto da serra e tirei maderá prá mim fazê tipo um paiol, que fazia com as esteira de taquara e cobre as casa. Eu tentei e não consegui, não tinha força pra fazer aquilo. Aí eu fui trabalhano lá com o pessoal nas roça, e trabaiei a meia com Maria de Paulo. Eu tinha parado de trabalhá com meu pai, falei: Agora eu vou trabalhá prá mim, eu vou fazê minha prantação. Então, eu prantava milho, feijão, fazia horta a meia com ela, eu trabalhava catano café... E eu comprava despesa, que nem isso ele deixava eu usar, eu tinha que comprá querosene, porque se eu quisesse acendê uma lamparina à noite, eu tinha que comprá um querosene, que ele não deixava eu usar o querosene dele... Aí eu fui ficano triste.*

*Às veis eu levantava de manhã, eu lembro até hoje, aquele frio, eu ficava assim, que tinha a água que corria da bica, eu abaxava assim e ficava olhando aquela água cristalina corré assim no coiso e ia descendo... Aí eu punha a mão entre as pernas, aquele frio, ficava vendo. Meu pai chegava com aquelas bota sabe, ele levantava cedo, ele levantava cinco e meia, seis horas, já tava de pé. Com aquelas bota e um dia me deu um chute que eu caí dentro da água.*

*Teve uma vez que meu pai chegou bêbo, não sei o que foi que minha mãe falô com ele, mas ele pegô uma faca e saiu correno atrás da minha mãe. Minha mãe ficou rodiando um pé de pranta que tinha, de bonina, o pé de pranta era grande. Ela ficava rodiando e ele com a faca atrás, eu lembro que só tava eu, o Geraldo e o João. Nós comecemos a gritá, pedi pra ele pará... O Geraldo, meu irmão que era mais velho, deu um soco assim no braço dele. Como acho que ele tava segurando a faca assim*

*folgado, a faca voou longe. Minha mãe foi dormi na casa dos vizinho, e a gente foi com ela.*

*Essa briga é que ele chegô em casa e a gente tava brincano, tinha um monte de criança lá em casa. A gente brincava de pega-pega, de esconde-esconde, brincava de casamento. Tinha aqueles carrinho de madeira, que ia buscá lenha no alto da serra, sentava um menino e uma menina, com um lenço fininho que tinha na época, pra dizê que era casamento, e os outro saía cantano atrás.... Aí ele chegava bêbo e achava todo mundo lá brincano... Aí ele começava a brigá com minha mãe, e aí começava as briga.*

### **Brincadeiras e diversão**

*As crianças improvisavam formas de brincar, num mundo sem bonecas ou carrinhos industrializados: Tudo pra nós era uma diversão. A gente matava uma lagatixa, pegava o imbigó da banana, aquele tipo um caixãozinho, a gente punha a lagatixa ali e tampava ela com um pano. Punha alça naquele negócio e saía aquele monte de gente, ia fazê o enterro da lagatixa... As muié ia chorano atrás, as menina né, a gente, ia tudo chorano e os menino homi, levano. Quando chegava lá, já tinha dois na frente abrindo a cova pra enterrá... A gente pegava gafanhoto, porque lá existe muito gafanhoto bonito, pegava eles e furava um buraco assim no barranco e punha eles lá dentro e tampava. Aí todo dia a gente ia lá pôr fubá pra eles, a brincadeira da gente era essa, era a diversão da gente...*

*Tinha uma moita de bambu prá cima da minha casa, que eu fiz uma uma cabaninha de sapé, pequenininha. Ali eu fiz uma fornaia de barro pequenininha e eu brincava com minhas amiga de cozinhá feijão, fazê arroz, com umas panelinha pequena assim da minha mãe.. Inclusive até hoje minha mãe num sabe nem aonde foi essas panelinha. E eu andano lá em Santo Amaro achei um lugar que vende, eu comprei as panelinha, eu tenho elas na minha casa. Do mesmo jeitinho, as caçarolinha, as panelinha de ferro, com aquele araminho, eu comprei tudo, tá lá em casa de lembrança.*

*Eu tinha umas três, quatro muda de ropa. Tinha as ropa pra sair, por exempro. Minha madrinha ia daqui de São Paulo e levava um corte de pano pra mim né, eu lembro até hoje daqueles pano tudo cheio de frozinha, bem miudinha, umas frozinha bonitinha. Minha mãe tinha máquina e minha mãe que fazia os vestido pra gente... Até hoje tem a máquina lá, daquelas de rodar com a mão. Ela fazia pra mim aqueles vestido de corpinho cumprido com aquela sainha bem pequenininha, toda cheia de preguinha, era muito gostoso. Pros meus irmão ela fazia calça listrada, do pano listrado e a camisa daqueles pano bem listradinho também, ou então camisa de frozinha...*

*Eu só vestia vestido e saia que minha mãe fazia. As minhas roupa, aliás, era tudo aqui de São Paulo. Porque o pessoal ia e levava pra minha mãe ropa de criança. Levava e minha mãe arrumava tudo pra gente. Não era assim comprado lá, que lá não tinha condições também de comprá. Minhas madrinha, eu tenho duas madrinha que quando ia levava corte de pano pra minha mãe fazê vestido pra gente. Isso aí já foi depois com uns dez, onze ano. Depois que comecei a trabalhá, ter meu dinheiro aí eu comecei comprá, eu mandava fazê, inclusive, eu tenho um vestido de quando eu tinha catorze pra quinze ano, tenho ele guardado até hoje.*

*Eu guardei de recordação, de lembrança esse vestido. Eu era bem magrinha, depois que eu fui engordando. Foi a mãe de uma amiga minha que fez, que até hoje ela é viva. Ela fez o vestido aberto com aqueles botão bem grande assim na frente. E minha ex-professora, minha professora bordô duas borboleta assim no bolso, que tem dois bolso o vestido. O vestido foi pra mim ir no casamento do meu primo. Ele é cor de vinho, e os botão tamém, só que era uns botão grande que usava antigamente, até hoje eu tenho guardado. Tenho toalha de rosto tamém, que eu comprei lá em Minas quando eu trabalhava, acho que eu tinha uns 14 anos, eu tenho na minha casa guardada de recordação.*

### **Cada recordação traz de volta o passado**

Maria demonstra o carinho que tem pelas coisas do passado. Preserva com cuidado objetos que encerram a memória das dificuldades da infância e juventude. São os



testemunhos concretos da sua luta e perseverança, convivendo sempre com a exploração e a necessidade de submissão: *Que mais que eu tenho lá? Eu tenho várias coisa lá que eu truce de Minas prá cá. Guardo de recordação, cada momento que eu olho aquilo ali, eu lembro do tempo que eu lutei pra ter, pra consegui aquilo ali. Eu comprava uma toalhinha de rosto, eu comprava uma toalhinha de banho, isso daí foi depois que comecei a trabalhá mesmo, ganhava muito pouco sabe, mas lutei. Incrusive quando eu prantei um monte de arroz lá, meu pai dizia que aquilo não ia dar nada. Ele ia pro alto da serra e ficava olhando o meu arrozal do alto da serra, que ele falava aquilo ali não vai dar nada, mas deu tanto arroz, tanto arroz...*

*Eu arrumei trabalhadô, trocava dia, por exemplo: os trabaiadô ia trabaiá pra mim e aí eles marcava o dia e eu ía trabaiá pra eles, 'troca dia' que eles falava, era assim, porque a gente não tinha condição de pagar e a gente trocava os dia. Mas esse arrozal deu muito arroz sabe, eu lembro que foi um dia de finado, eu fui pra capiná esse arrozal, a minha mãe disse prá mim assim: Não vai trabaiá, hoje é dia de finado. Aí eu falei, ah não, mãe, eu tenho que ir porque meu arrozal já tá com mato alto e tem que acapiná um pouco, hoje eu vou lá, um poquinho capinado já adianta. Teimei. Por isso que diz que quando a mãe fala uma coisa, o filho deva ouvir o que a mãe fala. Eu teimei, peguei a enxada, coloquei nas costa e fui. Quando cheguei lá no arrozal a primeira enxadada que eu dei, a enxada veio com o bico assim no meu pé, cortô, afundô assim ó, aqui no peito do pé. Eu só via o sangue esguinchando, aí eu chamei a dona lá que eu prantava o arrozal a meia com ela né, ela veio correno, queimou um bocado de arrudão e colocou em cima pra estancar o sangue.*

*O bico da enxada era bem fininho e fundô mesmo, quase que atingiu o neuvo do meu pé. Fiquei dois mês com o pé inchado, não aguentava pisá no chão. Aí precisei de ir na farmácia do Antonio Teixeira e ele foi passando remédio, fazendo curativo, aí que sarou, tenho marca até hoje. Ela falou duas vez, e eu teimei com ela. E por isso que eu falo, quando com uma mãe fala pro filho, não faça isso, a gente deve pensar duas, três vez, porque eu tenho certeza que foi por isso. Era o dia de finado, que é um dia que a gente tem que respeitá. Aqui em São Paulo, tudo bem, a gente trabaia né, tem que trabaiá, mas antigamente não trabaiaava, a pessoa respeitava.*

*Ao final de tudo acabei atrapalhano, porque depois ainda ficô um bom tempo lá o arrozal no meio do mato. Tive que arrumá uns trabalhado, e eles capinaram o arrozal pra mim. Mas esse arrozal deu arroz, deu arroz, aí eu cortava o arroz, fazia aqueles feixe grande, colocava na cabeça e ia colocando num quarto na fazenda. Depois eu ia batê aquele arroz, aí eu dividia com a dona lá da terra, metade era dela. E eu vendia numa cidadezinha lá perto da minha casa.*

*Antes disso, eu tive empregada com uma família lá numa fazenda. Só que eles judiaram muito de mim, exprorô muito de mim. A dona Helena mais a Carlota ficava dormino, e eu quatro hora da manhã tinha que levantá, fazê o tirajejum pros vaquero da fazenda. É tirajejum que eles fala, porque é de manhã que eles toma café, é o café da manhã, mas lá eles fala tirajejum até hoje. Café do meio-dia eles fala merenda.*

*Aí eu tinha que ir lá no homi buscá fubá, que andava, andava, passava no meio do mato assim, era bem mais longe, buscá fubá pra fazê esse suado, fubá suado que eles fala. O fubá suado, você coloca o óleo na panela, lá é gordura de porco, e molha o fubá. Você deixa ele assim meio soltinho, molhado, e depois coloca um poquinho de sal e joga no meio daquela gordura, aí você vai mexendo, vai mexendo até ele soltá da panela. Depois que ele solta da panela, você bate a colher, ele fica suando assim, é tipo um cuscuz, só que o cuscuz é bem molhado e ele não. Você pode comê ele com torresmo frito de porco, você pode comê com queijo, você pode comê com ovo frito e tomá o café junto. Isso era o café da manhã deles, que o povo tomava na base de seis hora, sete horas, depois ia pra roça. Minha mãe fazia farofa de manteiga, farofa de rala de queijo, que eles rala o queijo antes de vendê, eles chama de rala. Minha mãe fazia farofa pra gente tomá café de manhã, era assim, quando foi miorando a situação. Mais, eu sofri muito, eles judiava muito de mim. Quando era no sábado a gente tinha que vir de pé até Santa Rita, andava, andava mais de duas hora, duas hora e pouco pra chegá na cidadezinha onde é a casa deles, da fazenda na casa deles na cidade.*

*Não tinha descanso, era direto, direto. Visitá meu pai mais mãe era de quinze em quinze dia, eu só chegava, dava uma bença pra eles e voltava que não dava pra*

*demorá, ia de pé pra roça. Tinha que lavá, passá, cozinhá, tratá das criação e a Dona Helena mais Carlota ficava bem numa boa, só vendo, e eu tinha que fazê tudo. Aí chegou uma hora que eu falei, não, isso não dá prá mim, num vô güentar não, saí de lá. No dia que eu falei pra ela que ia embora, ela pôs eu pra capiná um quintal lá da casa dela na cidade. O ônibus passava oito hora, e ela acordô eu era às cinco e meia da manhã e eu capinei aquele pedaço todinho lá do quintal. Eu tive que capiná aquele tudo lá rapidinho, prá mim tomá banho e me trocá pra mim pegá o ônibus pra ir pra casa do meu tio lá na cidade.*

*Fui pra casa do meu tio, fiquei quinze dia na casa do meu tio e de lá eu vim embora pra roça, de novo, pra casa do meu pai. Eu comecei a fazê as prantação, e trabalhava fora, cortando aqueles capim... Sabe aqueles capim meloso que eles fala, que a gente corta e bate, e tira semente e vende pros fazendero prantá nos pasto pro gado? Trabalhei muito cortando capim. Depois disso é que comecei as prantação e o arrozal, e nessa época todos começaram a vir pra São Paulo, que eu pus na cabeça que eu vinha pra São Paulo tamém.*

### **Enfrentando a vida**

Maria nunca se acostumou totalmente com São Paulo. Um dia quer voltar para lá, depois que a casa estiver pronta e as filhas encaminhadas. Na juventude em São Paulo, não foi possível grandes sonhos e ambições. Lembra-se de ter ido a um show do Amado Batista, no Asa Branca, conhecida casa de danças, e só. *E tenho medo de ir em festa aqui em São Paulo. É, porque, principalmente em festa em famia assim, dá bebo, eles bebe muito. Tem dia que eu ligo o som lá em casa, fico ouvino forró. Aí eu tô trabaiano e dançano. É muito bom, a vida da gente. A gente tem que levá a vida assim, tá ótimo. Porque se a gente fica só pensano, a cabeça da gente fica dum jeito que num dá. E você pensa numa coisa, pensa otra, aquilo vai... Se eu sei que eu tenho que pagá, mais se eu num tenho condição de pagá, a gente deita na cama, parece que a cama fica rodano assim, que chega uma hora, que a gente num güenta. Por isso que eu num gosto nem muito de pensá nas coisas, num gosto não.*

*Por isso que eu acho que existe muita gente aí com pobremas sérios, através disso, fica pensano muita coisa. Eu tento num ficá pensano muita coisa na cabeça. Tento num ficar fazeno pranos, vou fazê isso. Não. Eu gosto assim, se der pra fazê, vamos fazê, se num der tamém, disisto logo.*

*Minhas filhas... A Carina faz curso de cabelerera aqui na Brigadeiro. Dorme até oito, nove hora. A Camila também. A Nice trabalha na verdade, né, mais elas têm uma boa vida. Vai, passeia, vai em festa e tudo. Quem diria que eu tinha essa vida. Num tinha, nunca tive essa vida. Eu fazia boneca de pano. Eu memo fazia. Eu fui uma criança, que eu sei fiar linha, tinha o parafuso que eles fala, de enfiar a linha com o algodão. Eu ia fazeno assim, fazeno a linha pra mim costurá. Eu buscava capim no mato pra fazê colchão pra mim dormi. Eu remendava minhas ropa, eu num tive infância assim, como essas menina teve. Hoje em dia elas têm tudo.*

*A Tatiana teve a filha dela, num trabalhava, eu que comprei tudo pra minha neta. Foi morá com o pai da Graciele, nunca tinha trabalhado com vinte ano. Depois que ela foi morá com o marido dela, que ele ficou desempregado é que ela arrumou um seuviço. Que eu arrumei pra ela lá com o Fernando. Quando ele foi morá com a Luciana, e a Luciana queria uma empregada por mês. Aí eu falei: óia, eu num posso trabaiaá por mês, porque eu tenho minhas outra patroa, então eu vô dexá minha fia trabaiaando com ocêis por mês. Trabalhô acho que uns quatro ou cinco ano lá no Fernando, depois eu arrumei pra ela numa loja que eu trabaiaava com a Cibele, uma loja de persiana. Depois ela foi trabaiaá cum a Sueli. Só que agora ela tá grávida de novo e nem tá trabalhano mais.*

### **A vida atual: Maria às voltas com a casa, o marido e as filhas**

*A Nice sempre foi uma menina esforçada pra trabaiaá. Com onze ano ela me deu um liquidificadô de presente no dia das mãe. Com o primeiro dinheiro que ela recebeu do seuviço que ela trabaio de babá. Sempre trabaiano, sempre lutano, tadinha. A Nice sempre foi assim. E as outra, igual. A Camila trabaia comigo. A Carina de vez em quando ela arruma um bico, trabaia em casa, faz trança, faz escova, tá fazeno curso de cabelerera. Tá arrumano sua vidinha. E eu sempre falo pra elas, junta uns*

*trocadinho, quando arrumá um serviço vai ajuntano um dinherinho, que elas têm o prano de futuro delas, né, elas sempre fala, eu quero trabaiá pra comprá isso, comprá aquilo, guardá um dinheiro que eu quero fazê um futuro. Então eu falei assim, minha fia, começa desde agora, e elas lutano. Mas hoje em dia tá difícil.*

*A Tatiana foi muito levada, ela foi muito baguncera. A Nice também, a Nice foi uma menina assim muito que respeitava eu e meu marido. Mais depois que ela começô estudá à noite, acho que ajuntô com umas amiga e começô sair e fazê coisa errada. Ah, ela saía com as amiga, num falava pra onde ia, saía escondida. Aí depois rumô um namorado, engravidô dele. Igualzim foi a Tatiana, a mesma coisa, que num ouviu conselho, o Preto sempre dava conselho pra elas: Cuidado, que os rapaz de hoje em dia, eles num quer nada sério, eles quer só zuá. Elas achava ruim, pensava que ele tava dano conselho errado. Ele queria que elas arrumasse um namorado que fosse um caso sério, casasse, ele disse que tinha o maior prazê de ajudar no casamento dela, fazê o casamento dela. Só que foi tudo contrário, e nisso transformô em confusão.*

*A filha Tatiana não mora mais com Maria, casou-se e vive com o marido e a filha Graciela. A segunda filha, Nice, tem Laís e ambas moram com Maria: A Tatiana tem o marido dela, que é o pai da filha dela... Agora a Nice num deu certo com o pai da filha dela, que não convive junto. Ela que cria a filha dela. Inclusive a minha neta mora comigo, a da Nice. A da Tatiana mora com ela, que ela tem a casa dela, tem o marido dela e tudo. Agora a da Nice mora comigo. E a Nice mora comigo também. Num deu certo com o pai da Laís. Num chegô a casá. Eles tava fazeno os prano tudo, de casá no civil, de ter a casinha deles, mais depois não deu certo. Ela trabalha, cuida da filha dela, mais ela mora comigo.*

*Maria precisou contornar muitos desentendimentos entre o marido e as filhas mais velhas. Foi uma coisa assim, sabe, foi uma confusão que tinha dia que parecia que eu ia enloquecê. Nossa! E meu marido brigava com elas porque, meu marido ficô até com raiva do Adilso, que é o pai da Graciela, ele tomô raiva do Adilso, sabe. Que ele pensô que o Adilso que tinha responsabilidade dela tá grávida. Aí depois a Tatiana foi morá com ele, aí voltaram tudo nas boa de novo.*

A situação agravou-se quando a segunda filha também engravidou: *Aí a Nice engravida da Laís, foi aquela outra confusão. E ele pegô bronca do cara, do pai da Laís, porque ele diz que ele tinha a responsabilidade. Que ele avisô pra Nice e a Nice num ouviu ele. E ele num falava com a Nice, hoje em dia eles já se falam, voltô a paz em casa. Eles se falam, com a Tatiana e tudo, mais antes, foi muita, muita briga.*

Maria revela como cumpre o papel de mediadora dos conflitos na família: *E eu tinha que controlá tudo aquilo entendeu, sobrava pra mim. Eu tinha que ficá controlano um, controlano outro, uma coisa de loco isso... Eu controlava assim, eu dava conselho pra Nice... Aí eu falava pra ela assim, ó, quando ele chegá bebo, você num fala nada, se ele começá a falá, você sai fora, entendeu? Aí você num fala nada, num responde pra num criá caso. E outra hora falava pra ele, ó, você num tem nada que ficá impreciano ela, falano isso, falano aquilo, dexa que eu resolvo isso. Era assim, o controlamento era assim.*

Uma expressão que Maria usa muito é essa, “controlamento”, pois faz parte de sua vida controlar as finanças da casa, os problemas das filhas, as brigas da família: *Otra hora que a gente via que ele tava bebo, que ele tava chegano, as menina saía, despistava, pra dexá ele sozinho, eu também, ele chegava falano alguma coisa, eu saía assim pra rua, eu saía na casa de uma vizinha, dexava ele... Aí ele chegava e num achava a gente, ele ia direto pra cama, deitava e ia dormir. Aí quando ele acordava já acordava bom, sabe, pra evitá.*

### **Religiosidade**

Maria acredita em Deus, e que foi atendida por Ele nos momentos mais difíceis: *Deus viu que eu num merecia vivê aquela vida, eu olhei pra cima e pedi pra Deus, que se eu merecesse vivê a vida que eu tava levano, com discussão, magoano as pessoa, que eu tamém num gosto de fazê isso, que se Deus vesse que eu merecesse, tudo bem, que se ele vesse que não, que ele fizesse alguma coisa por mim. E foi que Deus ouviu a minha prece. Fui atendida. Agora, meu marido é evangélico e num bebe mais, graças a Deus.*

*Eu sô católica. Meu marido ele é evangélico, eu sô católica, mais nós dois se entende. Ele vai na igreja dele, eu vô na minha igreja. Eu num sô assim de ir na igreja direto, quando eu dô vontade de ir à missa, eu vô. Eu faço minha oração todo dia em casa. Todo dia. De manhã, na hora de dormi, se eu tô dentro do ônibus, eu faço minha oração tamém, qualqué lugá que eu tivé, eu rezo. Pai nosso, Ave Maria, Creio em Deus Pai e umas oração que eu aprendi quando eu era criança, eu rezo. Faço minhas promessa, faço minhas novena. Sô muito devota à Nossa Senhora de Aparecida, São Judas Tadeu, Santo Expedito, e de todos os Santos. Então é assim, eu vô na igreja dele, eu vô na minha. Ele num importa d'eu fazê minhas oração, eu tenho meus santo em casa. Ele num se importa. Tem Nossa Senhora da Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, tem uma santa lá que a minha patroa me deu, num lembro o nome dela. Fica tudo em cima da minha cômoda, dentro no meu quarto, eu cuido bem delas. Quando eu faço novena, eu acendo vela todos os dia, durante nove dias. . Todo ano eu vô pra Aparecida, e toda vida eu fui devota, católica...*

Além do marido, a mãe também tinha se tornado evangélica. Apesar de ter freqüentado a igreja da mãe, permaneceu no catolicismo, pois acredita que tem que ser sincera. Depois, com o passá dos ano minha mãe ficô evangélica. Eu tinha o que, uns doze ano, minha mãe ficô evangélica. Incrusive em Minas, eu ia pra igreja da minha mãe, lia a Bíblia pro pastor lá, que ele num sabia lê. Eu e minhas amiga lia a Bíblia e tudo, mais nunca meu coração pediu pra mim ser evangélica. E eles tentaram, eu dexá a minha religião católica e ir pra igreja evangélica. Eu falei, num adianta eu ir pra igreja evangélica fazê a vontade dos otro. Deus tá sabeno que meu coração num é evangélico, é católico. Num adianta, Deus tá ta lá em cima, tá veno tudo que nós tamo fazeno aqui. Então, minha mãe era evangélica, foi evangélica até o final, meus irmão passô a ser evangélico e depois voltô a ser católico. Meu pai é católico. Minha mãe era evangélica, mais ela ia em reza, novena, que até hoje faz lá em Minas. Até na igreja, que tem uma igreja lá na roça, que o padre celebra missa lá direto, ela ia à missa mais meu pai.

A aceitação das coisas como elas são não significa resignação. Maria luta, insiste, persiste. Busca alternativas, reformula seus sonhos: *Depois que eu tive minhas filha,*

*nunca tive vontade de casá, não. Eu sempre quero ser assim, do jeito que eu sô. Agora eu tenho vontade das minha filha casá. Que eu tenho minhas duas filha soltera, tem a Carina e a Camila. A Nice tamém é soltera, a Nice tem vontade de casá, nem que seja no civil, também. Eu falei, eu tenho vontade de ver minhas filha vestida, principalmente a Carina e a Camila, vestida de noiva... Mas eu falei pra elas, vamos entregá na mão de Deus.*

*Hoje em dia recibi uma bença de Deus que tá tudo maravilha em casa. Eu tenho minha casa, agora eu fiz a minha casa, a minha casa é grande, graças a Deus, dá pra mim e pros meus filho e quem chegá tem lugá pra eles, que antigamente eu num tinha. Tenho minhas coisinha, graças a Deus. Num vô recramá, tenho meu serviço que eu trabalho. Num tenho... dinheiro, num vivo aquela vida maravilhosa, mais num passo fome, sempre tem um dinherinho pra comprá as coisa pros meus filho, pra quem chegá na minha casa comê e bebê, graças a Deus. E tô levano a minha vida...*

### **A luta continua**

*A Tatiana num trabalha, quem trabalha é o marido dela. A Nice tá trabalhano, coitada, mais ganha muito poco, só dá pra ela, mal mal paga a escolinha da filha. Ela tem que fazê uma cirugia do maxilar, se ela num fizé essa cirugia é perigoso deslocá. É que cresceu muito o maxilar dela, então ela tem que fazê essa cirurgia, faz muitos ano que a gente tá lutano. Paguei os quatro ano os dentista pra ela, e eu num tive condição de pagá mais o aparelho dela, tive que interrompê. Agora ela tá pelo convênio da firma dela, mais memo assim, ela tem que pagá o dentista separado. Ela tá muito chateada porque ela num pode me ajudá.*

*Lá em casa agora quem tá trabalhano sô eu, que tô sustentano tudo, só eu. Inclusive meu telefone tá pifado essa semana, tá broqueado. Porque a Nice que tava pagano telefone e eu comandano o resto. Onti que ela conseguiu recebê e pagô o telefone, mais ficô as otra coisa pra trás. Eu falei assim, olha, vamo levano do jeito que Deus manda. De primero ficava c'aquela revolta, triste, chorava, comecei entrá em depressão com tudo isso. Mais hoje em dia eu me conformo com tudo. Eu falei: vamo devagar que nós consegue chegá lá.*



## 2- Considerações sobre as escolhas feitas:

A registrar o modo de falar de Maria Vieira, em sua história de vida, foi necessário fazer algumas opções. Como não se tratava de uma transcrição fonética de seu depoimento, era preciso escolher que características da oralidade registrar e que traços ignorar. Havia, por exemplo, uma série de características de pronúncia que poderiam ou não ser registradas no texto.

De maneira geral, foram três os critérios utilizados: legibilidade, identidade e musicalidade. Isto é, elementos que não interferissem na construção da identidade da personagem nem na musicalidade do texto, mas que pudessem dificultar a legibilidade foram excluídos. Por exemplo, a pronúncia do I no lugar do E (“minino”, “piqueno” etc.) ou do U no lugar do O (“cumer”, “puder”) foram desconsiderados.

Embora algumas características sejam comuns a praticamente todos os falantes do Português brasileiro, elas foram registradas por se considerar que não dificultariam a legibilidade do texto. E, também, para reforçar as diferenças entre a língua escrita e a língua falada. Em outras reportagens, contudo, elas poderiam ser suprimidas sem prejuízo para a construção da identidade do protagonista, em virtude de serem elementos presentes na fala de qualquer pessoa.

A principal dessas características é a supressão do R dos verbos no infinitivo: “limpá” “fazê”, “imprimí”. Apesar de ser uma característica da fala de praticamente todos os brasileiros, e não representar uma característica particular da oralidade de Maria, nem do grupo social ao qual ela pertence, ainda assim, considere importante registrá-la.

Entretanto, optei por não adotar esse procedimento em alguns verbos, em função da legibilidade, pois são verbos muito curtos: cair, dar, for, ir, pôr, sair, ser,

ter, usar e ver. Nestes casos, mantive a grafia da norma-padrão, embora a pronúncia desses verbos siga a de todos os demais.

Outra característica comum a praticamente todos os brasileiros é a contração do ditongo OU em O e do EI em E (“poço”, “quejo”, por exemplo). Da mesma forma, adotei a grafia “num” em relação ao não. Em ambos os casos, a decisão levou em conta o ritmo e a cadência do depoimento e a harmonia maior com o conjunto da fala da personagem.

### **Fenômenos variáveis:**

O interessante na observação da fala de Maria Vieira é que alguns fenômenos lingüísticos variam aleatoriamente. Ou seja, aparecem e desaparecem, independente dos vocábulos utilizados.

O exemplo mais claro é o da assimilação. Assimilação tanto do LH pelo I, quanto do ND pelo N e do MB pelo M. Isto é, Maria pode falar, na mesma frase, filha e “fia”, cantando e “fazeno”, também e “tamém”. Isso pode ter ocorrido em virtude de uma autovigilância. Isto é, em alguns momentos, Maria se corrigia. Em outros, acabava relaxando e utilizando seu modo mais usual de falar.

Mas neste caso, pode ser outra a razão. Como o fenômeno da assimilação acontece quando dois sons são articulados de maneira muito semelhante, é comum a todos os falantes alternarem os registros. Por isso, talvez seja natural, por exemplo, que Maria, às vezes, pronuncie o gerúndio com o ND e, às vezes, somente com o N.

Também há uma alternância em alguns vocábulos como alto e “arto”, serviço e “seuviço”, garfo e “galfo”. Neste caso, pode estar funcionando tanto a autovigilância quanto uma variação na memória lingüística. Ou seja, em determinada

época de sua vida, Maria articulava essas palavras de uma maneira. A convivência com outras pessoas fez com que ela modificasse o modo de falar. No resgate de sua própria história, a memória afetiva pode trazer de volta os modos antigos.

### **Outras considerações:**

Ao observar a fala de Maria Vieira, é interessante notar que alguns fenômenos lingüísticos aparecem em situações bem específicas. Quando seu relato se dirige à terra natal, Maria recorre, pela primeira vez, ao arcaísmo ‘alembra’. Este vocábulo, assim como outros relacionados ao Arcaísmo, pertencem a um Português antigo, que sobreviveu nas regiões mais interioranas do Brasil.

Outro registro importante é que, apesar de Maria pertencer ao grupo de falantes menos escolarizados e, por isso, articular a língua em uma de suas variedades não-padrão, ela é capaz de incluir na sua fala termos sofisticados, como cruel, poupado, dispensar, interromper, e mesmo gírias mais contemporâneas, como o verbo zoar.

Isso demonstra que, embora haja um padrão predominante, mesmo uma falante de baixa escolaridade como Maria é capaz de variar seu registro oral e articular diferentes variedades da língua. Isso torna a questão da oralidade ainda mais complexa.

Capítulo 5

# Conclusões

## 1- A importância da oralidade:

Um jornalismo que se pretende revelador do real tem como princípio o ser humano e como foco, a busca da dignidade de homens e mulheres. Para isso, a reportagem de aprofundamento se constrói a partir de protagonistas. É por meio deles que são narrados os acontecimentos e fatos relevantes. Os protagonistas, em suas jornadas cotidianas, representam a epopéia humana.

E um dos elementos constitutivos da identidade de qualquer ser humano é a maneira como articula a linguagem. O modo como fala revela não só a origem, história e universo cultural do falante, como também sua visão de mundo.

No caso do Brasil, as variedades lingüísticas não-padrão sofrem intensa rejeição na sociedade, na cultura e nos meios de comunicação. Seus falantes são estigmatizados como “ignorantes” e incapazes de articular “corretamente” o idioma. Isso provoca um dilema no profissional que pretende incorporar a oralidade de falantes de baixa escolarização em sua reportagem.

A análise dos livros-reportagem de Caco Barcellos e Antonio Carlos Prado revelam que a incorporação do modo de falar dos protagonistas é um elemento que pode, ou auxiliar na própria estruturação da narrativa jornalística, ou destruí-la.

Caco Barcellos, em *Abusado – o dono do Morro Dona Marta*, enfrenta o desafio de incorporar a fala dos moradores do morro carioca, apesar do risco de reforçar os preconceitos de que são vítimas. O autor supera esses riscos ao construir protagonistas integrais. Personagens que, apesar da violência em que estão inseridos e de que são reprodutores, têm revelada sua dimensão humana.

Ao incorporar o modo de falar de seus personagens, com tudo aquilo que é considerado “errado” pela norma-padrão, o autor logra também legitimar variedades

lingüísticas desvalorizadas pela sociedade. E acaba, assim, também por estimular a pluralidade cultural, ao dar visibilidade a expressões específicas da cultura.

Com a incorporação da oralidade, a grande-reportagem de Caco Barcellos se humaniza e se enriquece.

Orientação diversa é seguida por Antonio Carlos Prado. Em *Cela Forte Mulher*, o autor corrige as falas de todas as suas personagens, aproximando-as da norma-padrão. Com isso, desperdiça a oportunidade de enriquecer sua narrativa com a multiplicidade de falares de mulheres de diferentes origens, histórias e grupos sociais.

Mas a operação realizada por Antonio Carlos Prado não significa apenas abrir mão da possibilidade de ampliação dos níveis de aprofundamento de sua reportagem. O resultado é ainda mais devastador.

Com falas padronizadas e corrigidas, suas personagens perdem identidade e autenticidade. Tornam-se frágeis e até irreais. Em consequência, a própria reportagem, em vez de desvendar o real, transforma-se em um simulacro da realidade.

## 2- Sobre a história de vida:

A história de vida de Maria Vieira é uma tentativa de demonstrar a viabilidade de incorporar modos não-padrão de articular a língua falada à reportagem de aprofundamento. E de que ao fazer isso, é possível manter a dignidade do personagem e não reforçar o preconceito lingüístico que a nossa cultura constrói em relação a esses falantes.

Neste sentido, houve a preocupação de ir além do factual, incorporar a dimensão social, penetrar no campo da cultura e tocar no mito.

A dimensão social na reportagem foi articulada ao retratar a vida de uma das milhares de mulheres que garantem a ordem e a limpeza das casas de classe média. Afloram, na história de Maria, as relações que se estabelecem entre patrões e empregados. Que vão da cumplicidade, da solidariedade e do espaço quase familiar, ao autoritarismo, à desconfiança e à exploração, numa reprodução permanente de uma tradição escravocrata, arraigada em todo o Brasil.

Mentalidade escravocrata presente na fazenda mineira que obriga a empregada a levantar às quatro da madrugada para preparar o café-da-manhã dos vaqueiros. Que explora até o limite do concebível ao exigir que a demissionária, antes de partir, limpe o terreno das ervas daninhas. Não estaria aí uma metáfora da abolição, quando a oligarquia brasileira foi indenizada pela perda de seus escravos?

Mentalidade presente também na capital paulista, em que a senzala é modernamente transformada em quarto de empregada, que pode abrigar a serviçal e os passarinhos. Gente e animais colocados no mesmo patamar de dignidade.

O contexto social também aparece na história da migrante, que sai da sua terra em busca de melhores oportunidades e condições de vida. E que enfrenta novas adversidades, preconceito, incompreensão, mas também alguma solidariedade.

A história de vida penetra no campo da cultura, ao revelar modos de vida, tradições, costumes, visões de mundo. Em seus escritos, Roberto DaMatta (1984) mostra que os elementos mais eloquentes de nossa cultura são o futebol, a religiosidade, as festas e a comida.

Na história de Maria sobressai a culinária mineira, mas não aquela culinária conhecida no restante do país, de pratos elaborados e gordurosos. Surgem hábitos alimentares da “roça”, como o “capitão de feijão” – que deve ser comido com as mãos –, passa pelo café com leite, com uma pitada de sal, pela farofa de “rala de queijo”, até o fubá suado, que compõe o reforçado “tira-jejum” de boiadeiros e trabalhadores rurais.

A religiosidade também está presente no relato de Maria. Uma religiosidade não dogmática, intimista por um lado e, por outro, também social, ou relacional, como afirma DaMatta (1984).

Intimista na devoção e no diálogo direto com Deus, sem a intermediação de clérigos. Diálogo franco, em que as petições são apresentadas de maneira bastante objetiva: “se é pra ser assim, que seja, senão, mude!”. Intermediação, somente de santos e santas, inclusive daqueles que nem o nome se sabe.

Mas religiosidade também social, em que se misturam rituais e tradições ancestrais: as orações aprendidas na infância, a novena, a missa, as rezas que reuniam toda a comunidade. Religiosidade relacional também no diálogo e na convivência com o marido evangélico.



Em relação às dimensões míticas do relato, parece ser o campo mais difícil de avaliação. São aqueles elementos que ultrapassam as fronteiras da cultura e constituem as referências universais do ser humano. Neste sentido não estaria incluída aí a enorme capacidade de sobrevivência e transformação demonstrada por Maria?

E a própria dimensão mítica da migração? A repetição de uma saga universal, que remonta aos tempos imemoriais, quando o ser humano era nômade por natureza e vocação. Já que o ser humano é obrigado a lidar com os limites da própria existência, surge o impulso permanente de deslocar-se, transladar-se para, enfim, viver outra vida.

E o desejo de voltar ao lugar de origem para terminar ali a vida, encerrando o ciclo da existência? Lugar que talvez já não tenha as mesmas características, os mesmos costumes, nem as mesmas pessoas, mas que ocupa o espaço mais nobre na memória afetiva.

Se todos esses elementos estão presentes, então, teria sido atingido o campo do imaginário e a história de vida construída teria cumprido as ambições da reportagem de aprofundamento.

Com isso, a reportagem teria superado o risco de estigmatização da personagem. A construção do protagonista de forma integral, em todas as suas dimensões, é a garantia de não reforçar preconceitos lingüísticos em relação ao seu modo de falar. A partir daí, a incorporação da oralidade de uma falante não escolarizada seria um fator de enriquecimento da grande-reportagem.

### 3- A ausência de oralidade:

A análise da reportagem de Cláudio Cerri, entretanto, levanta uma questão: a grande-reportagem pode aprofundar um tema desprezando os modos de falar de seus personagens? Ao que tudo indica, pelo resultado da reportagem “Um rio à procura de um país”, a resposta é afirmativa.

Isso levaria a uma contradição com o que foi levantado nesta pesquisa. Se é possível construir uma reportagem de aprofundamento ignorando a maneira como os protagonistas articulam a língua falada, qual a importância da oralidade brasileira para o Jornalismo?

Mas é um falso paradoxo. Ocorre que a reportagem de Cláudio Cerri é estruturada como se fosse um ensaio. A narrativa recorre às funções poética e referencial da linguagem. A função referencial está expressa na elaboração do conjunto de informações recolhidas com especialistas, técnicos, lideranças e populares. Para articular essas informações, o autor não precisa de nada além das ferramentas do Jornalismo convencional.

Já a função poética surge na arquitetura do texto de Cerri. Ele constrói uma narrativa em que o rio São Francisco se transforma no grande protagonista. Une, assim, informação e metáfora. Com isso, ganha relevância a poesia – o texto em si – e o narrador, que articula os sentidos poéticos.

Homens e mulheres que vivem e sobrevivem às margens do rio acabam ficando em segundo plano. Continuam sendo personagens, mas não protagonistas da reportagem. Com isso, a narrativa pode prescindir da oralidade dessas pessoas.

Ou seja, por um lado é possível realizar uma reportagem de aprofundamento sem priorizar os falares dos personagens. Mas por outro, o trabalho jornalístico que

tenha como protagonistas seres humanos e, principalmente, falantes de variedades lingüísticas não-padrão, não pode abrir mão desse elemento significativo da identidade dos próprios protagonistas. O desaparecimento ou a adulteração dos modos de falar dos personagens coloca em risco o próprio projeto de aprofundamento desse trabalho jornalístico.

#### 4- Questões abertas:

Nesta pesquisa, procuramos defender a tese de que a incorporação dos falares, principalmente da gente comum, de baixa escolaridade, é um dos fatores de enriquecimento da grande-reportagem. Daquele trabalho jornalístico que tenha a ambição de desvendar o real. Da reportagem que tenha a ousadia de enfrentar os modelos estabelecidos e as fórmulas narrativas conservadoras.

Mas o papel que a oralidade pode desempenhar nesse tipo de Jornalismo ainda pode estimular novas pesquisas. Por exemplo, que laços a narrativa jornalística embebida nos falares de heróis anônimos pode estabelecer com seus leitores?

Outra questão seria discutir se o jornalismo tem a função de legitimar falares diferentes da norma-padrão da língua. Como mediador cultural, caberia ao jornalismo romper as regras das gramáticas normativas e propor novas linguagens, novas formas de registro da Língua Portuguesa?

É possível ainda levantar a discussão sobre as formas de incorporar a oralidade na grande-reportagem. É possível estabelecer parâmetros de registro das falas, sobretudo, de falantes de baixa escolaridade? Existem outras possibilidades de abarcar distintos modos de falar? Como articular variedades não-padrão da língua falada com falantes da variedade padrão numa narrativa jornalística?

Enfim, o Jornalismo de aprofundamento e a questão da oralidade são dois campos tão ricos nas práticas que têm surgido e nas reflexões que têm suscitado, que uma pesquisa é capaz de lançar apenas um pequeno olhar sobre o tema.

## Referências:

- ANTELO, Raúl (org.). **João do Rio: a alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Dramática da Língua Portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BARCELLOS, Caco. **Abusado – O Dono do Morro Dona Marta**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Jornalismo, Magia, Cotidiano**. Porto Alegre: Editora da ULBRA, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Sob o nome de real: imaginários no jornalismo e no cotidiano**, 2003. São Paulo: ECA/USP (tese de doutorado), 2003.
- BOCCHINI, Maria Otília e ASSUNPÇÃO, Maria Elena Ortiz. **Para escrever bem**. Barueri (SP): Editora Manole, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, s/d. [1. ed., 1949].
- CANDIDO, Antonio e outros. **A personagem de ficção**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física – um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- \_\_\_\_\_. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CASATTI, Denise. **Viagem ao outro – um estudo sobre o encontro entre jornalistas e fontes**. São Paulo: ECA/USP (dissertação de mestrado), 2006.
- CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura – a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.
- CERRI, Cláudio. **Um rio à procura de um país**. Globo Rural n. 180, out. 2000.
- CREMA, Roberto. **Introdução à Visão Holística**. São Paulo: Summus, 1991.

- DAMASCENO, Diana. **Biografia jornalística: o texto da complexidade**. Rio de Janeiro: Editora Univercidade, 2004.
- DaMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **A Era da Consciência**. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1997.
- DANTAS, Audálio (org.). **Repórteres**. São Paulo: Editora do Senac, 1999.
- DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- ENCINAR, Ángeles e PERCIVAL, Anthony. **Contexto teórico-crítico, histórico y cultural**. In: **Cuento español contemporáneo**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1997.
- FARO, J. S. **Revista Realidade 1966-1968: tempo de reportagem na imprensa brasileira**. Porto Alegre: Editora da Ulbra, 2000.
- FÁVERO, Leonor. **A entrevista na fala e na escrita**. In: PRETI, Dino (org.). **Fala e Escrita em Questão**. São Paulo: Humanitas (FFLCH/USP), 2000. Coleção Projetos Paralelos NURC/SP, v. 4.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Relato de um naufrago**. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GUIMARÃES ROSA, João. **Manuelzão e Miguilim**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.
- HERRERA, Earle. **El Reportaje, el Ensayo: de un género a otro**. Caracas: Ediciones Eldorado, 1991.
- HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- KÜNSCH, Dimas Antonio. **Maus Pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística**. São Paulo: Annablume, 2000.

- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Da vigília ao sonho lúcido**. In: MEDINA, Cremilda e GRECCO, Milton (orgs.). **Novo Pacto da Ciência 3 – Saber Plural**. São Paulo: ECA/USP, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Narrativas de Transformação**. <http://www.textovivo.com.br>. Acesso em 10 jul. 2004.
- \_\_\_\_\_. **Registros breves para uma história futura**. <http://www.textovivo.com.br>. Acesso em 3 jul. 2004.
- LUDUVIG, Mônica Martinez. **Jornada do herói: estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: ECA/USP (tese de doutorado), 2002.
- LUYTEN, Joseph. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: ECA/USP (tese de doutorado), 1984.
- MAILER, Norman. **A Luta**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita – atividades de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 2003.
- MITCHEL, Joseph. **O Segredo de Joe Gould**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1983.
- \_\_\_\_\_. (org.). **O Novo Pacto da Ciência - A Crise dos Paradigmas**. São Paulo: ECA/USP, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A Arte de Tecer o Presente – narrativas e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.
- MEDINA, Cremilda e GRECO, Milton (orgs.). **Planeta Inquieto: direito ao século XXI**. São Paulo: ECA/USP, 1998.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Brasil fora de si – experiências de brasileiros em Nova York**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Augusto e Lea – um caso de (des)amor em tempos modernos**. São Paulo: Contexto, 2006.

- MODERNELL, Renato. **A notícia como fábula: o entrelaçamento da ficção com a realidade no texto jornalístico**. São Paulo: ECA/USP (dissertação de mestrado), 2004.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Rio: Bertrand Brasil, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de uma epistemologia complexa**. In: MORIN, Edgar. **O Problema Epistemológico da Complexidade**. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996.
- NICOLESCU, Basarab. **Ciência, sentido e evolução – a cosmologia de Jacob Boehme**. São Paulo: Attar Editorial, 1995.
- PENNAC, Daniel. **Como um Romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- OSORIO VARGAS, Raul Hernando. **O lugar da fala na pesquisa da reportagensaio: o Homem das Areias, um flagrante do diálogo oratura-escritura**. São Paulo: ECA/USP (tese de doutorado), 2003.
- PENA, Felipe. Biografias em fractais: múltiplas identidade em redes flexíveis e inesgotáveis. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 94-105, jan./jun. 2004.
- PRADO, Antonio Carlos. **Cela Forte Mulher**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2003.
- PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social**. IN PRETI, Dino (org.). **Fala e Escrita em Questão**. São Paulo: Humanitas (FFLCH/USP). 2000. Coleção Projetos Paralelos NURC/SP, v.4.
- REED, John. **10 dias que abalaram o mundo**. São Paulo: Global Editora, 1978.
- RESENDE, Fernando. **Textuações: ficção e fato no novo Jornalismo de Tom Wolfe**. São Paulo: Annablume, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico**. São Paulo: ECA/USP (tese de doutorado), 2002.
- RESTREPO, Luis Carlos. **O Direito à Ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. **A linguagem oral no telejornalismo brasileiro**. São Paulo: ECA/USP (tese de doutorado), 2002.
- RUSSEL, Peter. **O Despertar da Terra - O Cérebro Global**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez Editora. 2003.



- SOUZA SANTOS, Boaventura. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VENTURA, Zuenir. **Chico Mendes – crime e castigo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- URBANO, Hudinilson. **Oralidade na Literatura – o caso Rubem Fonseca**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- VILAS BOAS, Sérgio. **Páginas da vida – a arte biográfica e perfis**. São Paulo: ECA/USP, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Biografias e biógrafos – jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.
- WEBER, Renée. **Diálogos com Cientistas e Sábios**. São Paulo: Cultrix, 1986.
- WOLFE, Tom. **Os Eleitos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- \_\_\_\_\_. **The New Journalism**. New York: Harper & Row, 1973.